

A Experiência de
Formação,
Fortalecimento e
Fomento a Coletivos de
Adolescentes e jovens
Auto-Organizados





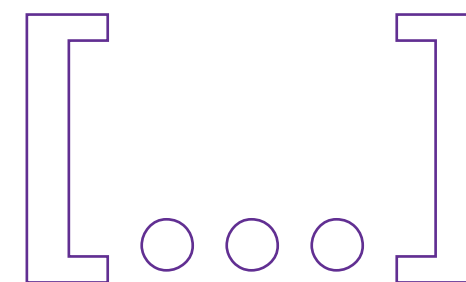




A Experiência de **Formação, Fortalecimento e Fomento a Coletivos de Adolescentes e jovens Auto-Organizados**

CEDECA CEARÁ 30 ANOS

*Fortaleza
2024*



*é precisamente para
perceber o novo, não para
julgar o novo em função
do velho, que deve servir a
experiência.”*

Rudolf Steiner



Chegança

Ao comemorar 30 anos de existência e de atuação no campo da defesa e promoção dos direitos humanos de crianças e adolescentes, o CEDECA Ceará¹ vê-se diante de mais um desafio: compartilhar a experiência de formação, fortalecimento e fomento a Coletivos de adolescentes e jovens auto-organizados.

Esta experiência, tecida com inúmeras mãos e costurada com as linhas multidiversas das também inúmeras parcerias, constitui-se num *enigma*. Sempre que revisitada, longe de trazer aportes conclusivos, levanta mais questões do que aponta respostas prontas. E não porque não se tenha construído trilhas e traçado muitos *mapas de percurso* desse vivido no trato com os Coletivos, mediante a árdua luta por direitos no nosso país, mas justamente pelo fato de que essa experiência segue em curso, pulsa, vive.

Ao procurar, pois, traduzir para um público mais amplo esta ação, tivemos o cuidado de tratar cada aspecto desse caminho de modo muito delicado. Esses vividos nos foram confiados (no que concerne aos métodos com que fomos abordando cada contexto, Coletivo ou Território ao longo dessa trajetória) pela coragem de olhar as Infâncias, Adolescências e Juventudes no âmbito de suas singularidades — e concebendo esse modo de olhar já como um direito seu *a priori*.

Dito de outro modo: o *enigma* que representa o nascimento de cada ser humano no mundo para nós se estende ao nascimento de seres Coletivos, como são estes de que tratamos aqui. Eles carecem de proteção, de acolhimento, de envoltório tanto quanto qualquer recém-nascido — e, depois de plasmados, vivem todos os ciclos qual nós, em nossas/suas diversas fases. São muitos os *mistérios* que circundam esses ciclos na vida de cada ser, mas com eles lidamos quando, no mister de construir uma sociedade mais equânime, os acolhemos e tra-

tamos a partir do que nossos saberes a cada momento nos ensinam como *pistas*.

Que possamos, então, com reverência e gratidão, compartilhar o que aprendemos desse *fazer* que começou muito pequenininho em tamanho, mas sempre imenso em intenção daqueles e daquelas cujas vidas dependem do fato de que todos, todas e todes, em sociedade, saibamos da sua importância e prioridade pela condição especial de desenvolvimento² que os/as cerca.



Quando escrevemos este guia, em muitos momentos a prosa esticou um pouco mais ou foram feitas referências a temas que, pelas delicadezas, precisam ser detalhados no miudinho. Alguns desses detalhamentos estão próximos ao assunto, referenciados por palavras marcadas por uma cor de destaque que levam a caixinhas laterais. Quando a conversa rendeu um pouco mais, para facilitar a leitura, a gente segue aquela conversa ao fim de cada parte, referenciados por números. Gostamos de chamar essas seções de “janelas”, uma abertura, uma fresta bem aberta para seguirmos pensando um pouco mais sobre questões que nos são tão caras.



1. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Os Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECAs) foram fundados no bojo da luta dos movimentos sociais da Assembleia Constituinte para aprovação do Artigo 227 da Constituição Federal de 1988. O Artigo 227 diz: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Depois de aprovado o Artigo 227, a luta dos movimentos pela Infância continuou, agora para aprovação de uma Lei que regulamentasse esse Artigo, de onde nasceu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Do ECA nasceram, então, os CEDECAs

Mas é interessante saber que mesmo antes do ECA já existiam (não com esse nome) algumas entidades com o caráter dos CEDECAs — e elas foram uma inspiração para a sua inclusão no ECA. O Art. 87 do ECA prevê a criação de Centros de Defesa Jurídico-Social como um direito de crianças e adolescentes. Dessa forma, os CEDECAs/Centros de Defesa de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes são organizações previstas no próprio ECA. Nesse contexto, muitos CEDECAs no Brasil inteiro começam suas atividades. E, em 1º de março de 1994, em Fortaleza, nasce o CEDECA Ceará, que formalmente é constituído em 13 de junho de 1995.

2. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Falar de condição especial de desenvolvimento nos remete à questão da Proteção Integral. No Brasil, a proteção integral é assegurada tanto na Constituição Federal de 1988 quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA de 1990. E pra citar uma referência do próprio CEDECA Ceará, vejamos o que nos diz Marina Araújo Braz sobre esse assunto na cartilha Participação Política de Crianças e Adolescentes de 2017:

“E o que é a proteção integral?”

É a universalização do direito à vida humana na fase mais crítica do nosso desenvolvimento como pessoa (a infância e a adolescência). Nessa fase é preciso que a sociedade — isso mesmo: todas as pessoas! — ofereça às crianças e aos adolescentes as devidas condições de: sobrevivência (ligadas à vida, à saúde e à alimentação); de desenvolvimento pessoal e social (que tem a ver com a convivência familiar e comunitária, com a educação, o esporte, a cultura e lazer, a proteção do trabalho e a profissionalização); e também com a integridade física, psíquica e moral desses sujeitos (como o exercício da liberdade, o respeito e a dignidade).”



Azeitamento

Seguindo no compartilhamento de nossa experiência no trato com as Infâncias, Adolescências e Juventudes, decidimos pelo formato de uma publicação em que os vários aspectos dessa experiência possam dialogar entre si. A intenção, nesse sentido, é buscar aproximar o leitor ou leitora desta experiência.

Para isso, aceitamos a *provocação* feita por um dos nossos mais antigos parceiros, a Save the Children¹: resolvemos contá-la como um *guia* para que outros sujeitos, em seus devidos contextos e consoante suas realidades, possam se mirar (enquanto referência) no que temos feito e avançado — e também no como temos feito para avançar.

Da forma como o concebemos, este *guia* está bem longe de ser algo estanque, acabado, concluído. Pensamos, porém, que seria muito desperdício (de experiência) não trazê-lo com elementos do que fomos construindo enquanto *modos de fazer* de uma entidade que, como um Centro de Defesa de Direitos Humanos, foi também crescendo, enquanto organismo, ao longo do tempo.

Assim, você vai encontrar aqui várias *consignas*² ou chamadas que têm tudo a ver com o caminho percorrido a partir de como fomos *nomeando*³ o que fomos construindo.

Como um elemento a mais, resolvemos tomar emprestada da Antroposo-

fia a concepção dos doze *sentidos humanos* para poder perceber cada tema ou assunto a partir dessas *janelas* que se abrem não só para fora, mas para *dentro* de cada vivência. Na nossa compreensão, só exercitando pelo menos doze formas de apreender o que produzimos é possível alcançar, para poder de fato compartilhar, um pouco do muito que temos vivido.

E pra não perder a viagem, melhor, para não deixar de *azeitar* no sentido mais literal em que a gente usa esse termo, que tal dar uma esticada no corpo, mexer cada articulação dos dedos das mãos, passando pelas munhecas, cotovelos, ombros, fazer aquela rotaçãozinha para um lado e para o outro com a cabeça (tendo o cuidado de deixar a boca nem muito fechada nem muito aberta), fazer caretas, depois descer pela cintura (sempre mexendo com movimento *redondo*, circular, as articulações), descer pelos joelhos, tornozelos — e finalmente chegar aos pés, trabalhando não só cada dedinho como também dando uns *soquinhos* bem no meio de cada pé pra gente acordar e seguir bem desperto ou desperta na leitura/vivência deste *guia*? O convite está feito!



1. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

A Save the Children é parceira do CEDECA Ceará desde 1999. Parceria, neste caso, significa não só apoio financeiro, mas formações, intercâmbios, trocas de saberes e de experiências que têm sido muito frutíferas há 24 anos. Em 2002, foi a partir de uma provocação da Save que o CEDECA Ceará topou o desafio de trabalhar com adolescentes na pegada do monitoramento do Orçamento Público. Disso ainda vamos falar. Por ora, é reverenciar e expressar nossa gratidão por essa longa e profunda parceria.

2. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Conjunto das consignas pensadas para esta publicação:

- Chegança (formas de chegar num encontro, num território, numa parceria, num movimento etc.)
- Repertórios pedagógicos (azeitamentos, amorizações, místicas, entre outros dispositivos de que nos valem para os encontros, incluindo a logística)
- Performances & poéticas (tudo o que de poético, plástico, artístico, estético se articula em termos de forma e conteúdo com as ações)
- Experiências & aprendizagens (trata sobre o vivido e o aprendido)
- Memória & Territórios (o que se refere a esses temas no trato com os Coletivos)
- Participação & Direitos (idem)
- Arte & Comunidade (idem)
- Delicadezas do cotidiano (situações-problema, questões, desafios postos e que exigiram/exigem presença de espírito na sua resolução)
- Desafios (elementos provocativos para o leitor/a leitora no

sentido de colocar em prática o que a experiência propõe)

- Referências & reverências ou Reverências & referências (obras, autores e autoras, materiais pedagógicos e/ou institucionais que possam ser linkados, gratidão expressa por pessoas e/ou coletivos)
- Repertórios Institucionais (recortes de formatos institucionais em termos de programas, núcleos, entre outros, já vividos ou em curso no CEDECA Ceará)

3. DESAFIO

Como fruto de um percurso que envolveu muitos técnicos e muitas técnicas, Assessores e Assessoras Comunitários/as da equipe do CEDECA Ceará, foi-se construindo, tanto quanto modos de fazer, modos de dizer desses fazeres. Assim, quando vamos contar uma história, tomamos emprestado o título de um quadro de um programa infantil chamado Castelo Rá Tim Bum, da TV Cultura, chamado: Senta Que Lá Vem a História! Quando queremos dizer daqueles e daquelas que conservam e compartilham as vivências dos territórios ou as lutas comunitárias, chamamo-los de Guardiães e Guardiões da Memória. Quando nos referimos aos trabalhos e atividades que envolvem as múltiplas artesanias, mas também o corpo na relação com esses fazeres, dizemos sobre Corpo & Artesanias. Quando, a despeito do contexto de extermínio das juventudes negras, chamamos os Coletivos para fazer uma Imersão e seguir na afirmação da vida, falamos de Periferia Vive e Cria! E quando tratamos com cada Coletivo em seu Território com as delicadezas próprias a cada um e seu modo de se reinventar para prosseguir, dizemos das delicadezas do cotidiano. Essas são algumas das Performances que fomos nomeando na nossa trajetória. O que você acha de performar, quer dizer, criar um nome ou um termo junto com seu Coletivo para momentos de atividade ou ações que criam um ritmo no seu trabalho — e ir construindo também a sua própria metodologia?



Amorização Inicial

(o que você vai encontrar neste guia)

19 *1. Guardiãs & Guardiões da Memória – Formação Política & Mobilização Comunitária (sentido do Tato)*

- 1.1. Desafio: desenrolando o fio do Tempo
- 1.2. Repertórios institucionais: Assessoria Comunitária

39 *2. Repertórios institucionais – Concepções Político-Pedagógicas que orientam nossa ação (sentido Vital)*

- 2.1. Pausa para falar do desafio da Participação de crianças e adolescentes numa sociedade adultocêntrica

53 *3. Periferia vive e cria! Coletivos: como surgem, organizam-se, fortalecem sua identidade e constroem suas pautas (sentido do Movimento)*

- 3.1. Rede OPA
- 3.2. TruP'irambu
- 3.3. Tambores do Gueto
- 3.4. Alium Resistência
- 3.5. Meraki do Gueto
- 3.6. Raízes do Bom Jardim
- 3.7. Coletivo Revide

77	4. <i>Experiências & Aprendizagens – Territórios & lutas comunitárias: chegada e articulação das lutas locais com as lutas globais (sentido do Equilíbrio)</i>
85	5. <i>Experiências & Aprendizagens – mapeamento territorial & articulação de parceiros (sentido do Olfato)</i>
91	6. <i>Experiências & Aprendizagens – identificando os sujeitos da ação (sentido do Paladar)</i>
97	7. <i>Experiências & Aprendizagens – construindo atividades de mobilização (sentido da Visão)</i>
103	8. <i>Experiências & Aprendizagens – construindo vínculo e permanência nos Territórios (sentido Térmico)</i>
111	9. <i>Experiências & Aprendizagens – identificação de pautas e Matriz Pedagógica (sentido da Audição)</i>
119	10. <i>Experiências & Aprendizagens – trabalhar formações e formar na ação (sentido da Palavra)</i>

129	11. <i>Experiências & Aprendizagens – fortalecendo as identidades coletivas (sentido do Pensar)</i>
139	12. <i>Experiências & Aprendizagens – fomentando a autonomia e a auto-organização (sentido do Eu Alheio)</i>
144	<i>Repertórios Pedagógicos – sobre a importância da Logística</i>
146	<i>Ritmos da Assessoria Comunitária</i>
152	<i>Desafio Final</i>
160	<i>Mística final – agradecimentos</i>
164	<i>Referências & reverências</i>
168	<i>Amorização final – ficha técnica</i>



1.

Guardiãs & Guardiões da Memória

Formação Política & Mobilização Comunitária (sentido do *Tato*)

Então. Para chegar ao que atualmente temos como a estratégia de Formação Política & Mobilização Comunitária, com o pensamento nítido sobre *para que* temos essa estratégia dentro da estrutura ampliada do CEDECA Ceará, foi preciso o trabalho de muita gente.

Desde o início dessa caminhada havia a compreensão acerca de que era necessário apoiar-se no tripé da Defesa Jurídico-Social, da Educação Popular e da Mobilização Comunitária para exercer bem o papel de um Centro de Defesa de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes.

Quando o CEDECA Ceará foi fundado, porém, há pouco tempo o país havia saído de um período de ditadura militar que durou 25 anos, inserido num contexto em que “...as representações acerca de crianças e adolescentes estavam mergulhadas em concepções que tratavam esses sujeitos como objetos de proteção de controle e disciplinamento e de repressão social” (PINHEIRO, 2006) (e que em uma parte considerável da população, ainda não se defez até hoje) —, nesse contexto todo, por onde começar?

O CEDECA Ceará decidiu ir ao

encontro daquilo que precisava ser transformado quanto à concepção desse sujeito social, na esteira do que a Constituição Cidadã trazia e o ECA ratificava: criança e adolescente são sujeitos de direito com prioridade absoluta — nas políticas públicas no âmbito do Estado, na corresponsabilidade quanto a suas necessidades no âmbito da sociedade e na dimensão dos cuidados no âmbito da família.

Daí que, no nosso primeiro **setênio** (1994-2001), o foco foram as ações de mobilização comunitária: ações de rua, de sensibilização, com carro de som, panfletos. Essas ações procuravam dialogar com a população — e chegavam a ter um certo caráter *irreverente*, caracterizado tanto pela utilização de bonecos gigantes que desfilavam nos bairros mobilizados¹ quanto pela busca de *traduzir* de várias formas os direitos (do discurso direto a expressões em arte), de modo que

pudessem vir a ser verdadeiramente compreendidos pela população.

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Setênios são ciclos de 7 anos por que passa todo organismo vivo. A partir do estudo das leis biográficas que regem esses setênios, é possível ler a trajetória, quer de seres humanos, quer de organismos sociais, de uma maneira mais ampla e de modo a dar sentido ao que sucede com esses organismos em termos crises e oportunidades.

No segundo *setênio* (2001-2008) é possível perceber na promoção do Direito à Participação uma centralidade. É aqui que se formam as primeiras turmas de adolescentes para o Monitoramento do Orçamento Público e onde se criam as bases e depois a própria Rede Orçamento e Participação Ativa/Rede OPA², da qual falaremos adiante.

Chegar ao terceiro *setênio* (2008-2015), no entanto, foi viver uma grande crise institucional³. Ao mesmo tempo, foi quando se viu nascer uma Rede de Amigos e Amigas do CEDECA Ceará. Naquele momento, a organização estrutural da entidade tomava como referência, para os Eixos em que se dividia, os direitos expressos na Convenção Internacional dos Direitos das Crianças/CDC⁴. E apesar da crise, ou justamente por conta dela, o trabalho seguiu amadurecendo, tanto internamente quanto na relação com a sociedade.

O quarto *setênio* (2015-2022) traz o Núcleo de Formação Política & Mobilização Comunitária no desenho das estratégias institucionais e tem como marca o retorno ao trabalho com Coletivos de Adolescentes e Jovens⁵. Segundo percepções da própria equipe do CEDECA Ceará, esse é o *coração* do nosso trabalho, o que traduz o *espírito*

da entidade — ou seja, é a *ponte* entre todas as ações que já realizamos e o futuro que ensejamos em termos de efetivação de direitos de crianças, adolescentes e jovens.

Abrindo nosso quinto *setênio* (2022-2029), entramos em grandes processos de reformulação da vida organizacional, com muitas formações internas, revisão e/ou formulação/reformulação de diretrizes institucionais — e chegamos à comemoração dos 30 Anos do CEDECA Ceará.

Nesse sentido, ao olhar para toda essa experiência, vamos vendo os contornos do que fomos construindo quase como uma *pele* desse organismo vivo que é a entidade — e por isso o sentido do Tato nos vem em auxílio. A partir dele podemos perceber, como quando tocamos com as mãos, os pés ou os olhos em algo, alguém ou alguma coisa, o quanto nossas escolhas

foram feitas em função daquilo que reza a nossa Missão e a nossa **Visão**. E por isso somos muito agradecidas/agradecidos!

REPERTÓRIOS INSITUCIONAIS

Missão do CEDECA Ceará

Defender os direitos de crianças e adolescentes, especialmente quando violados pela ação ou omissão do poder público, objetivando o exercício integral e universal dos direitos humanos, e contribuindo para a construção de um modelo de sociedade livre das opressões estruturais.

Nossa atuação tem como fundamento os direitos consagrados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8069/90).

Visão do CEDECA Ceará

Ampliação da cultura democrática, do controle social das políticas públicas e da proteção jurídico social para efetivação dos direitos humanos, especialmente de crianças e adolescentes.

DESAFIO

Como um *desafio* a quem topou seguir conosco na leitura deste *guia*, propomos o exercício de desenrolar o *fio do tempo* dessa trajetória do trabalho do CEDECA Ceará no trato com a formação, fortalecimento e fomento a Coletivos de adolescentes e jovens **auto-organizados**. Não raro, temos como tendência perceber o Tempo de forma muito linear e apenas numa única direção, mas como será olhar para esse processo no sentido inverso?

REFERÊNCIAS E REVERÊNCIAS

Se você quiser mudar um pouco a ordem e conhecer logo que coletivos são esses, pode pular para a página 56 e depois voltar aqui pra desenrolar o fio do tempo com a gente!

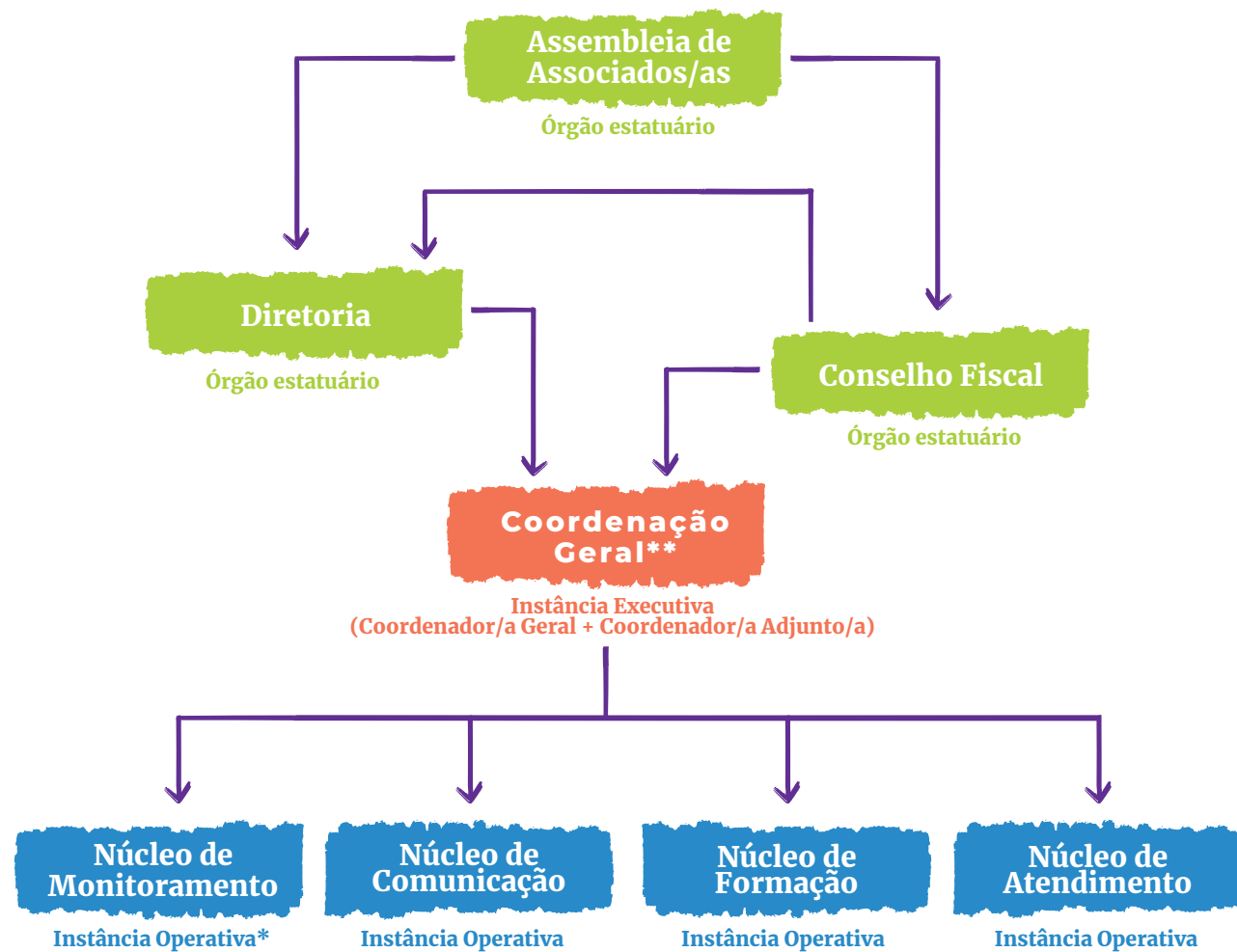
Isso é o que propomos. Antes de prosseguir, porém, que tal dar

REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Dentro da metodologia que temos desenvolvido, e sobretudo no que vivemos no período da pandemia com o TOPO? TOPA?, desafio é aquele momento em que fazemos uma provocação ao Coletivo, no sentido de uma atividade, de uma pesquisa, de uma reflexão, de algo que desacomode, inclusive, quanto a modos de pensar/sentir/agir na perspectiva de ir construindo junto com o Coletivo o conhecimento acerca do tema em questão naquele contexto formativo. Dito de outro modo, pode ser entendido também como uma ponte entre o momento presente e o momento futuro (do próximo encontro).

uma olhadinha em como está atualmente a nossa estrutura organizacional? No ano de 2022 concluímos e aprovamos junto ao corpo de Associadas e Associados do CEDECA Ceará o Plano Estratégico 2023-2026. Nele, uma nova configuração institucional está posta. E é a partir desse marco que iniciamos esse desenrolar do *fio do tempo*...

Modelo organizativo elaborado na discussão do Plano
Estratégico 2023-2026*



*Em vigor a partir de 2023, com a aprovação do novo Plano Estratégico

**As estratégias de incidência e de sustentabilidade são coordenadas, respectivamente, pela/o Coordenador/a Geral e pela/o Coordenador/a Adjunta/o

**Desenrolando o
*fio do tempo...***

Assessoria Comunitária aos Coletivos Alium, Meraki e Raízes e realização de muitas atividades autogestionadas pelos Coletivos; realização da *V Escola Política de Formação para as Juventudes*

2022



2023

Raízes do Bom Jardim com Assessoria Comunitária semanal; Meraki do Gueto, Alium Resistência e Coletivo Revide no Programa de Fomento 2023 e em processo de transição para a Rede de Juventudes. Realização da *1ª Imersão das Juventudes. Encantamentos: Periferia Vive e Cria*; Comemoração dos 10 anos do Coletivo Vozes de Mães e Familiares do Socioeducativo e Prisional

Início da pandemia de covid-19 e adaptação da Assessoria Comunitária para a construção da Matriz Pedagógica *TOPO? TOPA? – Teatro, Política e Participação* trabalhada junto aos Coletivos dos Territórios do Ancuri, Bom Jardim e Pirambu como parte da *III Escola de Formação Política para as Juventudes*; acompanhamento ao Coletivo TruPirambu e parceria com o Coletivo Tambores do Gueto

2020

2021

Realização do Programa de Fomento Poéticas do Cotidiano junto aos Coletivos de jovens (tutorias junto ao TruPirambu e Tambores do Gueto) e de adolescentes (Assessoria Comunitária junto ao Alium, Meraki e Raízes) no âmbito da *IV Escola de Formação Política para as Juventudes*. Ano marcado pela criação das identidades desses três coletivos. Início da aproximação com o Fórum Popular de Segurança Pública e construção da Marcha da Periferia com participação de todos os cinco coletivos

2019

Assessoria Comunitária aos Coletivos TruPirambu e Tambores do Gueto; Realização da *II Escola de Formação Política para a Juventude/Arte Contra A Barbárie*; promoção da *III Caravana Cultural das Juventudes*, que articula e dá início ao trabalho com três novos Coletivos de adolescentes no Ancuri, Bom Jardim e Pirambu

2018



Assessoria Comunitária aos Coletivos TruPirambu (Pirambu), Tambores do Gueto, Jovens Agentes da Paz (JAP) e Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS) (Bom Jardim) e Comuniginga (Jangurussu); realização da *I Escola de Formação Política para as Juventudes*. CEDECA ganha o Prêmio Itaú Unicef sobre o trabalho realizado com adolescentes nas periferias de Fortaleza.

2017

Assessoria Comunitária aos Coletivos TruPirambu (Pirambu), Tambores do Gueto, Jovens Agentes da Paz/JAP e Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim/Rede DLIS (Bom Jardim) e Palmerê, Cia Bate Palmas e Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan) (Jangurussu); lançamento de *Histórias e Lutas*: sistematização da experiência da Rede OPA/Rede Orçamento e Participação Ativa.

2016

Sistematização da experiência da Rede OPA, com produção de vídeo-documentário e publicação; Início do projeto-piloto *Direito a Ter Direitos* de enfrentamento à violência institucional contra crianças e adolescentes junto aos Territórios do Bom Jardim, Jangurussu e Pirambu; Assessoria jurídica às Ocupações das Escolas pelo Movimento Secundarista no Ceará.

2015

Realização da *V Jornada de Afirmção de Direitos de Crianças e Adolescentes*; formação para 45 adolescentes/adultos da Rede DLIS (Bom Jardim); formação para 70 adolescentes da Visão Mundial; oficina para 30 adolescentes junto ao Fórum DCA; sensibilização de 175 pessoas para intervenção nos orçamentos público, resultando em: aprovação de quase R\$ 1 milhão de reais para as políticas infantojuvenis no âmbito municipal; aprovação de R\$ 491.882,00 a mais para as políticas para infância no âmbito estadual; início do acompanhamento às Mães da Chacina do Curió, que acontece em novembro deste ano.

2014



Grandes mobilizações na Câmara Municipal de Fortaleza em favor da prioridade absoluta no orçamento público para 2015, com participação de adolescentes e jovens; assessoria aos movimentos que protestaram contra os megainvestimentos na Copa do Mundo de 2014, realizada no Ceará e no Brasil; realização da *IV Jornada de Afirmção dos Direitos de Crianças e Adolescentes*

Realização da III Jornada de Afirmação dos Direitos de Crianças e Adolescentes; acompanhamento de algumas atividades da Reajan e do Fórum de Educação da Praia do Futuro (Fepraf); surgimento do Grupo de Mães de adolescentes no Sistema Socioeducativo (futuro Vozes de Mães e Familiares de Adolescentes do SSE), com início do assessoramento ao grupo.

Assessoria Comunitária à Rede Orçamento e Participação Ativa (Rede OPA) e junto à Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan)

Realização da I Jornada de Afirmação dos Direitos de Crianças e Adolescentes; Assessoria Comunitária à Rede Orçamento e Participação Ativa (Rede OPA) e junto à Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan)

Rede OPA monitora Orçamento Participativo de Fortaleza, realiza Seminário para qualificar participação de adolescentes no OP e participa de reunião da Rede Latinoamericana de Niños y Niñas (no Peru) e do II Congresso Mundial de Crianças e Adolescentes (em Barcelona)

Fundação da Rede Orçamento e Participação Ativa (Rede OPA); participação da Rede OPA nos processos de monitoramento do Orçamento Público



2013

2012

2011



2010

2009

2008

2007

2006



2005

2004

Participação da Assessoria Comunitária na Comissão de Juventude da Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan); Realização de formações e assessoramento à Rede OPA no seu último ano de atuação

Realização da II Jornada de Afirmação dos Direitos de Crianças e Adolescentes; Assessoria Comunitária à Rede Orçamento e Participação Ativa (Rede OPA) e junto à Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan)

Rede OPA monitora Orçamento Participativo de Fortaleza, realiza oficinas sobre Voto Consciente (com adolescentes do Pirambu, Planalto Ayrton Sena, Boa Vista e João Paulo II), debate sobre o Conselho do Orçamento Participativo (COP), participa de manifestações e intercâmbios internacionais

Rede OPA cria coordenação da Rede; produz 3 peças teatrais: *Carolina Dá a Volta por Cima* (sobre violência sexual contra crianças e adolescentes), *O Buraco da Política* (sobre voto consciente) e *Chapeuzinho Cor de Rosa* (sobre o ECA junto a crianças do MST)

10 Anos do CEDECA Ceará; 2º ano da experiência de participação direta de adolescentes monitoramento do orçamento público da cidade; participação dos/as adolescentes em encontros em Recife (PE), Cuenca (Equador), Cap Town (África) e Luanda (Angola); Seminário *Aqui Está Nossa Cidade, Onde Estão Nossos Direitos?* no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

1º ano da experiência de participação direta de adolescentes no monitoramento do orçamento público da cidade; Início do trabalho comunitário com famílias recicladoras de lixo em Maracanaú, construção do Diagnóstico da Realidade; acompanhamento do CEDECA Ceará ao Fepraf e ao Fórum de Educação do Passaré (FEP)

Acompanhamento do Fórum da Educação do Passaré (FEP); fortalecimento do protagonismo comunitário; mobilizações pelo Direito à Educação na Favela do Rato e Comunidade do Barroso; articulação com estudantes universitários ligados a projetos de assessoria jurídica para cadastramento das crianças fora da escola

Combate à exploração do trabalho infantojuvenil em Fortaleza, Russas, Pacajus e Chorozinho; fortalecimento do Fórum DCA; Programa de Divulgação do ECA; início do trabalho de monitoramento do orçamento público

Prêmio Itaú-Unicef de Educação e Participação na categoria Mobilização pela Educação; combate à exploração do trabalho infantojuvenil; divulgação do ECA

Ata de fundação do CEDECA Ceará em 13 de julho de 1995; lançamento Campanha pela Educação *Se sua vaga não foi garantida, bote a boca no trombone!*

Início do trabalho do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente/CEDECA Ceará em 1º de março de 1994; defesa jurídica dos vitimados e ameaçados/combate à exploração comercial de crianças e adolescentes/defesa dos direitos à educação

Atendimento a casos individuais de violação de direitos/Programa de Acompanhamento de Casos de Homicídios contra Crianças e Adolescentes na Região Metropolitana de Fortaleza (Banco de Dados) Campanha *Educação, Faça Valer Esse Direito!*; revitalização do Fórum DCA municipal e estadual

Combate à exploração do trabalho infantojuvenil em Pacajus, Chorozinho, Russas, Itaitinga, Paracuru, São Gonçalo do Amarante, Paraipaba e Fortaleza; Programa de Divulgação do ECA; campanha *Educação – Faça Valer esse Direito*; monitoramento do orçamento público destinado à criança e ao adolescente; programa de divulgação do Fórum DCA no Ceará; participação do CEDECA Ceará na Coordenação Nacional na ANCED; parceria com Bureau International des Droits des Enfants do Tribunal Internacional dos Direitos das Crianças;

Acompanhamento à comunidade do Passaré no tema da educação e trabalho comunitário sobre combate à exploração do trabalho infantil em Russas

Parceria com Save the Children e início do Programa Orçamento Criança; capacitação da equipe para desenvolver metodologia de trabalho com adolescentes em 2003; visita a Lima (Peru) para contato com experiências de protagonismo juvenil; monitoramento do OP; acompanhamento do FEP; Seminário *Mídia, Criança e Adolescentes* para 300 pessoas



Assessoria Comunitária

Ao desenrolar o fio do tempo, vimos aqui e ali um termo cuja compreensão vale a pena ser compartilhada: Assessoria Comunitária.

Assessoria Comunitária, pois, diz respeito a um *modo de fazer* do CEDECA Ceará que ao longo do tempo foi ganhando um formato que concerne ao trato com Coletivos de adolescentes e jovens na perspectiva de sua formação para auto-organização, autonomia e incidência política. Mas nem sempre foi assim.

No início do CEDECA Ceará, o fazer jurídico, apesar de pautado na Assessoria Jurídica Popular, precisava de uma *ponte* para chegar à população. A Assessoria Comunitária, ocupada que foi então por militantes advindos/as dos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base/CEBs e/ou das Pastorais Sociais, tinha o papel de fazer

essa mediação. Além disso, promovia também muita agitação comunitária.

Nesse sentido, nas primeiras experiências do CEDECA Ceará, a Assessoria Comunitária não exatamente acompanhava Coletivos, mas *demandas* — e preparava (formava) a população de onde vinham essas demandas para poder tomar consciência de seus direitos e pressionar o Estado no sentido de efetivar as políticas públicas.

Com o passar do tempo, porém, esse formato já não dava conta da realidade. Por quê? Ora, as ações contra o Estado eram feitas, judicializadas, conseguia-se a construção de uma escola ou o acesso à matrícula, mas se percebeu que, ao acessar os direitos, as pessoas não seguiam na militância — e era preciso formar para o tema de maneira ampla, não só para uma luta em específico⁶.

É importante que se diga, acer-

SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Na década de 1990, após a promulgação do ECA, a situação da educação era muito crítica. Apesar do Estatuto rezer a obrigatoriedade da escolaridade até os 17 anos, não havia escolas, não havia matrículas suficientes, o direito à creche era imensamente precário, entre muitas outras questões. Daí que o CEDECA Ceará ia às comunidades em resposta às demandas que traziam pelo direito à educação e com bonecos gigantes e panfletos dizendo: Educação, Faça Valer esse Direito!, além de uma espécie de ficha cadastral que as pessoas que não estavam acessando os direitos preenchiam. Dessa forma começou o trabalho com as ações jurídico-sociais em prol da efetivação desse direito, ao lado das mobilizações comunitárias que deram a base para essas ações.

ca dessa transformação da Assessoria Comunitária dentro da entidade: houve um tempo em que dentro da vida institucional ela era exercida em praticamente todos os nossos Programas. A demanda de direitos por educação, o monitoramento do orçamento público, as questões do Sistema Socio-

educativo, as ações contra o trabalho infantil, a violência sexual contra crianças e adolescentes e a dinâmica intensa de acompanhamento às redes e fóruns comunitários exigiu isso.

Com o surgimento da Rede OPA, porém, acontece uma *virada* significativa nesse *fazer*. Agora os Coletivos eram formados por adolescentes e jovens — e a *pegada*, embora continuasse em termos da articulação entre a efetivação dos direitos e a formação dos sujeitos para o seu pleno exercício, precisava se adaptar à condição especial de desenvolvimento que lhes era peculiar.

O trabalho com adolescentes demandou uma outra postura, sobretudo com relação à linguagem. Para que se pudesse desmistificar o tema do Orçamento Público como coisa de “especialistas”⁷, era necessário *chegar* junto desse público — até então

considerado sujeito de direito, mas não encarado em processos de formação direta de modo tão sistemático.

Foi um desafio e tanto! A metodologia utilizada para trabalhar com a juventude e que resultou no fomento a um novo Coletivo (a Rede OPA) lançou mão de muitas coisas, mas o trabalho com a Arte foi fundamental — e não porque, à época, a equipe tivesse formação nessa área, mas pelas múltiplas possibilidades que as linguagens expressivas possibilitavam para a elaboração de tudo o que se estava a viver.

Com o seguimento do trabalho e o amadurecimento tanto do trato com as juventudes quanto do próprio CEDECA Ceará, a Assessoria Comunitária foi ganhando outros contornos. Chegou a ser exercida mesmo por pessoas com formação jurídica. Isso marca o retorno aos Territórios — e

o mergulho profundo no Bom Jardim, Jangurussu/Ancuri e Pirambu. Em seguida, o que ganhou fôlego diferente foi uma equipe formada majoritariamente por arte-educadores e arte-educadoras.

Assim, no período entre o que se deu um pouco antes, durante e depois da pandemia da covid-19, continuou-se com a formação nos temas de incidência do CEDECA em diálogo com o que pulsava como questão nos Territórios, mas com uma ressalva: a escolha da linguagem do Teatro do Oprimido como condutora dessa atuação⁸.

Não é demais dizer que o período de pandemia foi um completo divisor de águas nesse *fazer*, que passa a assumir a máxima de que *toda educação pressupõe um processo de auto-educação*. Esse processo envolve elementos de calma interior, de escuta atenta e sobretudo da certeza de que

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Ao eleger o Teatro do Oprimido, não escolhemos um método: escolhemos uma forma de lidar com o humano, no sentido mais ampliado possível, no trato com a Infância e as Juventudes das periferias de uma cidade estratificada e excludente como Fortaleza/CE. Procuramos, a partir das experiências propostas por Augusto Boal, elementos que possam contribuir para uma alfabetização ético-estética e para a ressignificação da vida dos/as adolescentes e jovens. Estes/as fazem parte de uma enorme parcela da população alijada de direitos básicos, exposta à violência cotidiana e com a morte batendo-lhe à porta de instante em instante. Nesse sentido — e com incertezas tais frente às quais as nossas, do mundo adulto, parecem brinquedo ou brincadeira —, encontramos no Teatro do Oprimido uma forma de expressão que lhes permite olhar para o vivido de modo a não só refletir como agir na direção da superação de seus desafios (retirado da Matriz Pedagógica TOPO? TOPA? – Teatro, Política e Participação, 2020).

a referência do Assessor ou Assessora Comunitária enquanto ser humano é fundamental na condução de caminhos que permitam o desabrochar consciente das juventudes sob nossa responsabilidade.

E nisso tudo, o *fio* da ação política vai se tecendo. Sendo, como somos, uma entidade em que a dimensão política perpassa do financeiro à incidência, da logística à mobilização social, não há como não encontrar esse *fio*, do princípio até aqui, também nesse lugar da Assessoria Comunitária.



1. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Entre 1994–2001, o tema central do trabalho foi o Direito à Educação — e nesse contexto surgiu o Fórum Pela Educação situado na comunidade do Passaré, o FEP, que fez uma luta grande e com muitas vitórias no âmbito das matrículas, acesso a creches e mesmo a construção de escolas. Mas como a vida de um Centro de Defesa de Direitos Humanos nunca gira em torno de um tema só — porque as problemáticas são muitas, e as violações de direitos também —, iniciou-se também um trabalho de enfrentamento à exploração do trabalho infantil em Russas, interior do Ceará, e a formação de grupos com familiares de vítimas de violência policial nas comunidades de Goiabeiras e Pirambu, na cidade de Fortaleza, com rodas comunitárias com a participação de policiais (os principais denunciados como responsáveis por esse tipo de violência).

2. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Entre 2001–2008 o CEDECA Ceará amplia o trabalho de Monitoramento do Orçamento Público para outros municípios, como Sobral e Ibicuitinga — também com a formação de adolescentes e jovens para incidência no Orçamento Participativo – OP em Fortaleza. No campo do Direito à Educação, é onde se dá o nascimento do Fórum de Educação da Praia do Futuro/FEPRAF — e no fortalecimento de Coletivos auto-organizados, é quando se assessora, em parceria com a Diaconia, a inicia a atuação junto a Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri/REAJAN. Nesse período também se inicia a incidência no tema do Sistema Socioeducativo/SSE, realizando o 1º Monitoramento e lançando relatório sobre a situação da violação de direitos nos Centros Socioeducativos da capital e do estado.

3. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

No âmbito das relações de parceria que permitiam o financiamento das ações, houve um baque com a saída de muitas agências de Cooperação Internacional do Brasil; no âmbito interno da entidade, a perda de muitos/as profissionais, chegando a um número mínimo de técnicos e técnicas (Assessores/as Jurídicos e/ou Comunitários/as), por outro lado, proporcionou um momento em que muitos/as Associados e Associadas disponibilizaram recursos (materiais e humanos), tempo e energia que contribuíram muito para que se pudesse superar esse cenário de escassez. A eles e elas nossa gratidão!

4. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Em termos de organização institucional, os eixos se referiam as equipes de trabalho, quais sejam: de atuação eram: Direito à Proteção, Direito ao Desenvolvimento, Direito à Participação, Debate Político e Formação em Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes e a Assessoria em Comunicação. Contudo é importante observar: tanto a Formação quanto a Assessoria Comunitária & Mobilização Social eram feitas por todos os eixos, inclusive o de Comunicação.

5. CHEGANÇA

Entre 2012 e 2015, com o arrefecimento do trabalho da Rede OPA e a diminuição drástica da equipe do CEDECA Ceará, tivemos uma pausa no assessoramento a Coletivos de Adolescentes e Jovens. Nesse sentido, não deixa de ser uma nova chegada aos Territórios o que passa a acontecer em 2016, com um projeto-piloto financiado pela parceria com KNH e aportes da Save the Children — e a partir de 2017 e Misereor, quando ocorre o nascimento do que ainda vamos tratar quando falarmos dos Coletivos assessorados.

6. PERFORMANCES & POÉTICAS

Foi quando se percebeu a necessidade de uma militância em prol dos direitos de Crianças e Adolescentes. Assim, nessa construção foi que se deu o acompanhamento do Fórum de Educação do Passaré e do Fórum de Educação da Praia do Futuro. A Assessoria Comunitária se inseria na comunidade, trabalhava a formação para direitos — e contribuía para a própria construção identitária desses Coletivos (em princípio, de adultos/as), desde o nome à elaboração de uma agenda política, passando pela criação de logomarca, enfim: contribuía com os modos de fazer daquela luta! Esses modos de fazer, em algum momento, incluíram a construção de uma rádio comunitária no Passaré e a produção de um jornalzinho impresso na Praia do Futuro. Performances que, à época, traduziam a luta e as poéticas daqueles Coletivos.

7. PARTICIPAÇÃO & DIREITOS

O CEDECA Ceará sempre teve a posição de dizer para a cidade, e mesmo para o estado, que o tema do Orçamento Público não é “coisa de especialistas”. Nessa perspectiva, desde 1999 se faz tanto um trabalho de leitura das peças orçamentárias quanto de formação para grupos, entidades, instituições, compartilhando informações e reafirmando que o OP precisa ser apropriado por todas, todos e todes, uma vez que diz respeito à vida e ao cotidiano de cada um/a de nós — inclusive de crianças e adolescentes.

8. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

A reflexão de um ex-Assessor Comunitário desses tempos mais recentes, estabelecendo uma comparação quanto ao trabalho com Arte no CEDECA Ceará relativamente a 2003 e 2019, nos alerta para o fato de que: “(...) há permanência em termos de princípios, mas há também mudança

no que concerne ao aprofundamento da perspectiva artística e política da proposta metodológica.

O CEDECA Ceará deu um importante passo em seu trabalho com adolescentes e jovens ao se dispor a experimentar um fazer que interrelaciona arte, política e participação, não reduzindo as expressões artísticas a um instrumento, mas entendendo a arte como linguagem, capaz de possibilitar o entendimento e a transformação do mundo” (retirado do texto “Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará”, de Fernando Leão).



2.

Repertórios Institucionais

Concepções Político- Pedagógicas que orientam nossa ação (sentido Vital)

Depois de atravessar todos esses preâmbulos que nos trouxeram até aqui, é muito interessante pensar o que o sentido Vital pode nos aportar para falar de nossas concepções político-pedagógicas.

Fazendo uma comparação, a gente pode dizer o seguinte: quando o corpo funciona bem, nada dói e só uma sensação de bem-estar nos percorre. Isso nos dá conta de que tudo está bem alinhado. Mas às vezes, mesmo não havendo nada quebrado nem doença manifesta, a gente sente que algo não vai bem.

Do mesmo jeito funciona com o *organismo* que é uma entidade — e mesmo com um grupo, um movimento, um Coletivo. Pensar as concepções políticas e pedagógicas, nesse sentido, nos remete aos princípios que nos regem: estes, como uma espécie de *órgãos* internos na relação com o corpo, precisam existir e funcionar a contento para que todos os outros sentidos possam se manifestar livremente.

Curioso é que muita gente nem percebe esse sentido Vital, a não ser quando as coisas não vão bem... E estando, como estamos, na era da *alma da consciência*, nada pior do que só perceber algo quando há desequilíbrio. Na verdade, a gente deveria era poder prever os desequilíbrios que são próprios de todo *organismo* e, conhecendo-nos, ter *na manga* aquilo que pode nos reequilibrar.

Por isso é que na vida desse ser chamado CEDECA Ceará — esse me-

nino, menina ou menino (Cedequinha, como às vezes o chamamos) que agora completa 30 anos—, na vida desse ser, desde o princípio, fomos considerando as bases da sua/nossa saúde.

Uma dessas bases, com certeza, é o ECA. O Estatuto da Criança e do Adolescente para nós é tão importante que parte do nosso trabalho inicial era a divulgação (vale dizer: difusão) do ECA¹. E quando a gente deixa de fazer isso explicitamente é porque ele já está tão incorporado nas estratégias institucionais, assim como na própria vida da cidade (embora esse seja um trabalho contínuo, considerando as violações de direitos de criança e adolescente que ainda se dão e o que representam), que a gente pode seguir dando atenção a outros referenciais.

E, pegando pela palavra, um outro referencial muito forte no nosso

trabalho é a Educação Popular. Nisso, Paulo Freire e toda a sua obra — melhor: todo seu legado, que inclui não só a sua obra, mas um modo *absolutamente subversivo*² de ver e de estar no mundo — para nós é muito caro.

No campo da Educação Popular em Saúde, com base em Paulo Freire, foram estabelecidos cinco princípios que, muito embora não tenham sido

por nós elaborados, muito se assemelham a concepções que desenvolvemos. São eles, com as devidas supressões no texto original para promover adequações ao nosso fazer:

Este texto tem por base a PNEPS-SUS publicada em 2013, mas foi retirado de um livro publicado pelo Ministério da Saúde chamado “Ideias e Dicas para o Desenvolvimento de Processos Participativos em Saúde”, em 2016.

Diálogo – expressa e intenciona colaboração, troca, interação e se faz em relação horizontal, com confiança de um no outro e respeito mútuo. Ele acontece quando cada um/a, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos/as acerca da realidade, contribuindo com processos de transformação e de humanização. Por isso, implica escuta interessada, humildade para aprender, amorosidade para o encontro, esperança na mudança de si, do outro.

Amorosidade – acolhê-la nas ações e nas práticas de [...] educação significa ampliar o respeito à autonomia de pessoas e de grupos so-

ciais, especialmente àqueles em situação de iniquidade, por criar laços de ternura, acolhimento e compromisso que antecedem as explicações e argumentações, fortalecendo o compromisso com a superação de situações de sofrimento e injustiça. Valorizar a amorosidade significa ampliar o diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação do afeto e da sensibilidade, fortalecendo processos já em construção [...], como a humanização, o acolhimento, a participação social [...].

Problematização – implica a existência de relações dialógicas e propõe a construção de práticas [...] alicerçadas na leitura e na análise crítica da realidade. Problematizar significa reconhecer a experiência prévia dos sujeitos e usá-la para a identificação das situações-limite (situações de opressão, negação de direitos) presentes no cotidiano e as potencialidades para transformá-las por meio de ações para sua superação. Os problemas surgidos nas vivências são discutidos com todas as suas contradições. E os sujeitos, ao problematizarem, também se transformam nesta ação e passam a detectar novos problemas na sua realidade e analisar as intervenções necessárias para sua superação. Assim, emerge como momento pedagógico, como práxis social, como manifestação de um mundo refletido com o conjunto dos atores, possibilitando a formulação de conhecimentos com base na vivência de experiências significativas, resgatando potencialidades e capacidades para intervir.

Construção compartilhada do conhecimento – pressupõe que o conhecimento só se torna mais potente se construído a partir da ação coletiva de pessoas e grupos com saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar, de modo coletivo, as ações [...] desde suas dimensões teóricas, políticas e práticas.

Emancipação – é um processo coletivo e compartilhado de conquista das pessoas e dos grupos da superação e da libertação de todas as formas de opressão, exploração, discriminação e violência ainda vigentes na sociedade e que produzem a desumanização [...]. Fortalece o sentido da coletividade na perspectiva de uma sociedade justa e democrática, na qual as pessoas e os grupos sejam protagonistas por meio da reflexão, do diálogo, da expressão da amorosidade, da criatividade e da autonomia, afirmando que a libertação somente acontece na relação com outro.

Compromisso com a construção do Projeto Democrático e Popular – [...] pressupõe a superação da distância entre o país que temos e o que queremos construir, superando as diversas formas de exploração, alienação, opressão, discriminação e violência, ainda presentes na sociedade, que desumanizam as relações, produzem [...] injustiças, visando à transformação da realidade, com vistas à emancipação.

Importa dizer, ainda, quanto a nossas referências, que as questões de gênero e o combate ao racismo são fundamentais no nosso *modo de fazer*. Nesse sentido, não só nos baseamos numa literatura já consolidada quanto a esses temas quanto também vimos produzindo, ao longo do tempo, documentos que expressam esses princípios de maneira muito nítida.

Sobre o enfrentamento à violência, em todos os seus matizes, também nos baseamos na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, mas vimos, nesses 30 anos, nos baseando e/ou produzindo documentos e literatura³ que têm contribuído para a difusão desses direitos e que também orientam nosso *fazer*. A destacar, nesse sentido, toda a produção do CEDECA Ceará acerca do monitoramento do Orçamento Público, da Participação de Crianças e Adolescentes, do tema do Direito à Educação⁴ — e, para o trabalho mais recente com

os Coletivos, as recomendações do *Comitê Cada Vida Importa*⁵.

Em específico, mas não menos importante, temos quanto à estratégia de Formação Política & Mobilização Comunitária, o trabalho com a Arte. Como dimensão do humano,

REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Em 2020 o CEDECA Ceará construiu Diretrizes Institucionais para Promoção da Igualdade de Gênero e em 2022 realizou todo um processo de formação que produziu o documento (em finalização) da Política de Igualdade Racial.

tem-nos acompanhado em todas as fases vividas, mas nos dois últimos *setênios* a *pegada* mais forte, justamente por agregar em torno de si praticamente todas as linguagens artísticas, tem sido a do Teatro do Oprimido⁶.

Como se pode ver, há um corpo volumoso de elementos que regem

nosso *fazer*. E para que a energia flua e não estanque aqui ou ali, causando distúrbios ou mais problemas do que o próprio fato de existir e ser no mundo já provoca, estamos sempre a checar todos esses aspectos quando nos reunimos para planejar, monitorar e avaliar (ou na sigla, PMA) nossa ação⁷.

Nesses momentos de PMA(S), podemos dar-mo-nos conta de como nosso sentido Vital realmente está funcionando. E isso se dá em muitas camadas: fazendo caminho descendente (num dos sentidos *possíveis* para se ler essa organização), elas vão do corpo de Associadas e Associados do CEDECA Ceará (Assembleia Geral) que aprova os Planejamentos Estratégicos (atualmente quadrienais) ao acompanhamento feito pelos Conselhos Diretor (Diretoria) e Fiscal, passa pela Coordenação Geral que é a *guardiã* desse Plano no âmbito de sua execução, chega aos Núcleos Estratégicos que plasmam de fato

a ação, até chegar ao planejamento de uma atividade com um Coletivo, por exemplo — que, por sua vez, se desdobra em outros planejamentos e outras ações com seus respectivos monitoramentos, avaliações — e sistematização da experiência vivida (tal qual esta que estamos a fazer).

Ê ê! Como bem diz a canção que canta Lia de Itamaracá: *essa ciranda não é minha só! Ela é de todos nós! Ela é de todas nós!*

Pausa para falar sobre o desafio da Participação de crianças e adolescentes numa sociedade adultocêntrica

Muita coisa já foi escrita ou dita sobre direito à participação de crianças e adolescentes. O próprio CEDECA Ceará tem uma publicação só sobre isso.

No pouco espaço que temos para tratar de um assunto tão vasto, porém,

gostaríamos de dizer duas coisas. A primeira é que se a participação é um direito desses sujeitos de direito, ela é um *dever* do ponto de vista das pessoas adultas que circundam o ser criança e o ser adolescente.

Isso nos remete diretamente para o princípio de que *toda educação é autoeducação*. Se a gente bem pensar — e a experiência do CEDECA Ceará tem nos levado a isso —, o nosso papel enquanto ser adulto próximo de quem está num estado peculiar da vida humana é o de criar as condições para que os seres em desenvolvimento possam se desenvolver, fortalecendo e ampliando todas as suas dimensões.

Na prática, a gente sabe que não é bem assim que acontece — e muito do nosso trabalho é exatamente *jogar luz* sobre a ignorância que é as pessoas do mundo adulto tratarem crianças, adolescentes e jovens como se fossem um

saco vazio no qual se vai depositando coisas ao longo da vida — aquilo bem próprio do que Paulo Freire chama de *educação bancária*.

Essa ignorância se expressa de muitos modos e em muitos sentidos. Por isso — e porque não estamos isentos/as desse equívoco também —, parte do nosso trabalho, para estar junto aos Coletivos, é um trabalho de formação da nossa equipe. De formação — e de *autoformação* concernente

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (trecho retirado de Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, 2005).

a cada um, a cada uma de nós.

Esses processos de formação se dão no âmbito de todas as questões de incidência política do CEDECA Ceará, mas também se dão no âmbito do cuidado, de si e do outro. E como no nosso caso, e ao longo de toda a nossa vida enquanto instituição, a rotatividade é um elemento presente, esse processo é contínuo, contínuo, contínuo...

Quanto aos processos de *autoformação*, eles são algo também de grande envergadura. Justamente porque exigem que as pessoas encarregadas do trabalho de Assessoria Comunitária, no específico que tratamos aqui, estejam cientes de toda a tradição que as antecede e de toda a vanguarda que vem ao seu encontro em cada momento presencial com os Coletivos.

Essa consciência não é algo simples, num mundo tão disperso. Sobre-

tudo, num mundo igualmente complexo quando se trata de considerar toda essa dimensão do humano com que estamos a tratar.

Por isso é importante o cultivo não apenas dos saberes racionais, de fundamental importância, mas também dos saberes mais profundos que nos levam a dimensões da vida que exigem um mergulho.

Para realmente fazer valer o direito de crianças, adolescentes e jovens é preciso que os adultos, as adultas, não tenham medo desse mergulho. Nem sempre ele vai nos revelar o melhor de nós, mas só conhecendo a *própria sombra*⁸ vamos poder lidar com as *sombras* que vêm na nossa direção. E elas são muitas!

Por isso, a segunda coisa a ser dita é que para fazer valer o direito de participação de crianças e adolescentes e o dever de proporcionar as con-

dições para que essa participação se dê, em todos os âmbitos, a gente precisa se conhecer.

Isso dá muito, muito trabalho! Porque ao tratar de um ser que traz em si todos os reinos (o mineral, o vegetal e o animal) — e ainda um a mais: o reino humano, estamos lidando com uma complexidade imensa.

Esse reino humano não se limita ao que os doze sentidos traduzem dele. Os sentidos são *janelas* com as quais podemos, a partir de perceber o mundo em torno, voltar para o nosso interior e dar-mo-nos conta do universo que habita em cada um, cada uma de nós.

E há algo que precisa ser dito acerca do trabalho com adolescentes e jovens, que é: eles/as precisam ter em quem se mirar. Não porque sejamos perfeitos/as e queiramos que nos imitem. Mas para poderem se inspirar

na nossa coragem de não fugir da luta (interna, assim como da externa que fazemos todos os dias) que é o *conhece-te a ti mesmo/a!*

Esse trabalho não está previsto no nosso Regimento Interno nem nos contratos que assinamos quando nos dispomos a trabalhar no CEDECA Ceará. Sem ele, no entanto, é muito provável que, por mais que façamos, não consigamos nos libertar dos padrões de uma sociedade adultocêntrica.

Esses padrões levaram muito tempo para ser construídos. Vai levar muito tempo também para que os possamos ressignificar, vale dizer, dar conta de sermos seres que se des-
pem dos seus *preconceitos*, sejam eles de natureza machista, racista, homofóbica, capacitista, etária... Enfim!

E para que a cada encontro, a cada evento, a cada questão ou problema que tenhamos que mediar com

os Coletivos estejamos prenhes do que a expressão popular chama de *presença de espírito*, temos que treinar. Sempre. Muito. Na verdade, o tempo todo. Exercitar qualidades como a confiança (em si e no outro), a verdade (o que pressupõe procurá-la e distingui-la no mar de equívocos à nossa disposição), a equanimidade (para consigo e para com o outro), a calma interior. Exercitar tudo isso como quem compete — só que consigo mesmo/a, e para um resultado que às vezes nem se mensura, mas que é ser o seu melhor.



1. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Em 1998, indignada com o desconhecimento e os preconceitos da população da cidade quanto ao ECA e com o descaso dos entes estatais e a omissão nas políticas públicas quanto aos direitos de criança e adolescente como prioridade absoluta, Neira de Moraes, advogada do CEDECA, escreveu o seguinte no Jornal O Povo de 14 de julho daquele ano: O Estatuto é um dos mais importantes instrumentos de cidadania já transformado em lei. Como se diz, “menino de rua não nasce no asfalto”. Ele nasce é da omissão e do desrespeito aos seus direitos básicos quando ainda está com sua família e sua comunidade. Nasce mesmo é do descumprimento do tal Estatuto. Esse dispositivo legal deixa de ser cumprido não por impossibilidade, mas por falta de vontade política, da não priorização da criança na destinação de verbas públicas e de um ranço cultural muito forte em nosso País que insiste em prender ou esconder esses meninos em situação irregular, que enfeiam a cidade e nos incomodam nos sinais. (...) A violência não espera e nossas crianças não podem esperar. Depois de oito anos, é só constatar: é preciso implementar esse tal Estatuto (trecho retirado do Relatório Institucional do CEDECA Ceará de 2014).

2. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

No livro Pedagogia do Oprimido há um trecho que muito diz do caráter subversivo de ver e de estar no mundo. Toda a luta que fazemos não teria sentido se não fizermos atenção, a todo momento, a isso que Paulo Freire nos diz no texto a seguir sobre o diálogo. Por tudo isso, e muito mais, a ele nosa reverência!

“Não há diálogo, porém, se não um profundo amor ao mundo e aos homens e às mulheres. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor. Sendo o fundamento do diálogo, o amor é também diálogo. [...] O amor é compromisso com os homens e mu-

lheres. Onde quer que estejam estas e estes oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa de sua libertação! Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Como ato de valentia, não pode ser piegas. Como ato de liberdade, não pode ser pretexto para manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens e as mulheres, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humanidade. A pronúncia do mundo com que os homens e mulheres o reciam permanentemente não pode ser um ato arrogante. O diálogo como encontro dos homens e mulheres para a tarefa comum de saber agir se rompe se seus polos, ou um deles, perde a humanidade”.

3. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

Não nos seria possível falar da literatura produzida nesse âmbito sem citar o livro Criança e Adolescente no Brasil: porque o abismo entre a lei a realidade da Profa. Dra. Ângela de Alencar Araripe Pinheiro, referência desde 2006, quando foi lançado. A Profa. Ângela é colabora ativa do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança/NUCEPEC, nascido em 2 de agosto de 1984 e próximo de completar seus 40 anos de trabalho como um Núcleo de Extensão da Universidade Federal do Ceará/UFC. A Profa. Ângela Pinheiro também é associada do CEDECA Ceará e esteve no nosso Conselho Diretor por mais de uma gestão. A ela nossa gratidão e reverência!

4. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Não nos seria possível falar da literatura produzida nesse âmbito sem citar o livro “Criança e Adolescente no Brasil: porque o abismo entre a lei a realidade”, da Profa. Dra. Ângela de Alencar Araripe Pinheiro, referência desde 2006,

quando foi lançado. A Profa. Ângela é cofundadora e colaboradora ativa do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança (Nucepec) da UFC, e também é associada do CEDECA Ceará e esteve no nosso Conselho Diretor por mais de uma gestão. A ela nossa gratidão e reverência!

5. DESAFIO

A questão dos homicídios praticados contra adolescentes é tão grave no Ceará que em 2016 foi instituído pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará em parceria com Governo do Estado, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e instituições do poder público e da sociedade civil o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA). Este Comitê Cada Vida Importa tem feito pesquisas e produzido publicações que visam uma ampla articulação dos diversos setores da sociedade civil, entidades religiosas, empresas privadas, organizações de defesa da criança e do adolescente e poder público para a superação dessa grave violência. É oriundo desse Comitê Cada Vida Importa, ainda, as 12 Recomendações que embasam as ações pensadas para o quinquenal financiado por KNH para o trabalho junto a Coletivos de adolescentes e jovens auto-organizados. Para saber mais sobre o Comitê e as Recomendações, siga o link: <https://cadavidaimporta.com.br/sobre/>

Como desafio, se na sua comunidade, cidade ou região este também é um grave problema, o que você e seu coletivo, sua entidade, sua comunidade tem refletido sobre essa questão e incidido para que esse cenário mude? E em que medida adolescentes e jovens têm sido envolvidos para pensar juntos soluções?

6. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Citando novamente o pesquisador e ex-Assessor Comunitário do CEDECA Ceará, temos a propósito de como isso funciona, a título de exemplo, que “(...) os exercícios, os jogos e as

técnicas teatrais não devem ter apenas a função de dar aos/às mediadores/as um conjunto de informações sobre as/os participantes ou sua comunidade, mas devem ser um caminho, fecundo e afetoso, para conhecer, traduzir e transformar a vida.” (retirado do texto Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará de Fernando Leão).

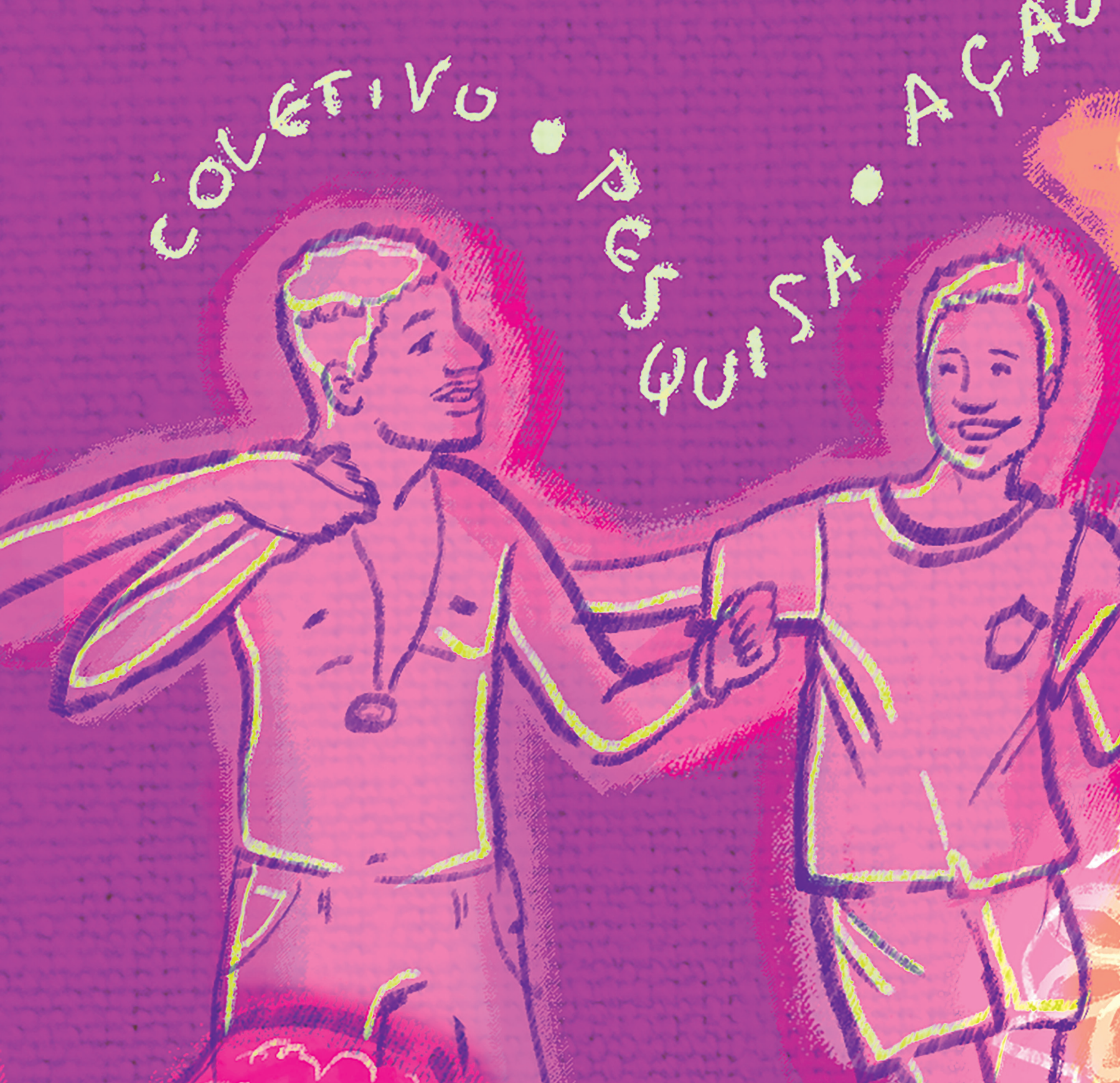
7. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

O CEDECA Ceará, ao longo dos seus 30 anos, tem no processo de PMA um dispositivo institucional importante, vivenciado da seguinte forma: Planejamento Estratégico (trienais a princípio, agora quadrienais) que se executa com Planejamentos Anuais (sempre no início do ano); Monitoramento (anual na metade de cada ano e do Plano Estratégico na metade do ciclo do Plano); Avaliação (sempre ao final de cada ano e no penúltimo ano ou no ano final de cada Plano Estratégico). Afora esses três momentos, há o S de Sistematização de Experiências, que é que tem dado nascedouro a muitas publicações, no sentido de compartilhar os vividos e os aprendidos — e difundirlos para fazer valer a prioridade absoluta na efetivação dos direitos de crianças e adolescentes.

8. DESAFIO

O conceito de sombra, oriundo da Psicanálise, tem em Carl Gustav Jung uma das suas maiores referências. É dele a frase: Aquilo que não fazemos aflorar à consciência aparece em nossas vidas como destino.

Que tal refletir acerca disso e perceber que aspectos do trabalho não conseguem emergir e vir à luz, mas agem, como se diz, no apagar das luzes e causam muitos problemas e/ou conflitos? Pense num desafio!



3.

Periferia Vive e Cria!

**Coletivos: como surgem,
se organizam, fortalecem
sua identidade e
constroem suas pautas
(sentido do Movimento)**

No encontro com as adolescências, é importante não esquecer o caráter especial dessa fase da vida humana. É quando a necessidade de se estar em Coletivo vira uma premência.

Nesse sentido, é importante que a ambiência em torno da criança que passa pela puberdade e chega à adolescência seja instigante. Porque o movimento, ou seja, o sentido do Movimento é o que dá a tônica.

Aqui, tudo aquilo que se viveu nos dois *setênios* iniciais da vida humana — primeiro como uma abertura da família para a escola (0-7 anos), depois com base na autoridade (nunca autoritarismo) amada de um professor ou de uma professora, ou ainda de um ou uma familiar que se tome como referência com reverência (7-14 anos) — abre-se agora para o mundo. E mesmo que esse mundo seja eivado de injustiças, o fundamental é que se possa vivê-lo a partir de uma busca pela verdade — e em liberdade.

Essas duas premissas são uma condição para um contato frutífero com grupos de adolescentes. E a partir

do que o CEDECA Ceará compreende como direito à participação, é sobre elas que temos construído nossa relação com esses sujeitos.

O que significa a busca pela verdade no trato com os Coletivos? Na luta por direitos humanos de crianças e adolescentes, verificar se os direitos de crianças e adolescentes são de fato efetivados. Isso significa um dar-se conta de aspectos que até então eram vividos, mas não refletidos como passam a ser a partir de então.

Esse dar-se conta da realidade parte, muitas vezes, do senso comum, daquilo que vem sem um apuro mais crítico. Ou, por outra, pode ter apuro crítico, mas vir sem um senso de medida. Tudo isso é material, são elementos a partir dos quais se vão conhecendo os Coletivos e compreendendo o que necessita ser trabalhado em termos de formação.

Essa formação, no entanto, nunca pode ser algo do tipo: *grade* curricular. Num mundo com tantos tipos de prisão, tudo o que não se precisa é de uma grade. Até porque se estamos na época em que o ser humano começa a formar seu juízo, em contrapartida ele precisa exercitar esse juízo num grande exercício de liberdade.

Essa liberdade, por sua vez, não significa uma completa ausência de limites. Traduz-se, sim, pela criação de espaços onde as escolhas acerca dos vários aspectos da vida dos Coletivos seja feita cada vez mais levan-

do-se em conta os próprios Coletivos.

Isso dito dessa forma é muito bonito. Mas como se plasma realmente na configuração dos Coletivos com que temos lidado?

É esse o mote que tomamos para seguir nessa conversa boa!

E sabendo que o sentido do Movimento é o sentido que nos dá alegria, seguimos confiantes para conhecer um pouco mais sobre cada um dos Coletivos que temos formado, fortalecido ou fomentado nos últimos 20 anos.

Rede OPA

A Rede Orçamento e Participação Ativa/Rede OPA surgiu de um grupo de adolescentes que fizeram uma formação sobre o Monitoramento do Orçamento Público (OP) da cidade de Fortaleza nos anos de 2003 e 2004.

Essa formação, por sua vez, surgiu de uma *provocação* feita pela Save the Children ao CEDECA, sobre como

efetivar o direito à participação, que já ocupava o discurso político da organização, na prática institucional.

Assim, a equipe se capacitou em 2002 — e em 2003 fez uma primeira fase com 50 adolescentes. No ano seguinte realizou processo semelhante com mais 50 participantes — sendo 40 novos e 10 do ano anterior. As formações se deram sob um tripé metodológico que era:



1ª fase – Leitura da realidade;

2ª fase – Formação em Orçamento Público;

3ª fase – Mobilização e Incidência Política.

A partir de 2005, a Rede OPA realmente nasce do desejo dos/as adolescentes de prosseguir nos processos de militância a partir do tema do Orçamento Participativo¹. A Assessoria Comunitária ao Coletivo continuou, mas num outro papel: o de elaborar as propostas e incidências em diálogo com os/as adolescentes integrantes da Rede².

Por volta de 2012, o movimento da Rede foi arrefecendo. A transitoriedade da adolescência fazia com que as vidas dos/as integrantes fossem tomadas por outros rumos, ampliando as causas e lugares de atuação. Isso ocorreu em um período de grande crise institucional vivida pelo CEDECA, em

que se passou a funcionar com uma equipe mínima.

A Rede OPA atuou ativamente durante um *setênio*³: de 2005 a 2012 esse trabalho foi parte integrante da cidade, quer a partir do monitoramento do Orçamento Público, quer a partir das intervenções nas várias problemáticas dos Territórios — e mesmo nos espaços de decisão política, como a Câmara Municipal e a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

E quanto ao fim desse ciclo, ecoam as palavras do rap de Renatinha Fernandes, Maurício Rodrigues e Natan Barbosa⁴:

*Quando perguntam se acabou
Um nó vem na garganta e
Lembranças boas na mente
Mas nenhuma luta morre
Quando fica viva na gente...*

TRUP'IRAMBU coletivo de teatro político

Depois do hiato de três anos⁵ entre o ocaso da Rede OPA e a aurora de todo o processo que vem se desenrolando com o retorno aos territórios em 2016 para um trabalho comunitário com adolescentes e jovens na perspectiva de sua auto-organização, o Tru'Pirambu, junto com o Tambores do Gueto (de que falaremos logo adiante) é um dos primeiros desses Coletivos a ser fomentado.

O Trup'irambu é um Coletivo de teatro político que pauta a violência contra adolescentes e jovens das periferias desde 2017, quando de sua origem.

Seus primeiros passos se deram através de oficinas de teatro político em parceria com a Sociedade da Redenção⁶. As atividades eram desenvolvidas inicialmente na Sociedade

Esportiva Cultural Arco-íris (Secai) e em seguida no Centro Cultural Chico da Silva, onde também aconteciam outras atividades artísticas e culturais.

O Coletivo iniciou com aproximadamente 20 adolescentes — e logo nos seis primeiros meses de acompanhamento firmou a identidade coletiva⁷.

Durante esse período, o Coletivo realizou uma ação chamada *Sábado de Artes*⁸, em que os integrantes apresentavam suas propostas teatrais e convidavam outros adolescentes do Território, com o intuito de mobilizar a comunidade e gerar debate acerca dos temas abordados.

O TruP'irambu participou também de grandes mobilizações, como a Marcha da Periferia, apresentando esquetes teatrais em que debatia a resistência da juventude periférica e o combate à violência contra crianças e adolescentes.



Em 2021, o Coletivo passou a realizar as atividades de forma virtual para seu fortalecimento, dando seguimento ao *Sábado de Artes* e gerando identidade enquanto jovens moradores/as do Pirambu.

Realizou, ainda, dois projetos no primeiro Programa de Fomento em que os/as integrantes promoveram oficinas e formações com o intuito de movimentar o empreendedorismo no seu Território⁹. Esta ação contribuiu bastante para a auto-organização do

Coletivo na busca por sua sustentabilidade, estimulando o acesso a fundos e outros editais para a realização de ações comunitárias¹⁰.

Atualmente o Coletivo segue com suas atividades de forma autônoma, porém mantendo a parceria com o CEDECA e outros coletivos, lideranças e artistas periféricos, pautando a valorização de artistas de periferia e fortalecendo o empreendedorismo local e o diálogo em outros espaços na cidade de Fortaleza.

TAMBORES DO GUETO coletivo de percussão e poesia marginal

O Tambores do Gueto é um Coletivo político de percussão e poesia marginal que se iniciou entre 2016 e 2017 com atuação no território do Grande Bom Jardim.

Desde o início, a linguagem escolhida foi a música e a percussão. No ritmo da poesia, as pautas principais

são a negritude e o enfrentamento à violência provocada por agentes de segurança, com o intuito de afirmar: *aqui tem cultura, aqui tem vida!* Tem como palavra de ordem: *Somos jovens, somos negros*¹¹, *somos Tambores do Gueto*¹²!

O Coletivo chegou a ter 18 integrantes, do gênero feminino e masculino, majoritariamente negros/as, logo no início do processo. Depois de

sua consolidação, seguiu por um bom tempo com seis jovens, todos negros e com identidade de gênero masculino.

A violência, porém, começou a subtrair esse número. Foram ficando menos integrantes, mas a luta não parou. No dia 9 de outubro de 2021, um dos integrantes do Coletivo foi banalmente assassinado no próprio Território. Geovane Rodrigues era um multiartista, ativista, poeta, instrumentista e um amante da vida. Em sua homenagem, o Coletivo realizou o *I Sarau Geovane Rodrigues*. Foi uma tarde¹³ de muita poesia, muita música, muitas saudades — e muita reverência a esse jovem cuja curta trajetória de apenas 20 anos marcou a *todes nós*.

O Tambores do Gueto faz sua atuação política de forma a manifestar a inquietação e rebeldia juvenil de modo explícito e direto. Integra con-

selhos, como o da Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) do Bom Jardim; faz parte do *Maracatu do Bom Jardim*; participa das *Caminhadas Pela Paz*, das Marchas da Periferia, das comemorações do ECA.

Conflui também em várias pautas, integrando-se a coletivos de juventudes do Território — como os Jovens Agentes da Paz (JAP) e a Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Bom Jardim (Rede DLIS) —, entre muitos outros espaços de luta, buscando o fortalecimento coletivo e de suas pautas, realizando incidência política para modificação da realidade que se impõe de forma tão violenta.

Atualmente o Tambores do Gueto se constitui de forma auto-organizada e conta com a parceria do CEDECA Ceará e do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS)¹⁴.



ALIUM RESISTÊNCIA

O Alium Resistência nasceu no território do Grande Pirambu; no entanto, seus/suas integrantes residem, em sua maioria, nos bairros da região: Cristo Redentor, Barra do Ceará, Carlito Pamplona e Pirambu.

Ao longo de seu assessoramento pelo CEDECA Ceará, chegou a ter o quantitativo de 36 participantes. Em 2023 soma 18 integrantes, em sua maioria adolescentes de 15 a 17 anos, pardos/as e pretos/as e conta com um número significativo de pessoas autodeclaradas LGBTQIANP+.

O Alium iniciou sua atuação em 2019 — e, no princípio de seu assessoramento, antes de se constituir como Coletivo, era chamado de *Grupo das Terças*. Fortaleceu-se na perspectiva de se constituir enquanto Coletivo durante as atividades da *III Caravana Cultural das Juventudes*, que

aconteceu em dezembro daquele ano. Na ocasião, construiu cenas de Teatro Fórum, junto ao Coletivo Trup'iram-bu, para debater as violências percebidas em seus Territórios, dialogando com a comunidade e com os outros dois Coletivos (que viriam a se constituir como Meraki do Gueto e Raízes do Bom Jardim) com os quais iniciava uma aproximação naquele momento.

Quando, em 2020, veio a pandemia¹⁵, já havia uma base de trabalho feita presencialmente. Assim, em 2021 construiu sua identidade com nome¹⁶, logomarca e pautas de atuação. Nesse sentido, o Coletivo luta por mais espaços culturais no Território e na cidade, pelos direitos LGBTQIANP+ e debate o Racismo Ambiental.

Quanto a essa última pauta, justamente por estar em um Território periférico de litoral, percebe os impactos e violações advindos do des-



caso do poder público e do baixo orçamento empregado na região, em comparação ao litoral localizado nas áreas mais ricas da cidade.

Em sua logomarca traz o Sol, o Peixe Roncador (Pirambu, que dá nome ao Território), o punho cerrado e a favela representando a diversidade. O nome que escolheu para se identificar é a junção da palavra Re-

sistência com a palavra *Alium*, que no latim significa “o outro, a outra”. Isso evidencia a identificação com o Território, a percepção de suas problemáticas, a necessidade de fortalecimento comunitário — e, sobretudo, a vontade de modificar aquela realidade através da luta por direitos.



MERAKI DO GUETO

O Coletivo Meraki do Gueto, situado no território do Grande Jangurusu¹⁷, reúne adolescentes e jovens do Ancuri e Comunidade Santa Maria.

A primeira aproximação do CEDECA com esses adolescentes e jo-

vens se deu em 2019, com a *III Caravana Cultural de Juventudes* — e o seguimento aconteceu em 2020, com as formações *on line* dentro da metodologia da Matriz Pedagógica TOPO? TOPA?

Embora uma parte do grupo já se conhecesse e tivesse encontros me-

diados pelo CAJs (metodologia de debate e participação de Crianças, Adolescentes e Jovens promovida pela Visão Mundial), somente em 2021 o grupo constrói uma identidade coletiva e passa a se chamar Meraki do Gueto, a partir da implementação do Programa de Fomento.

Nesse sentido, *Meraki* é uma palavra de origem grega que significa “pôr a alma no que se faz” — e a palavra *Gueto* evoca a territorialidade periférica do Coletivo.

Os/as integrantes do Meraki são bastante politizados/as, com um refinamento crítico e ações de incidência política bem-estruturadas¹⁸. Atualmente, o Coletivo tem aproximadamente 20 adolescentes e jovens, sendo a maioria com mais de 18 anos de idade, *negres*, e com um número significativo deles/as cursando a universidade.

Durante os anos de 2021 e 2023,

o Coletivo teve como pauta política a luta pela saúde, com uma série de ações em prol da melhoria e reabertura do posto de saúde Fausto Freire, problematizando ainda as questões de saúde mental.

O enfrentamento às violências, com ênfase nas violências sexuais¹⁹, e o acesso à cultura e ao lazer também são fortes pautas do Meraki do Gueto.

O Coletivo conta com a parceria de organizações e coletivos locais e da cidade, dos quais destacamos a Associação Santo Dias²⁰, IDESc, Coletivo de Mães do Parque Santa Maria e Fórum Popular de Segurança Pública.

RAÍZES DO BOM JARDIM

O Raízes do Bom Jardim iniciou suas atividades com a *III Caravana Cultural das Juventudes*, em 2019. Esta contou com a participação de crianças e adolescentes do Grande Bom Jardim, Território de atuação do grupo.

Quando de seu início, o Coletivo ainda não tinha sua identidade constituída. Em 2020, devido à pandemia da Covid-19, firmou-se de forma *online*, a partir do trabalho com a Matriz Pedagógica *TOPO? TOPA?*²¹

Os encontros, semanais, contavam com aproximadamente 12 integrantes à época, permanecendo com essa quantidade até meados de 2021, quando novas pessoas integraram o Coletivo, em ocasião do primeiro Programa de Fomento — encerrando as atividades naquele ano com 36 participantes.

Foi no marco da entrada de no-

vos/as integrantes, e da execução do seu projeto junto Programa de Fomento/edição 2021, que os/as integrantes constituíram a identidade do Coletivo, que só então passou a se chamar Raízes do Bom Jardim — fazendo referência ao Território em que o Coletivo se finca e às históricas lutas sociais que tem como propulsoras de sua existência. Reforçar essas *raízes* faz jus ao seu *fazer* no Território e na cidade.

A atuação do Coletivo se dá em parceria com o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS) — e atualmente conta com a participação de cerca de 25 adolescentes e jovens, sendo a maioria com faixa etária entre 13 e 17 anos e *negres*.

O Coletivo tem como pauta principal a luta pelo Direito de Brincar, o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes,



sobretudo quando são praticadas pelo Estado — e tem na poesia uma importante linguagem para expressão dessas pautas²².

O Raízes do Bom Jardim tem se fortalecido na construção coletiva da luta por garantia de direitos e tem se aproximado de outros parceiros/coletivos/redes e instituições do Território, tais como: Centro Cultural Ca-

nindezinho (CCC), Coletivo Revide, As Invenções das Crianças de Nova Canudos, Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violências e Produção de Subjetividades (Vieses), Centro de Cidadania e Valorização Humana (CCVH), Jovens Agentes de Paz (JAP) e Rede DLIS.

Coletivo REVIDE revolução, vida, direitos humanos e educação

Revolução, Vida, Direitos Humanos e Educação — esses são os fundamentos que dão origem à sigla do Coletivo Revide.

Esse Coletivo surge em 2022, na Escola Dona Júlia Alves, no território do Grande Bom Jardim, em resposta a situações de assédio sexual.

Embora não tenha sido diretamente fomentado pelo CEDECA, uma inte-

grante do Raízes do Bom Jardim fez parte da fundação do Coletivo — o que favoreceu a aproximação e posterior assessoramento ao Coletivo.

O Revide realiza uma série de ações de prevenção, como formações, palestras e atividades culturais, objetivando a acolhida aos/às estudantes que sofrem algum tipo de violação no ambiente escolar, servindo como rede de apoio e promovendo aproximação das instituições que compõem o Sistema de Garantia de Direito com a escola.



Dentre as pautas centrais do Coletivo estão: direito à educação de qualidade, acesso à cultura e enfrentamento à LGBTfobia e violências sexuais. Embora o Revide não seja assessorado semanalmente como os demais Coletivos, dada a singularidade e potência da sua ação, foi incluído nos processos coletivos que desaguarão na Rede de Juventudes²³ — e foi agraciado com um projeto no novo Programa de Fomento²⁴.

O Coletivo conta com 8 integrantes, todas/os adolescentes, LGBTs, a maioria com identidade feminina.

O Revide tem grande legitimidade no ambiente escolar, sendo uma importante referência de educação entre pares.

Dentre as parcerias do Coletivo, podemos citar o CDVHS, Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violências e Produção de Subjetividades (Vieses), Centro Cultural Canindezinho, Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim e

a própria Escola Dona Júlia Alves.

O encontro dos processos vividos com os Coletivos e o Coletivo Revide, na nossa percepção, diz um pouco de como as forças vão se conformando de modo a dar nascimento a algo novo.

Se a gente comparasse com um rio, é como se ao longo desse primeiro *setênio* de ações — que por sua vez não estão *soltas* no tempo, mas confluem também de processos anteriores — cada Coletivo fosse contribuindo para a formação de um curso d'água caudaloso, que segue na direção do futuro acumulando experiências, aprendizados, inovações, ressignificações de um tempo presente nem sempre auspicioso, mas prenhe de vida.

A esse rio se junta um novo afluente. Esse afluente é o Revide.

E que essas águas todas possam desaguar num mar propício à efetivação dos direitos de crianças e adolescentes!



1. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

Sobre as mudanças de caráter político realizadas a partir da inserção desse Coletivo no contexto da cidade, diz-nos Margarida Marques, Assessora Comunitária do CEDECA Ceará à época da Rede OPA: “A mobilização política desde as comunidades que os adolescentes fazem parte e de outros adolescentes da cidade ensinaram um acúmulo político para a organização de adolescentes, passaram a ser referência para o poder público e para outros movimentos sociais na cidade, sendo levados em conta em vários processos de participação e também incomodando quando os interesses eram incompatíveis com o governo. Realizaram assim assembleias e plenárias, mobilizações, passeatas e manifestações, reivindicando os direitos que estavam sendo violados na cidade de Fortaleza. Essa era uma experiência inovadora na cidade. Pela primeira vez adolescentes analisavam o orçamento público, mobilizavam outros adolescentes e reivindicavam por meio de propostas de alteração nas leis orçamentárias mais recursos para políticas públicas para crianças e adolescents.” (Trecho retirado de Histórias e Lutas: sistematização da experiência da Rede OPA/Rede Orçamento e Participação Ativa, p.36.)

2. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

A Rede OPA atuou fortemente com a articulação de outros/as adolescentes e jovens para se somar nessa militância, compartilhando essa experiência com outros e outras adolescentes da cidade, do Brasil e do mundo.

Para que se tenha ideia dos conteúdos trabalhados quando das formações sobre Orçamento Público, vejamos:

Sociedade e Estado; Função dos Três Poderes; Orçamento na História; Receitas e Despesas; Ciclo Orçamentário; Tramitação do Orçamento; Formas de Intervenção da Sociedade no Orçamento Público; Execução Orçamentária.

3. MEMÓRIA & TERRITÓRIOS

Se voltarmos um pouquinho aqui neste guia e revermos o desafiando os fios do tempo... poderemos perceber o quanto foi rica a vida da Rede OPA — não só nas fronteiras da cidade, mas compartilhando essa experiência com outros e outras adolescentes, do Brasil e do mundo.

4. PERFORMANCES & POÉTICAS

Confira no canal do CEDECA Ceará no youtube. Escaneie o QR code:



5. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

É interessante trazer aqui que durante esse hiato, o CEDECA Ceará, em termos de relação com as juventudes, passa a fazer formações mais pontuais, e por demandas, de grupos de parceiros. Essas formações incluíam os temas com que o CEDECA trabalha, mas também a partilha de metodologias e o acompanhamento de casos de violações que atingiam determinados grupos de crianças e adolescentes. Dentre esses acompanhamentos, um que marcou o ano de 2016 foi a Ocupação das Escolas por estudantes secundaristas do Estado. Ao todo foram mais de 60 escolas ocupadas. E todo um aparato foi dado para que cerca de 300 estudantes não fossem incriminados em função da militância pelo direito à educação. Para saber mais, consulte o site do CEDECA Ceará no seguinte link: <https://cedecaceara.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Rela->

[t%C3%B3rio-Ocupa%C3%A7%C3%B5es-das-escolas-p%C3%BAblicas-no-Grande-Bom-Jardim-2018.pdf](https://cedecaceara.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Rela-)

6. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

A Sociedade da Redenção foi uma parceira de mais de 20 anos do CEDECA Ceará. Contribuiu especialmente para o trabalho no Território (primeiro junto ao TruPirambu, depois junto ao Alium Resistência, de que falaremos mais adiante) e de todo o aparato dos equipamentos de que faz gestão, mas sobretudo do Centro Cultural Chico da Silva. Por isso, e por todo o trabalho que desenvolve no Pirambu há mais de duas décadas, nossa gratidão e reverência às Irmãs da Sociedade da Redenção. Para saber mais sobre o seu trabalho, veja o seguinte link: <https://sociedadedaredencao.org.br/>

7. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Em 2017, durante um processo de avaliação, os então adolescentes escreveram cartas em que diziam da sua relação com o trabalho desenvolvido pelo CEDECA Ceará junto ao Coletivo que veio a se chamar TruP’irambu. Escolhemos uma dessas cartas, anônima, para dar conta da importância desse trabalho para essa juventude:

“O teatro político pra mim está sendo muito importante, até pela construção pessoal que estou tendo. Este processo todo está sendo muito intenso. A cada aula nós aprendemos bastante, eu desconstruí vários pensamentos preconceituosos, coisas que a gente faz ou fala mesmo sem perceber e sem saber que é um preconceito. No final de cada aula dialogamos sobre o que aprendemos. Será que esta forma de pensar está certa? Será que é errada? O que nós estamos fazendo pra mudar? Aprendo também que no teatro não é só encenação, não é só fazer uma peça, a plateia aplaudir e o espetáculo acabar. É fazer com que essa mesma plateia saia

de lá com uma intriga na cabeça do que nós estamos transmitindo. “Será que o mundo ‘tá bom do jeito que está? Será que não existe mais tanto preconceito?” E com nossos educadores a gente aprendeu a abrir a mente um pouco mais sobre orientação sexual, racismo, identidade de gênero e vários outros questionamentos e tabus que ainda existem na nossa sociedade. Mas não foi só com eles que aprendemos, já foram lá outras pessoas também que ajudaram muito nesse processo de formação. Concluindo, esse processo está sendo muito importante pra vida.”

8. PERFORMANCES & POÉTICAS

Os Sábados de Arte são uma iniciativa da Sociedade da Redenção. De 2016 a 2019, muitos deles foram realizados em parceria com o TruP’irambu, encarregado este de pensar a programação cultural, quando não de ele mesmo realizá-la. Os Sábados de Arte aconteciam uma vez por mês — e durante o período da pandemia, diante do impedimento das juventudes se reunirem, o TruPirambu passou a realizar lives com esse mesmo caráter de performances & poéticas.

9. DESAFIO

A expressão Viver de Pirambu, utilizada para dar nome a um Projeto realizado em 2022 e 2023 pelo Coletivo, nasce a partir de uma série de poemas produzidos pelo TruP’irambu como forma de resistência e de denúncia pelas quantas mortes de adolescentes e jovens no Território. Pirambu, que dá nome ao bairro, é homônimo a uma espécie de peixe que se pescava muito nas águas litorâneas daquela região. Nesse sentido, Viver de Pirambu é muito significativo tanto do ponto de vista simbólico quanto material — e busca dar conta da riqueza cultural e humana que segue resistindo numa das áreas mais cobiçadas pela especulação imobiliária de Fortaleza desde os anos de 1960.



10. POÉTICAS & PERFORMANCES

Quando eu como Pirambu, eu me sinto saciado.
Vejo que minhas manas e manos já estão se apaixonando
Por esse grande lugar que é sagrado,
Que é rico, delicioso e bem farto!
Farto de artixtas e de gente massa!
Quem diria que seus avós sentavam-se naquela praça:
Chafariz, abel, castanhola e Nossa Senhora das Graças Aqui
não tem pra fulanim doido que se desfaça!
Se desfazer desse lugar é um erro!
Não sabe que é preciso ter orgulho pra se carregar no peito
Pivete de pés descalço, correndo que arrudeio as ruas e vejo
Que esse orgulho que sinto vai saber de onde ele se criou e veio?...
É eu passando a visão
E processando esse orgulho pra tu!
Morrer no Pirambu? Eu não!
Eu quero é viver de Pirambu!
(poema de Dudu Costa, ... anos, integrante do TruPirambu, composto em 2021)

11. PERIFERIA VIVE E CRIA!

PERIFERIA VIVE E CRIA!

O negro quer viver
O negro quer ser livre
Quer poder gritar
Que ele vive

O menino quer paz
Quer ter orgulho de ser preto
Quer bater no peito
E dizer que é do gueto

Mais paz e mais amor
Pedimos com clamor!
Afinal, não somos todos iguais
Perante o Senhor?
(Poema de Felipe Sullivan/Tambores do Gueto)

12. POÉTICAS & PERFORMANCES

Pra ousar
tentei virar artista
Pra não virar só mais um
Dessa maldita estatística
Onde a sociedade te obriga
A virar um escroto machista
Que só faz piada “sexista”
Pra sustentar seu ego de falso moralista
Segregação
Mal da nossa nação
Onde fazem tudo pra nos separar
Em raça, cor e religião
O estado nos quer burro
não nos dá educação
Por isso levantamos cedo
Pra educar nossa nação
Nos chama de geração “mi mi...” militante
Onde vivemos todo dia
Tentando ser melhor que ontem.
Somos todos iguais
Tem certeza que somos todos iguais?
Depois de descasos banais
Feridas carnaais
Tem audácia de olhar na minha cara
e dizer que somos todos iguais?
(Poema de Eli Rodrigues/Tambores do Gueto)

13. POÉTICAS & PERFORMANCES

O mundo se tornando superficial
As pessoas te põem rótulos, te julgam pela

aparência
Estão perdendo a essência de querer te conhecer
E ver quem é o real você
Coisas que pareciam um pequeno “rasguinho”
Se tornaram um grande “rasgão”
Mas será que o dia um mundo vai mudar?
Sempre estou me perguntando
Mas cada dia que passa, eu só vejo isso piorando
E as pessoas tão mudando
E nem sempre é pra melhor
O amor se tornando extinto
Ninguém mais quer amar
Por que cansam de tentar e desistem na primeira dificuldade?
Sabendo que nunca foi fácil e nunca será,
Mas o que custa tentar?
Ame seu próximo e transborde de amor
E mostre ser diferente
Em um mundo que quase tudo ‘tá se tornando superficial.

(Poema de Geovane Rodrigues/Tambores do Gueto – in memorian)

14. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

O CDVHS, como o CEDECA Ceará, surgiu no ano de 1994, e é nosso parceiro nas lutas há muito mais tempo que o de nossa entrada no do Bom Jardim. Essa parceria tem sido fundamental, sobretudo num Território com dimensões de cidade, em que a violência contra crianças, adolescentes e jovens toma todas as formas possíveis. Ao longo de sua trajetória, o CDVHS atuou na defesa do acesso à educação para crianças e adolescentes, em estratégias de desenvolvimento e enfrentamento à pobreza, na articulação comunitária e na participação para o direito à cidade e pela moradia digna, na educação em direitos humanos para afirmação da democrática e dos sujeitos sociais e políticos da periferia, na mobilização e pelo engajamento de adolescentes e jovens,

como também na observação e monitoramento de políticas de públicas, a exemplo da segurança pública, moradia, educação e meio ambiente. (trecho retirado do site do CDVHS – <https://cdvhs.org.br/nossa-historia/>). A esse parceiro de luta, nossa gratidão e reverência!

15. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

A pandemia da covid-19 e o confinamento a que todos e todas tiveram que aderir criou situações inusitadas para o trabalho comunitário. Nesse sentido, e pela legitimidade construída junto a parceiros institucionais e mesmo à sociedade civil, o CEDECA Ceará mediou o processo de Ajuda Humanitária, com a entrega de cestas básicas a cerca de 2.800 pessoas no ano de 2020. Todos os Coletivos acompanhados, incluindo os grupos de mães Vozes do Socioeducativo e Mães do Curió, foram contemplados nessa distribuição, tendo em vista a urgência de ir ao encontro de necessidades básicas, como alimentação e produtos de higiene, num contexto de confinamento. Para realizar esse trabalho, o CEDECA Ceará contou com a ajuda dos parceiros nos Territórios — e foi ao encontro de contemplar não apenas integrantes dos Coletivos assessorados, mas o maior número possível de famílias acompanhadas por cada parceiro.

16. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Em 10 de março de 2020, o Coletivo fez o primeiro ensaio na direção da construção de sua identidade. Esse foi praticamente o único encontro presencial do ano pois, após aquela data, foi decretado o confinamento em razão da pandemia da covid-19. Em maio de 2021, ainda nas tentativas dos encontros virtuais e quando se conseguiu quórum, o Coletivo, após o que foi a apresentação de cada equipe e sugestões de nome para o Grupo das Terças, decidiu por chamar-se Alium Resistência. Foi o resultado de um processo bonito, onde todes participaram criativamente.



17. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Quando o CEDECA Ceará retomou o trabalho no Território do Jangurussu, em 2016, foram feitas várias tentativas de assessoramento a Coletivos locais. Nesse rol, temos que por um tempo se assessorou o Coletivo Palmerê, situado no Conjunto Palmeiras do grande Jangurussu, vinculado à Cia. Bate Palmas. Em 2018 assessoramos o Coletivo Comuninga, vinculado ao Conselho Nova Vida – Convida, que tinha a pegada do cinema, audiovisual e do teatro. Devido a questões de segurança (de que falaremos mais adiante, junto ao sentido do Equilíbrio), o trabalho só ganhou corpo realmente com a chegada ao Ancuri e a parceria com a Associação Santo Dias.

18. DESAFIO

É interessante observar como os debates sobre enfrentamento ao racismo e à violência de gênero foi permeando nossa ação e alterando a forma como os próprios coletivos se organizam. O Meraki do Gueto começou a questionar e mudar sua forma de representação política em eventos, falas, formações, afirmando que era fundamental se fazer representar por pessoas negras e mulheres, por ser um coletivo formado em sua maioria por pessoas negras. Entendemos o quanto é desafiador criar processos e dinâmicas que no seu cotidiano questionem o racismo e o machismo. No entanto, é uma tarefa da qual não podemos abdicar, enquanto defensores e defensoras de direitos humanos. Essa foi uma coisa bonita de se acompanhar — e o desafio que propomos é: no seu Coletivo, no seu grupo, na sua entidade ou instituição, como se observa a equanimidade na participação entre pessoas brancas e pessoas negras, indígenas, entre outros? Como esse equilíbrio se dá integrando a questão racial com a questão de gênero? É um bom desafio, não é mesmo? Pois a ele!

19. PARTICIPAÇÃO & DIREITOS

Para conhecer essa produção do Meraki do Gueto sobre o 18 de Maio, acesse: <https://n8qhg.app.goo.gl/jtk4> ou <https://open.spotify.com/show/1MmGRZiwid3vKq8oJR6lfp>

20. REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

A Associação Santo Dias foi fundada em 1997, a partir de um trabalho desenvolvido pela Pastoral Operária da Região III/Messejana. Tem por missão: Defender e promover a vida, o direito à cidadania e ao trabalho digno e solidário, a partir de ações e projetos socioeducativos, culturais, econômicos e espirituais. Fica situado no bairro do Santa Maria, no Ancuri, Território vizinho ao grande Jangurussu. Nossa reverência e gratidão a essa parceria, que torna possível o trabalho junto ao Meraki do Gueto.

21. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Dentro desse grande processo pedagógico que foi a III Escola de Formação Política para as Juventudes – TOPO? TOPA? – Teatro do Oprimido, POLÍTICA e PARTICIPAÇÃO – poéticas & performances, experiências & aprendizagens, que em vistas da situação de confinamento foi realizada de forma virtual com os Territórios do Pirambu, Ancuri e Bom Jardim, tem-se a seguinte ementa: trabalhar junto ao público de adolescentes/jovens a premissa política básica do direito a ter direitos a partir de experiências & aprendizagens com elementos do Teatro do Oprimido e outras poéticas e performances que estimulem e fomentem a participação, o autoconhecimento e o sentido de alteridade, a organização e a auto-organização, o sentido de pertencimento à comunidade local como global, bem como a mobilização coletiva para a efetivação de direitos e a recusa a/denúncia de qualquer tipo de violação de direitos humanos, sobremaneira a violência institucional contra crianças, adolescentes e jovens.

22. POÉTICAS & PERFORMANCES

Trazemos a seguir um poema de Iasmym Silva/adolescente com 15 anos em 2023/ integrante do Raízes do Bom Jardim:

RA CIS MO

Palavra forte que define a sociedade onde vivo
Onde eu luto pra isso não acontecer
Aonde eu me esforço pra combater
E isso nunca mais ter

Vivemos num país homofóbico racista e preconceituoso
Onde as pessoas falam o que pensam
Sem se importar com os outros
Aí ‘cê me pergunta: são todos? Eu respondo: não.
Mas só um aviso:
Tem muita gente que paga de irmão,
mas na hora que ‘tá precisando,
cadê aquele amigo pra estender as mãos?

Aonde um jovem periférico negro é assassinado por motivo nenhum
Trabalhava e não roubava
Fazia arte
Por onde passava

O homicídio a cada dia vem aumentando
O presidente genocida mal ‘tá se “im-por-tan-do”
Pra ele o negro tem que morrer
E um homofóbico racista como ele “so-bre-vi-ver”

Não e desejando mal
É só apenas falando o que é essencial
Plantar o ódio jamais:
Nós jovens periféricos queremos paz!

23. DESAFIO

Essa Rede de Juventudes, embora ainda não plasmada do ponto de vista organizacional, estrutural, de dinâmicas,

está já no campo de todas as ações que empreendemos. A ideia de ter uma Rede de Juventudes parte dos próprios Coletivos, da manifestação do desejo destes de terem ações conjuntas em termos de cidade e não apenas territorIALIZADAS na sua comunidade.

Relativamente ao seu trabalho, e como um desafio, que tal pensar em que estratégias estão sendo pensadas para criar condições que favoreçam a participação de crianças, adolescentes e jovens nas suas transições de uma fase para outra?

24. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

Curiosamente, o Novo Programa de Fomento do Cede-ca Ceará para Coletivos Assessorados – 2023 começa não com afirmações, mas com perguntas. E a partir delas vai traçando o panorama de sua construção, no sentido de ir ao encontro de uma realidade para a qual não temos respostas prontas, mas pistas a partir das quais vamos traçando caminhos. Retiramos, pois, alguns excertos desse Programa de Fomento 2023 para que se tenha ideia dessa estratégia institucional que se constitui num repertório pedagógico:

“Como se constrói a participação política de crianças e adolescentes? Como podemos colaborar para a auto-organização de coletivos periféricos de adolescentes e jovens negros nas periferias, contribuindo para a autonomia desses sujeitos? Como ações comunitárias organizadas coletivamente podem contribuir para o enfrentamento da violência urbana?

Essas e outras perguntas guiaram nossos pensamentos e forças criativas para elaborar este novo Programa de Fomento. Acreditamos que o que se propõe neste documento pode impulsionar ações que construirão reflexões e entendimentos que possam responder a estes questionamentos.



4

Experiências & Aprendizagens

Territórios & lutas comunitárias: chegada e articulação das lutas locais com as lutas globais (sentido do Equilíbrio)

A chegada no território onde a ação estética, educativa e política vai se dar deve ser permeada de escuta, de curiosidade, de disposição ao aprendizado sobre aquele lugar e sua gente.¹

Quando o CEDECA Ceará vai para um Território, a escolha desse território nunca se dá aleatoriamente².

E depois do hiato no trabalho comunitário seguido do retorno às comunidades a partir de 2016, isso vem sendo feito de forma cada vez mais consciente.

Como critérios para entrada num Território, então, deve haver duas coisas concomitantes: uma grave violação de direitos (porque o CEDECA é um Centro de Defesa e enfrenta violações de direitos) e a perspectiva de trabalho comunitário.

Nesse sentido, cabe aqui uma explicação: por *grave violação* não entendemos uma situação *pontual* de violação, mas um conjunto de violações ao longo do tempo, principalmente quando tratamos da *violência do Estado*.

Então, pode haver um Território com uma grave violação de direito mas que não reúne as condições necessárias para uma atuação. É preciso,

pois, haver no Território, uma entidade ou um grupo de pessoas que possa, primeiro, *legitimar* nossa entrada e, ao mesmo tempo, que signifique uma *semente* de trabalho comunitário onde se possa contribuir para o seu crescimento. Isso porque trabalhar com enfrentamento à violência requer muitas questões de *segurança*.

Para de fato chegar aos territórios, no entanto, há algo que sempre esteve presente no nosso *fazer*: os *diagnósticos*. Na época da Rede OPA eles eram chamados de *Diagnóstico da Realidade*; nessa fase mais recente tomou a forma dos DRUPs³. Desde o início do nosso trabalho de Assessoria Comunitária, porém, o *diagnóstico* como base da ação é uma premissa.

E qual é, pois, o *diagnóstico* desses territórios com os quais temos trabalhado? Locais com alta letalidade, baixo IDH, graves questões de

SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Para que se tenha ideia do quanto essa questão é determinante no trabalho junto aos Territórios, durante a primeira fase do Projeto Essa Ciranda É de Todos Nós: Pela Defesa do Direito à Proteção de Crianças e Adolescentes (2017-2022) foi necessário pausar as ações no Jangurussu de setembro de 2018 até a III Caravana Cultural das Juventudes de 2019. As condições existentes não permitiam a continuação do trabalho naquele momento, uma vez que havia risco tanto para as/os adolescentes envolvidas/os quanto para a própria Assessoria Comunitária. As atividades só voltaram a acontecer no segundo semestre daquele ano, quando foi restabelecida a parceria com a Associação Santo Dias no território Ancuri (pertencente ao Grande Jangurussu).

saúde, índice elevado de violações de direitos, conflitos armados, violência policial, dentre algumas outras.

Por outro lado, há também, do ponto de vista das parcerias, grupos ou entidades com quem a gente tem

algum tipo de vínculo — pessoas com quem a gente pode contar para poder iniciar o trabalho.

Desse modo, as *sementes* de trabalho comunitário, ou seja, pessoas que fazem a luta comunitária, atreladas com várias questões de violações de direitos são os pressupostos para a escolha dos Territórios em que temos atuado.

Nesse sentido, desde o começo da nossa atuação comunitária há também a consciência de que para que o trabalho amadureça — não só o trabalho do CEDECA, mas dos parceiros locais, sejam grupos, entidades, redes ou fóruns—é preciso compartilhar nossos saberes com o Território.

Nisso temos várias experiências. A contribuição junto à Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan) e à Rede de Desenvolvimento Local e Sustentável do Bom Jardim (Rede

DLIS) são um bom exemplo.

MEMÓRIA & TERRITÓRIOS

O CEDECA Ceará contribui com a Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (Reajan) desde 2007 e esse processo foi muito intenso até a retomada do trabalho nos Territórios, em 2016. Na verdade, a articulação com o Grande Jangurussu se dá praticamente desde a fundação do CEDECA, mas a Rede só vai nascer muito depois.

Quanto à Rede DLIS, a interlocução com suas ações se dá justamente a partir de 2016, quando se adentra o Território do Bom Jardim com a Assessoria Comunitária ao Coletivo Tambores do Gueto.

Ao compartilhar as *expertises* do CEDECA Ceará (seja no tema do Orçamento Público, desmistificando a leitura das peças orçamentárias; seja no encaminhamento de ações jurídicas quando estas se fazem necessárias; seja facilitando processos de PMAS se os sujeitos em questão têm essa de-

manda; seja compartilhando metodologias e *modos de fazer* da entidade; seja na própria Assessoria Comunitária), a ideia é que ao fortalecer os coletivos locais que fazem essa luta comunitária estamos trabalhando para o próprio fortalecimento dos Coletivos que fomentamos — e para a ideia de cidade que concebemos.

Aí a gente entra, na prática, numa espécie de *enraizamento* que vai do local ao global. Essa ação se inicia onde o sujeito adolescente ou criança sofre a violação de direito, por um trabalho de inserção comunitária que vai dialogando com as outras estratégias do CEDECA, até chegar em algo que, às vezes, é inclusive uma incidência internacional⁴.

De onde começamos? Do acolhimento de uma demanda individual ou de um grupo organizado (de mães, por exemplo). Essa ideia *local*

to global é a ideia máxima de organização do CEDECA Ceará.

A ideia do “território para o mundo” parte da premissa que mesmo as violações de direitos humanos ocorrendo em territórios específicos, elas precisam ser visibilizadas de forma global para que outras populações também possam usufruir da resolução daquele problema. Entendemos, assim, que a comunidade precisa estar fortalecida, precisa estar organizada. Pois há lutas fundamentais que às vezes são locais, mas a violação de direitos que acontece, por exemplo, no Pirambu, não acontece só no Pirambu. A estrutura social que fomenta a desigualdade afeta o Pirambu, mas afeta também o Jangurussu, afeta o Bom Jardim. E a gente precisa enfrentar isso, muitas vezes, como cidade, em um movimento duplo: de dentro para fora e de fora pra dentro.

Então é preciso fazer essas articulações no âmbito da cidade. A gente utiliza hoje uma lógica que vai ao encontro da *Teoria da Mudança*, que é: a gente permanece no local uns cinco ou seis anos nesses três territórios, contribuindo para o surgimento de vários grupos — e agora a gente *pro-*

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Do ponto de vista do campo das organizações não governamentais com foco na incidência, e inclusive de parceiras como KNH, a Teoria da Mudança está vinculada a processos de transformação a partir de 4 dimensões: 1) o que muda na dimensão do sujeito 2) o que muda na dimensão da família 3) o que muda na dimensão da comunidade 4) o que muda na dimensão das políticas públicas, do Estado. Então vai desde o Eu até impactos maiores. É uma teoria que visa à transformação social e que aposta mais em efeitos e impactos, em termos de projetos, do que em realizar atividades. Essa Teoria promove uma mudança na perspectiva com que se concebe os processos, no sentido de levar mais em conta as finalidades, os impactos, os efeitos, do que os meios, ou seja, as atividades.

voca esses grupos a se organizarem de forma conjunta e em Rede⁵.

Por isso, todo o trabalho do CEDECA, no final, quando a gente vai olhar, termina em alguma Rede. Todo o trabalho! Porque nós não fazemos a luta sós. Nem estimulamos os Coletivos que nós fomentamos que façam a luta sós.

Dessa perspectiva, se a gente olhar, vai ver que relativamente aos Coletivos que já assessoramos, eles sempre se inseriram em coletivos mais amplos. O Fepraf entrou para a Comissão de Defesa do Direito à Educação; o Vozes de Mães e Familiares de Adolescentes Vítimas do Sistema Socioeducativo entrou no Fórum DCA e no Fórum Popular de Segurança Pública (FPSP); o coletivo Mães do Curió também.

E é assim igualmente com os adolescentes. A ideia do trabalho em

Rede é como se fosse o *arremate*: os Coletivos se consolidam e eles começam a se articular. A fazer a luta com outros, e não sozinhos no local.

Por tudo isso, o sentido do Equilíbrio nesse aspecto do trabalho é extremamente importante. Na organização ampliada dos sentidos, inclusive, o que corresponde, em termos de polaridade, ao sentido do Equilíbrio, é o sentido da Audição, vejam só! De modo que a escuta atenta dos parceiros é parte intrínseca de nosso trabalho, sem a qual não se alcança o desejável equilíbrio.



1. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Trecho retirado do texto Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará de autoria de Fernando Leão, professor universitário, pesquisador e ex-Assessor Comunitário.

2. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Dizer isso remete ao fato de que se faz um mapeamento territorial para entrar num Território. Esse mapeamento, no caso do trabalho com adolescentes e jovens, remete por um lado ao DRUP, no sentido de conhecer todas as problemáticas e também as potencialidades do lugar, mas remete também à rede de parcerias que o CEDECA Ceará vem construindo ao longo do tempo no campo da militância pelos direitos humanos de crianças e adolescentes. Essa rede permite não só identificar como conhecer esses parceiros, a partir de uma trajetória conjunta no mesmo campo político, bem poder delinear os elementos-chave que constituirão o cerne dessa parceria.

3. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Segundo material produzido pela ONG parceira Diáconia, o Diagnóstico Rápido Urbano e Participativo/DRUP tem o seguinte conceito: É um método de diagnosticar, identificar necessidades, interesses e objetivos de uma realidade ou grupo, de caráter essencialmente qualitativo, de forma rápida, participativa, educativa para atender objetivos determinados. Nos últimos setênios tem sido a metodologia utilizada sempre que se vai planejar a entrada num território. Particularmente, foi o que deu as bases para O bo(o)m das Periferias: Rede (s), Arte, Luta & Comunidade (s). Esse Projeto financiado por KNH (nossa parceira desde 2016) teve como base o Os DRUP's foram realizados de forma participativa tem sido realizado nos

territórios do Ancuri, Bom Jardim e Pirambu para o processo em curso num plano quinquenal que vai até 2027.

4. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

A experiência de incidência no tema do Sistema Socioeducativo pode nos ajudar a compreender esse aspecto: iniciamos no atendimento do adolescente vitimado, torturado; depois assessoramos o grupo organizado de familiares; realizamos o monitoramento do Sistema; visita de inspeção; ação jurídica e chegamos à dimensão internacional, quando protocolamos uma denúncia junto à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH).

5. DESAFIO

Dentro dessa visão de que as coisas não se resolvem só ali no local, a gente precisa incidir para criar políticas, e as políticas são de Estado — não existe um Estado Pirambu, uma Prefeitura Bom Jardim. Então é necessário estar nessa articulação em Rede pra poder enfrentar os poderes maiores ou os detentores de poder.

No seu trabalho, como essa estratégia de articulação coletiva tem sido desenhada?



5.

Experiências & Aprendizagens

Mapeamento territorial & articulação de parceiros (sentido do Olfato)

Para tratar desse aspecto, partindo do que vimos dizendo, o CEDECA Ceará, não entra num Território sem *pedir autorização*. São as bases — constituídas pelos parceiros — no Território que *chancelam* a nossa chegada e a nossa atuação.

Essa articulação com parceiros, então, quando já vem de uma militância conjunta no campo da defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes, aprofunda-se com o *mapeamento territorial*.

Esse *mapeamento territorial*, nos últimos *setênios*, tem tomado a forma de um DRUP, ou seja, de um Diagnóstico Rápido Urbano e Participativo.

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Qual a origem do DRUP?

O DRUP, segundo fontes históricas, é derivado do Diagnóstico Rápido e Participativo (DRP), o qual foi comumente utilizado entre as décadas de 1940 e 1970 por organizações não governamentais europeias que desenvolviam atividades junto a comunidades rurais. Durante as décadas de 1980 e 1990, no Brasil, o DRP recebe influências do pensamento de Paulo Freire, readequando-se, assim, à realidade e experiências do país e passando a ser chamado DRUP.

(Trecho retirado do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo – DRUP – Conhecendo a realidade de 4 territórios periféricos da cidade de Fortaleza: Grande Pirambu, Grande Bom Jardim, Grande Jangurussu/Ancuri e Vicente Pinzón/adjacências produzido pelo CEDECA Ceará em 2022.)

De acordo com o documento da Diaconia a que já fizemos referência, o DRUP tem algumas premissas para

sua realização. Que tal darmos uma olhada nelas?

A intervenção do DRUP respeita um processo circular e cumulativo de coleta de informações, articulando técnicas coletivas com técnicas individuais, a fim de captar as diferentes percepções e situações da comunidade, de forma a coletar o máximo de informações possíveis, fazendo de sua intervenção um processo contínuo de aprendizados de forma educativa.

- 1) A primeira questão a ser observada é que o DRUP exige que se perceba os participantes e envolvidos com o método como sendo seres humanos autodeterminados, capazes de conscientemente participarem na transformação da realidade em que vivem;
- 2) A segunda questão refere-se à problematização da realidade, identificando-se potencialidades, limitações

e estabelecendo-se prioridades e formas de se alcançar os objetivos;

3º) A terceira questão refere-se à organização e mobilização que são fatores determinantes para se alcançar atividades emancipadoras com o DRUP.

Em termos metodológicos, há vários instrumentos possíveis para a realização de um DRUP: *mapa diário, registro fotográfico, mapa de circuito, diagrama de relacionamento, mapa falante, matriz de hierarquização, consultas bibliográficas, desenhos*. Importa dizer que não é necessário utilizar todas essas possibilidades, mas escolher aquilo que melhor se adequa às condições de tempo e recursos existentes.

Nesse sentido, transformando o que realizamos no nosso último DRUP para o formato *guia*, podemos dizer o seguinte:

1º passo: *é necessário obter dados oficiais sobre os Territórios*¹.

2º passo: *é fundamental envolver os Coletivos e/ou sujeitos locais*² na feitura do DRUP.

3º passo: *é preciso escolher que instrumentais vão ser utilizados*³.

4º passo: *é importante cotejar os dados oficiais com os dados produzidos junto aos Coletivos e/ou sujeitos locais*.

REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Essa leitura da realidade territorial unindo as duas pontas da produção de informações é imprescindível, não só por tornar esse um processo vivo, mas também por proporcionar uma maior aproximação daquilo com que se vai lidar. Como uma referência do envolvimento comunitário na produção do nosso último DRUP, participaram 74 adolescentes e jovens (dos Coletivos Alium Resistência, Meraki do Gueto e Raízes do Bom Jardim), além de 24 mães e/ou familiares desses/as adolescentes e jovens, num total de 11 oficinas realizadas no mês de março de 2022. Do Território Vicente Pinzón só foi possível, até o momento, obter os dados oficiais, uma vez que o trabalho direto com adolescentes está previsto para 2024. Na ocasião, se procederá como tem sido feito nos outros Territórios: com os sujeitos locais.

Dito isso, acrescentar que a preparação para esse processo é um outro quesito.

Em 2022, antes da realização do DRUP, abrimos rodas de conversa com representações dos três Coletivos a partir de reuniões da Comissão de Participação do CEDECA Ceará (da qual trataremos no tópico sobre a criação de vínculos e o sentido Térmico).

Essas representações, por sua vez, voltavam para os Territórios com a incumbência de realizar outras rodas de conversas com seus pares — e nesse sentido foi possível articular todo o processo de maneira orgânica, não só com os/as adolescentes e jovens mas também com suas famílias.

Nada disso, porém, seria possível sem as parcerias, sem os parceiros. É com eles que encontramos a acolhida e o abrigo para realizar os encontros, as oficinas, as formações, as comemorações.

É com eles que trocamos informações, compartilhamos e aprendemos saberes, buscamos soluções para as *delicadezas do cotidiano*. É com eles também que choramos as tristezas, mas também com quem repartimos as vitórias, as homenagens.

REVERÊNCIAS & REFERÊNCIAS

Em 2023, durante homenagem recebida pelos 29 anos de atuação, o CEDECA Ceará indicou para receber junto com ele essa homenagem tanto os parceiros nos Territórios quanto os próprios Coletivos assessorado. Para conferir essa cerimônia, escaneie o QR code:



A partir da percepção da essência de cada um, tal qual nos orienta o sentido do Olfato, vamos desenvolvendo as qualidades da descrição, da lealdade, da empatia e da compaixão, para que de fato possamos, juntas, realizar aquilo que ambos temos como missão.



1. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Esses dados podem ser obtidos dos serviços estatais, dos institutos de pesquisas e mesmo de levantamentos feitos pela sociedade civil através de observatórios, grupos de estudo, entre outros — e dizem respeito a:

- uma apresentação geral do Território (inclusive trazendo as origens toponômicas, culturais, entre outras);
- apresentação dos bairros e/ou comunidades que compõem cada Território, com dados de população, entre outros;
- dados socioculturais e de equipamentos públicos quanto aos setores de: saúde (postos, CAPS, UPAs), educação (escolas), cultura/esporte/lazer (espaços públicos, centros culturais, entre outros), organizações não governamentais (entidades) e movimentos sociais (redes, fóruns), mobilidade (linhas de ônibus), segurança (policiamento, delegacias), saneamento básico.

2. PARTICIPAÇÃO & DIREITOS

No caso de estarmos adentrando pela primeira vez um Território e não termos ainda um Coletivo constituído, o DRUP inicial é feito pela equipe do CEDECA Ceará com contribuições dos parceiros — como se deu para a construção do Projeto-piloto junto à KNH, que gerou as condições para o retorno aos Territórios em 2016. Quando do Projeto-piloto, porém, para dar subsídios para a construção do quinquenal 2017-2022, e, depois, no processo de elaboração do quinquenal 2022-2027, o DRUP foi todo realizado junto com os Coletivos.

3. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

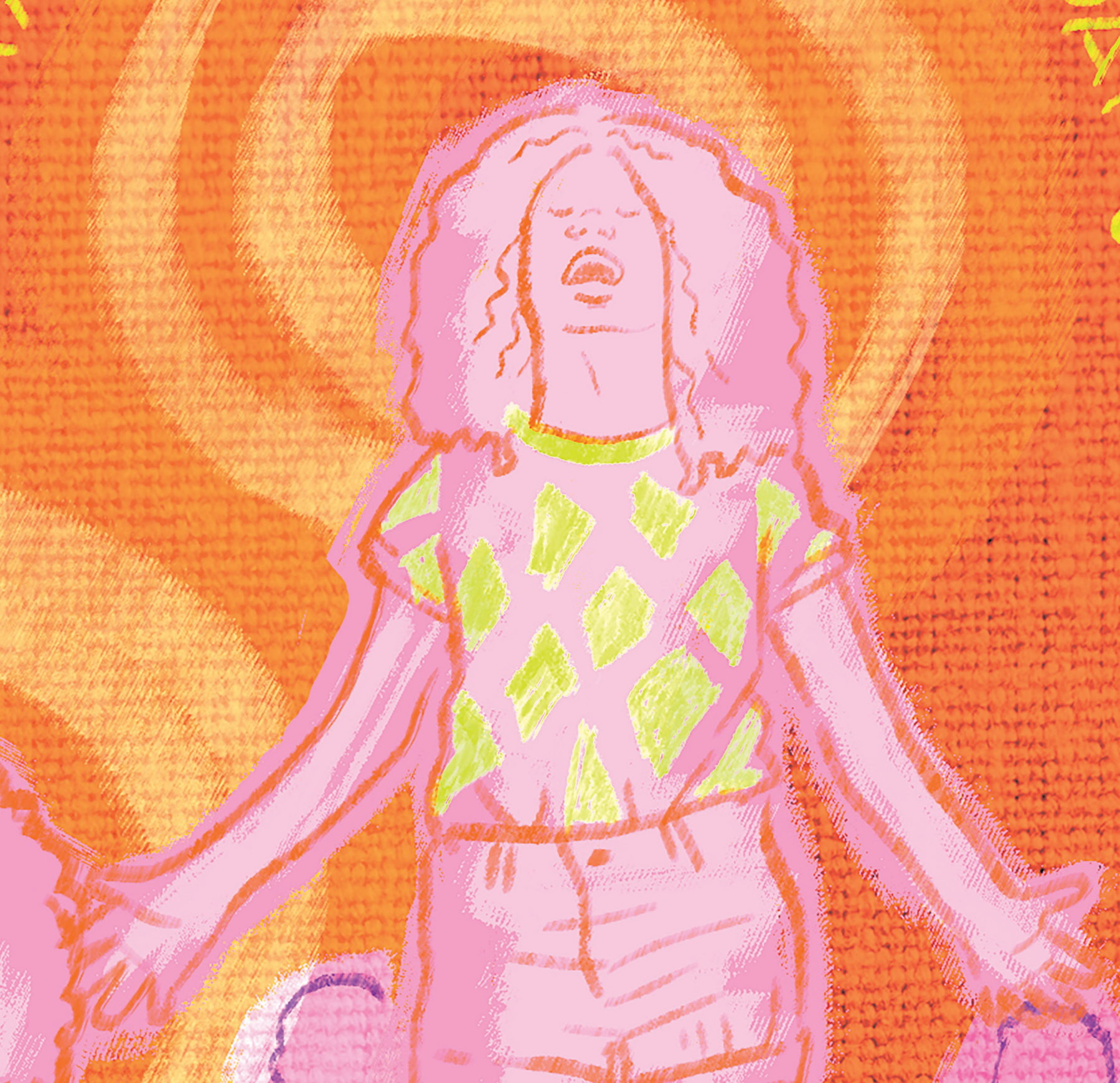
No caso do último DRUP que realizamos, optamos pelo mapa diário, mapa de circuito e máquina de gestos. Como

já dissemos, porém, essa escolha depende do tempo e dos recursos (humanos e materiais) disponíveis. Seguem trechos do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo – DRUP – Conhecendo a realidade de 4 (quatro) territórios periféricos da cidade de Fortaleza..., citado anteriormente, sobre esses instrumentais:

Mapa Diário: a metodologia do mapa diário tem como objetivo o registro da rotina e dinâmica das/os residentes nos territórios, a partir da descrição dos horários e das principais atividades para compreender a realidade das comunidades e como se dá a ocupação do espaço do território por essas/es sujeitas/os. Optou-se, nessas oficinas, dar prioridade para a rotina das mulheres mães e/ou familiares dos/as adolescentes e jovens participantes. Destaca-se que na construção do mapa diário foi possível realizar um encontro presencial com essas mulheres.

Mapa de Circuito: o mapa do circuito utilizado junto aos grupos teve como objetivo apresentar geograficamente os locais dentro dos territórios que os adolescentes e jovens identificavam como “Fortalezas”, “Oportunidades”, “Fragilidades” e “Ameaças” (FOFA). Estes locais foram identificados por meio de desenhos ou da escrita. Posteriormente, durante a apresentação dos mapas de circuito de cada participante, outros elementos foram sendo adicionados a partir das falas do grupo. O instrumento em questão é um importante revelador da organização espacial dos Territórios, bem como das relações sociais existentes, nas quais os/as adolescentes dos Coletivos estão envolvidos/as.

Máquina de gestos: oriundo do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, o jogo foi aplicado posteriormente ao mapa de circuito e teve como objetivo que as/os participantes pudessem, através de cenas do teatro-imagem, apresentar representações dos elementos que surgiram quando da construção das “Fortalezas”, “Oportunidades”, “Fragilidades” e “Ameaças” (FOFA) dos Territórios.



6.

Experiências & Aprendizagens

Identificando os sujeitos da ação (sentido do Paladar)

Ao tratar de como identificamos os sujeitos da ação que realizamos, vale dizer, os/as adolescentes (às vezes, crianças, por vezes, jovens), um primeiro ponto de contato são justamente os parceiros.

É através deles, e do trabalho que já desenvolvem nos Territórios, que se faz possível chegar em muitos desses sujeitos. Inclusive porque apesar de termos um Projeto com objetivos, metas etc., esse Projeto já foi escrito com base na vida do Território e nas questões mais prementes que dele emergem.

Quando, porém, essa *ponte* feita pelos parceiros não é o suficiente para alcançar o número de adolescentes desejado (geralmente 30 por Coletivo), parte-se para uma articulação através das escolas.

Essas visitas são programadas, tanto com o parceiro quanto com as escolas, e são muito frutíferas, pois de um contingente grande reunido de adolescentes, sempre há os/as que se sentem atraídos/as para um trabalho de formação, sobretudo quando a Arte é a forma de expressão-mor dessa formação.

Desde que escolhemos como linguagem o Teatro do Oprimido, que vem se configurando em termos de chamada como *teatro político*, a atração de meninos e meninas se dá mesmo desconhecendo a fundo o significado dessa expressão, como já dissemos a propósito de um dos Coletivos.

Uma vez, porém, constituídos os Coletivos — desde o TruPirambu e Tambores do Gueto, passando por Alium, Meraki e Raízes —, o contato se dá através de uma busca ativa a cada início de semestre. Essa busca envolve telefonemas, mensagens, os grupos de WhatsApp— e, novamente, a mediação dos parceiros nos Territórios.

As redes sociais foram também muito utilizadas no período da pandemia, porque eram, naquele momento, o meio possível para acessar esses sujeitos sem o contato direto. Mas o *boca a boca* também tem sido uma ótima maneira de difusão do trabalho, já que uma vez vendo sentido naquilo que é proposto e realizado, os/as próprios/as adolescentes se encarregam de chamar seus pares para vir desfrutar consigo daquela descoberta.

No processo de passagem da Assessoria Comunitária do TruPirambu

e Tambores do Gueto para o que viriam a ser depois Alium Resistência, Meraki do Gueto e Raízes do Bom Jardim teve ainda um outro aporte em termos de identificação dos sujeitos: as *Caravanas Culturais da Juventude*.

Criadas, justamente, para promover intercâmbio entre os Coletivos assessorados, elas têm sido sempre um momento de muita efervescência. Essa efervescência só não foi possível quando as propusemos de forma virtual, sob o mote *Corpo & Artesanias*, visto todas as questões de acesso à internet na época da pandemia — e, mesmo, o cansaço de meninos e meninas pela sobrecarga das aulas virtuais em voga no ambiente escolar.

REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Criadas no bojo do Projeto-piloto Direito a Ter Direitos – coletivos enfrentando a violência institucional contra crianças e adolescentes, financiado por KNH, entre 2016–2017, as As Caravanas Culturais da Juventude foi uma ação criada pelo CEDECA que têm como característica: 1) a proposição de um mote (nome do encontro) e de uma temática que rege a jornada de um dia ou dois de encontro das juventudes; 2) a realização de oficinas em que se articula o trabalho de formação política através da expressão mediante linguagens estéticas; 3) o intercâmbio entre jovens, coletivos, territórios; 4) uma intervenção de rua ou um evento aberto ao público, ampliando a mobilização comunitária para além dos/as jovens envolvidos/as. Como exemplo, vamos trazer elementos de duas delas. O mote da Caravana Cultural de 2017 foi Cantar Como Quem Resiste, Resistir Como Quem Deseja com o tema Contexto de Violência Institucional e Criminalização das Periferias de Fortaleza. Aconteceu durante os dias 5 e 6 de agosto no Território do Pirambu, sediado no Centro Cultural Chico da Silva e atividades em outros pontos do bairro (com direito a Percursos Urbanos pelo Pirambu), reunindo 55 jovens dos três Territórios (Pirambu, Jangurussu e Bom Jardim) e com uma programação ia do café da manhã ao Sarau à noite, passando por rodas de debate, apresentação de sínteses criativas, apresentações culturais e intervenção de rua.

Já a III Caravana Cultural das Juventudes de 2019 tematizou: Participação Político-Comunitária de Crianças/Adolescentes/Jovens e Arteterapia – O Autocuidado Como Estratégia Política; também contou com um momento para mostra de cenas de teatro-fórum, resultantes das oficinas de iniciação ao Teatro do Oprimido, que aconteceu no Centro Cultural Bom Jardim/CCJB; participaram 55 adolescentes e jovens acompanhados/as das turmas novas do Pirambu, Bom Jardim e Jangurussu/Ancuri e mais um público diverso de aproximadamente 120 pessoas.

Nesse sentido, tem muito a ver associarmos a identificação dos sujeitos da ação — e as formas criativas, no âmbito estético, que temos encontrado para estabelecer com eles uma relação — com o sentido do *Paladar*.

Sendo, o sentido do *Paladar*, o que dá a base física para o aprimoramento do senso estético, resta dizer que essa identificação dos sujeitos não é uma *rua de mão única*. Nós também, enquanto agentes promotores de uma *ponte* entre o ético e o estético a partir da ação proposta, somos igualmente identificados por esses sujeitos — e também por eles escolhidos.

Há algo de *mágico*, nesse encontro — que, por sua vez, é fruto de muito trabalho e de um *tempero fino* em toda ação desenvolvida. Mas é importante dizer do quão

significativo é, para nós, cada adolescente com que temos nos deparado ao longo desses 30 anos.

Somos, nesse processo, tão aprendizes quanto eles e elas — e talvez até mais que eles e elas! E enquanto seguimos *juntas* nesse processo, que o alimento das formações, dos encontros, intercâmbios, desafios, discussões, incidências nos nutra de forma ampla, do físico ao espiritual, passando pela dimensão anímica.





7.

Experiências & Aprendizagens

Construindo atividades de mobilização (sentido da Visão)

Fazendo uma pequena retomada de como se dá esse trabalho com os Coletivos, primeiro há a chegada respeitosa nos Territórios: a aliança com parceiros. Depois a gente consegue ir criando uma atmosfera para que vários/as adolescentes e jovens daquele território se formem, se articulem, se engajem — e isso gere um Coletivo.

É importante refletir que um Coletivo não nasce espontaneamente. Ele nasce de uma série de impulsos, mas dentre eles, da necessidade daqueles sujeitos de se organizarem porque sozinhos não dão conta de superar os desafios postos pela realidade. E nesse processo em que o Coletivo se forma e em que as formações vão se dando, as mobilizações são fundamentais.

Mobilizar por mobilizar, porém, nunca foi a intenção. Daí o sentido da *Visão* nos vir em auxílio, porque é preciso ver, antever, o que é que pode *dar a liga* para essas mobilizações, de modo que tanto possam integrar os Coletivos na vida de seus Territórios e da própria cidade, quanto funcionar como a culminância dos momentos formativos.

Assim tem sido com o envolvimento dos Coletivos na construção das Marchas da Periferia. Desde que retornamos com o trabalho de Assessoria Comunitária nos três Territórios, as Marchas da Periferia têm sido um momento de culminância do trabalho desenvolvido durante o ano inteiro. E, cada vez mais, conscientemente quanto à articulação dos temas de atuação do CEDECA Ceará com o que vem da pauta dos Coletivos, em diálogo com as questões da cidade — vale dizer, das periferias urbanas.

Para exemplificar de que modo esse encadeamento pode se dar, em 2022 iniciamos o ano com um planejamento em duas etapas junto à Comissão de Participação do CEDECA Ceará (de que falaremos no tópico a seguir). Com representa-

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

A Marcha da Periferia tem o objetivo de dar visibilidade às lutas e lutos vivenciados pelas populações periféricas de Fortaleza, sobretudo mulheres, crianças e jovens, pelas constantes violências que sofrem e também pelas iniciativas de resistências através da organização, da arte e da cultura. (trecho retirado de texto enviado à imprensa por ocasião da VIII Marcha da Periferia)

As Marchas da Periferia vêm sendo realizadas desde 2013 e trazem como temas questões fundamentais para a efetivação dos direitos e pela cessação da violência e violação desses direitos junto às populações periféricas. Em 2020, em plena pandemia, o tema foi: Nem Fome, Nem Tiro, Nem Cárcere, Nem Covid: A PERIFERIA QUER VIVER!

As Marchas são construídas coletivamente, a partir de reuniões que se dão de setembro a novembro, quando se vai às ruas. E essa construção é feita com a colaboração de movimentos, entidades, coletivos e pessoas, com o mesmo propósito: visibilizar a denúncia acerca das violações e pressionar o Estado, por um lado, e, por outro, levar o anúncio do que as periferias têm de melhor: sua arte, sua cultura, suas juventudes!

ções de cada Coletivo construímos a *Amarelinha do Tempo*, que depois foi refeita em cada Território.

A *Amarelinha do Tempo*¹ primeiro propunha um olhar para o passado, olhando para o que fora feito no ano anterior e destacando o que foi mais importante. Depois das representações de cada Coletivo voltar a seus Territórios e se reunirem com seus pares, se completava esse olhar para o passado e se lançava um olhar para o futuro, no sentido de projeções (planejamento) para o ano em curso.

No encontro seguinte do CEDECA Ceará com a Comissão de Participação, a *Amarelinha do Tempo*² para o ano de 2022 de todos os Coletivos foi apresentada — e cotejada com o que trazíamos também

de planejamento. Naquele momento foi possível começar a delinear o que seriam as prioridades conjuntas para o desenvolvimento das formações, dos intercâmbios, das mobilizações — que culminaram na Marcha da Periferia.

E num movimento que buscava inserir essas juventudes não apenas no momento de culminância, mas de construção da Marcha, os Coletivos participaram ao longo do ano das reuniões (de planejamento e ordinárias) do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará. A partir desse *aquecimento* e de estar já nos debates e nas pautas que seriam levadas para a X Marcha da Periferia, participaram das comissões de organização da Marcha — e nos seus Territórios desenvolveram atividades com outros sujeitos, visando am-

pliar essa mobilização.

Escolhemos trazer o exemplo das Marchas da Periferia como uma referência para esse processo de mobilização dos Coletivos, mas é importante dizer que não são, nem têm sido, as únicas ao longo do tempo. Na verdade, cada Território tem também suas pautas e as mobilizações puxadas pelos parceiros, que terminam por envolver igualmente cada Coletivo³.

No que concerne ao CEDECA Ceará, a cada Planejamento Estratégico fechamos as pautas prioritárias que dialogam com as formações, com os intercâmbios e com as mobilizações dos Coletivos.

Como se pode ver, sem uma mirada ampla não é possível concatenar tudo isso de modo a fazer coincidir os processos de formação e de incidência política.



1. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Amarelinha é aquela brincadeira em que se vai de casa em casa, jogando pedra a partir da casa 1, pulando a casa onde a pedra está na ida e pegando-a na volta, até chegar ao céu. Geralmente os números das casas vão do 1 ao 10 ou ao 12. No nosso caso, pra fazer a Amarelinha do Tempo, colocamos 12 casas, uma para cada mês do ano. E em cada mês os Coletivos iam colocando aquilo que desenvolveram no ano de 2021 (olhando para o passado) — e olhando para o futuro, depois de planejarem entre si, as atividades que propunham desenvolver durante o ano. Foi uma forma de dar movimentação ao processo de avaliação/planejamento, mas também de dar outra dinâmica para o que conhecemos como linha do tempo.

2. DESAFIO

Que acha de propor a seu Coletivo ou entidade ou comunidade um mergulho na própria história a partir da Amarelinha do Tempo? Isso pode ser feito olhando-se períodos anuais, mas também podem ser feito mirando-se os setênios, se já se tiver um bom tempo de caminhada. E pode, ainda, ser feito retrospectivamente, ou seja,

do momento presente para o momento mais antigo. Que tal tentar? Esse exercício é dos bons!

3. MEMÓRIA & TERRITÓRIOS

É importante recordar as Caminhadas Pela Paz, no Grande Bom Jardim, promovidas pelo CDVHS, ao qual Tambores do Gueto muito se vinculou. Também as mobilizações em torno do monitoramento do Orçamento Público, que atravessaram toda a vida da Rede OPA. E, com relação aos Coletivos mais novos, as mobilizações em torno do Dia 18 de Maio, das quais o Meraki do Gueto é sempre um militante, e as mobilizações do Alium Resistência em torno da questão ambiental de sua praia com a campanha É o Limpa! Ainda nesse aspecto, importa citar a participação e protagonismo dos três Coletivos em maio de 2023 na Travessia (mobilização de rua orquestrada pelo Vozes de Mães e Familiares do Socioeducativo e pelo Mães do Curió) e, em julho, no processo do Seminário Estadual do Plano Plurianual/PPA.



8.

Experiências & Aprendizagens

Construindo vínculo e permanência nos Territórios (sentido Térmico)

A criação de vínculo é um diálogo com nossa humanidade. E é o que dá, ao mesmo tempo, o termômetro, melhor, o sentido *Térmico*, ou a temperatura (o *calor anímico*) das nossas relações.

No trabalho com os Coletivos temos avançado daquilo que por muito tempo chamamos de *dinâmicas* para o termo *amorização*¹.

Nesse rol, colocamos também o que chamamos de *azeitamento*, de *mística* — e que neste *guia* temos chamado de *repertórios pedagógicos*.

Esses *repertórios pedagógicos* vão se constituindo, enquanto *modos de fazer* junto aos Coletivos, de todos os momentos em que nos dedicamos à esfera do *sentir*. Ora, numa sociedade e num momento histórico em que prepondera a esfera do *pensar*, isso por si só já é um grande exercício.

E é por isso que valorizamos, em todos os encontros, a forma como chegamos, como *abrimos o campo* daquele encontro, a partir da *chegança* e do *azeitamento*; a forma como conduzimos o que planejamos e que deve dialogar sempre com o que encontramos naquele dia ou naquele momento, da parte do Coletivo — em que nos valem da *amorização* para ir construindo caminhos; e a forma como *fe-*

chamos o campo, ou seja, a *mística* final do encontro.

PERFORMANCES & POÉTICAS

Ao elaborar este guia, jamais pensamos que tratar desse assunto seja enumerar o que fazemos, quase como se uma receita de como conduzir o trabalho com um Coletivo. Isso porque cada entidade, cada grupo, cada Coletivo e cada pessoa mesmo vai constituindo esses repertórios pedagógicos ao longo da sua trajetória. Essa liberdade é um presente e um desafio ao mesmo tempo, porque nos insta a nunca deixar de ser pesquisadores/as da melhor forma de conduzir esta ou aquela atividade; instiga-nos a não nos acomodar no conhecido — e nos conduz a um estado de atenção plena para, a cada novo encontro, a cada nova atividade, sentir, a partir das pistas que o Coletivo nos dá, se é aquilo mesmo o que temos que fazer.

Para tratar desse aspecto do trabalho, escolhemos trazer como temos construído a instância a que chamamos Comissão de Participação (CPA) do CEDECA Ceará, constituída por representações de todos os Coletivos Assessorados.

Essa instância nasceu em plena pandemia — e foi de forma virtual que começamos esse trabalho. Havia já uma *provocação* (tal como a que tivemos quanto a dar início a um trabalho com adolescentes, que veio a gerar as condições para o nascimento da Rede OPA), agora da apoiadora Kindernothilfe (KNH), mas também reforçada por Save the Children, no sentido de que a participação de crianças e adolescentes se desse em todas as etapas dos Projetos desenvolvidos pelo CEDECA.

Em 2020, pois, inauguramos essa instância. Era o momento em que estava se plasmando a chegada de novos/as integrantes aos três Territórios e a nós pareceu a situação oportuna².

Em termos de composição, a CPA conta com duas ou três representações de cada Coletivo e, da parte do

CEDECA Ceará, com representação da Coordenação Geral e do Núcleo da Formação. A depender dos temas a serem tratados, pode chegar a contar com mais de uma pessoa do Núcleo da Formação, como no caso da pauta sobre a elaboração de novos projetos, em que o processo do DRUP, depois a elaboração e aprovação do Projeto, foi todo desenvolvido a partir daquilo que se decidia em consonância com a Comissão.

É evidente que os aspectos não só das ações como de gestão financeira do Projeto são também compartilhados, mas na medida do que é passível de ser assimilado e em termos do que pode ser colocado sob a ingerência dos Coletivos. É o caso do Programa de Fomento (de que ainda trataremos), que, no escopo do novo quinquenal, demanda decisões que vão estar sob a responsabilidade das adolescentes.

Na nossa compreensão, esse duplo movimento — o de ir aos Territórios ao encontro dos Coletivos e o dos Coletivos virem ao CEDECA Ceará nos momentos de encontro da Comissão de Participação — reforçam o vínculo e a confiança de que estamos criando *juntas*.

Ademais, criam condições de permanência nos Territórios das *sementes* do que estamos a fazer, para além do tempo de um Projeto. Isso porque com todos os processos vividos, com o envolvimento dos/as adolescentes nas problemáticas que lhes dizem respeito, com a formação contínua e com *ensaios* ou exercícios no que tange à gestão de pequenos projetos, o que se almeja é que os Coletivos possam seguir, quando não dispuserem mais da assessoria do CEDECA Ceará.

E quanto aos aspectos metodo-

lógicos de como se dá essa criação de vínculo a partir do trabalho pedagógico, podemos nos deter um pouco mais no tópico a seguir. Sem deixar de lado os elementos da autoconfiança, da tolerância e da paciência que o sentido *Térmico* nos ajuda a construir.

Há um outro aspecto ainda do nosso trabalho que achamos por bem agregar a esse elemento da construção do vínculo e da permanência nos territórios. Trata-se da PPI. A Política de Proteção Infantojuvenil (PPI) do CEDECA Ceará, produzida em 2019, assim se apresenta:

O CEDECA Ceará é uma organização fundada com o objetivo precípua de garantir direitos humanos de crianças e adolescentes. Temos, desde a nossa gênese, desenvolvido a *expertise* de atuação

em casos que envolvem violações aos direitos humanos de crianças e adolescentes e, como uma das estratégias fundamentais da organização, a realização de atendimentos jurídico-sociais, encaminhando os casos com o objetivo de: a) garantir a cessação da violência; b) restituir direitos violados; c) impulsionar o processo de responsabilização do agressor.

Neste sentido, a nossa Política de Proteção Infantojuvenil (PPI) ou Política de Proteção à Criança e ao Adolescente já é parte intrínseca da nossa Missão, Política, Objetivos e Princípios Institucionais. Ela permeia os nossos documentos e o nosso fazer cotidiano, no entanto faz-se necessária a sistematização de um documento específico em relação à conduta, ao compromisso ético e aos procedimentos da organização

e dos/as profissionais, associados/as e parceiros em relação às ações desenvolvidas diretamente com crianças e adolescentes. Por esta razão é que construímos este documento e que buscaremos aprimorá-lo, a partir da sua implementação e com a realização de monitoramentos anuais que possam checar a pertinência das orientações, condutas e normas aqui estabelecidas.

Esse documento é compartilhado com todos os Coletivos — e, mais que compartilhado, ele é estudado junto aos/às adolescentes no sentido de dar-lhes a conhecer os mecanismos de defesa caso sofram alguma violação advinda de qualquer parte do CEDECA Ceará³.

É uma premissa do CEDECA Ceará que a defesa, proteção e promo-

ção dos direitos humanos de crianças e adolescentes se deem em todas as instâncias, para dentro e para fora da entidade. Para nós, esse é um termômetro importante nesse nosso mister — e certamente contribui para o fortalecimento dos vínculos com os Coletivos.

E porque para assuntos muito sérios nada como abordá-los também de forma lúdica, em 2020 elaboramos um *Ludo da PPI*⁴. Com ele, de maneira divertida e brincante, compartilhamos os conteúdos da PPI a partir dos termos conhecidos pelos Coletivos: *é pêdo!* (significa algo ruim e utilizamos para os equívocos ou enganos) e *é sal!* (algo legal e utilizamos para a difusão dos direitos e afirmação da vida). Foi *sal!*



1. DESAFIO

Essa palavra, junto com outra (amorosidade) foi utilizada por Paulo Freire, mas é sinônimo de algo que todas, todos conhecemos quando recordamos algo que em nós gera uma temperatura agradável.

Que tal pesquisar o que gera esse calor anímico, essa sensação de bem estar, de sentir-se acolhido no mundo, junto ao seu Coletivo, entidade ou comunidade?

2. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

Essa reunião aconteceu em 19 de junho de 2020 e tinha como pauta apresentar junto aos Coletivos a Matriz Pedagógica elaborada para dar conta dos processos de formação durante a pandemia. Após a chegada e o azeiteamento, a Matriz foi apresentada e pôde ser discutida nos seus aspectos gerais. Mas quando depois avaliamos a primeira reunião dessa Comissão (que à época contava também com representação dos Grupos de Mães assessorados pelo CEDECA Ceará), nos demos conta de quantas pessoas adultas havia ali, em comparação com as pessoas adolescentes: 7 pessoas adultas para 6 representações dos Coletivos. O fato nos chamou a atenção — e nas reuniões seguintes fomos buscando reduzir o número de pessoas adultas em função de garantir de fato o espaço de participação dos/as adolescentes e jovens, tendo em vista a situação de poder que nós detemos já a priori nessa relação.

3. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Como procedimentos preventivos em curso no cotidiano das atividades junto aos Coletivos, temos três dispositivos institucionais:

1) A eleição por parte da entidade de uma pessoa-referência, uma guardiã da PPI, cujo contato é compartilhado com todos os Coletivos; essa pessoa-referência geralmente pertence ao Núcleo de Atendimento do CEDECA Ceará;

2) A cada reunião, encontro, formação ou evento, caso essa guardiã não esteja presente, elege-se dentro da equipe quem será a guardiã da PPI naquele encontro, reunião, formação ou evento, no sentido de que se algum/a adolescente se sentir violado possa ter a quem se dirigir e ter uma escuta atenta, respeitosa e encaminhativa;

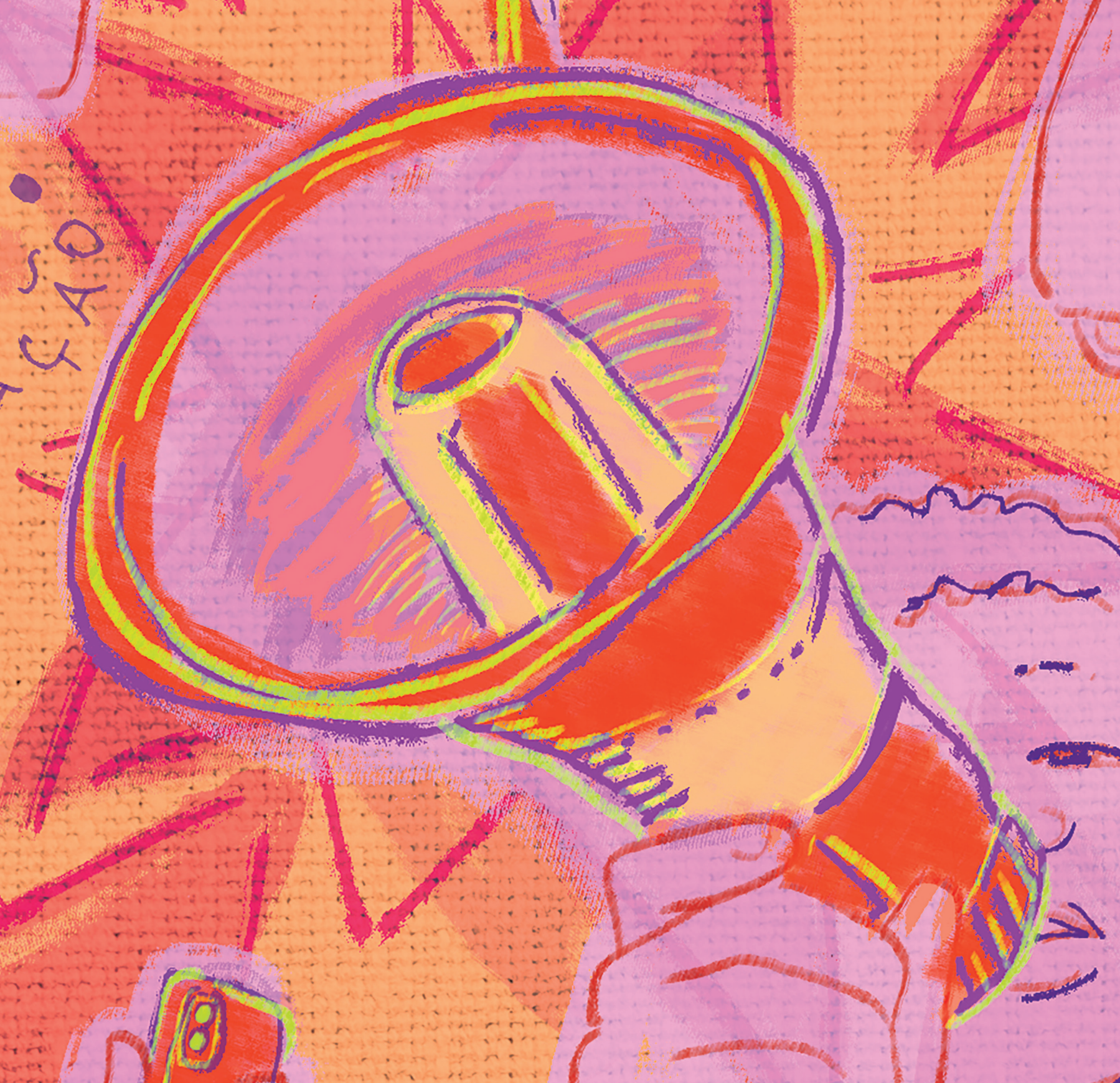
3) No âmbito dos Coletivos, elege-se de forma autônoma quem serão os guardiões ou guardiãs da PPI, no sentido de facilitar a chegada das denúncias, quando houverem, até a pessoa-referência do CEDECA Ceará; essa é uma função rotativa e permite também esse olhar atento por parte dos Coletivos numa espécie de corresponsabilidade quanto à PPI.

4. PERFORMANCES & POÉTICAS

No CEDECA todo mundo,
Do/a profissional à diretoria,
Trabalha pelos direitos
E afirma a democracia.
Criança e adolescente são sujeitos de direitos,
Não “objeto de tutela”, sabia?
O Código de Menores isso desconhecia.
É pêdo!
Com todo respeito, fique uma vez sem jogar!
(casa 4)

Criança e adolescente
São prioridade absoluta,
Mas numa sociedade adultocêntrica
Garantir isso ainda é uma luta!
É sal!
Você já sabe do seu direito –
E isso é fundamental!
Avançar uma casa ou jogar outra vez os dados Não vai ser
nada mal! (casa 6)

(trechos retirados do jogo Ludo da PPI elaborado em 2020)



Experiências & Aprendizagens

Identificando pautas e produzindo uma Matriz Pedagógica (sentido da Audição)

O sentido da Audição, diferente dos sentidos de que tratamos até aqui, faz confluir até nós o mundo e o Outro de um modo até certo ponto assustador. É possível fecharmos os olhos, o nariz, a boca; é possível não nos movimentarmos; é possível não tocarmos em nada.

Mas quanto ao que nos chega pelo sentido da *Audição*, é muito difícil não sermos afetados, pois não há como *fechar* os ouvidos (ainda que os tampemos).

Por outro lado, o sentido que se comunica diretamente com o da *Audição* é o sentido do *Equilíbrio*. *Audição* e *Equilíbrio* juntos nos proporcionam concentração.

Essa qualidade é para lá de necessária quando o trabalho é identificar as pautas que emergem dos Territórios e elaborar uma *Matriz Pedagógica*. Como já vimos dizendo, esse levantamento das pautas, no trabalho de um Centro de Defesa, se dá em muitas camadas.

Há o que preconizam as leis e que geram pautas contínuas — caso do Direito à Educação, cuja pauta foi ganhando um refinamento ao longo do tempo; há as violações de direi-

to que geram pautas *da hora* — caso das Ocupações das Escolas pelo movimento secundarista, por exemplo, que ao emergir não pôde ser deixada de lado pela urgência de reação que demandava; e há aquelas que vão constituindo um histórico de trabalho, de modo que já se pode planejar antecipadamente considerando sua existência.

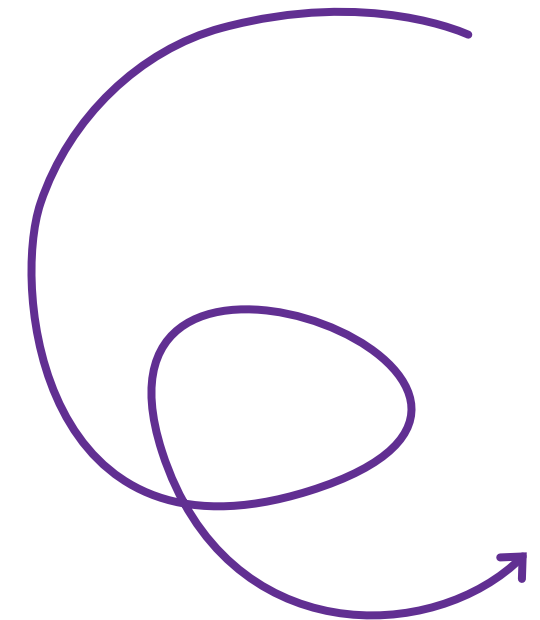
Nestas últimas, temos todo o trabalho feito em torno do monitoramento do orçamento público, temos a pauta do Sistema Socioeducativo (SSE). Sobre esse tema, aliás, pouco nos debruçamos ao longo deste *guia*, mas que é preciosa, tendo em vista que os sujeitos de direito sob tutela do Estado são violados pelo próprio Estado — e que pela própria condição de privação de liberdade, não podem de *per si* esboçar reações, razão pela qual fortalecemos o trabalho dos Grupos de Mães e familiares de adolescen-

tes do SSE. Temos, assim, a pauta da participação de crianças e adolescentes no âmbito do que lhes concerne e a pauta do enfrentamento à violência institucional (que nas ruas se dá sob a forma do extermínio das juventudes negras, pobres e periféricas).

REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Apesar de acompanhar a pauta do Sistema Socioeducativo desde muito antes, é a partir de 2013 que o CEDECA Ceará passa a fortalecer o primeiro grupo de mães de adolescentes em privação de liberdade, que veio a se chamar Vozes de Mães e Familiares de Adolescentes do Socioeducativo. A partir de 2015, com o acontecimento da Chacina de Messejana, passa a também acompanhar o Grupo de Mães e Familiares do Curió, cujos filhos foram assassinados pela polícia. Esses dois grupos vêm a seu modo cada vez mais se fortalecendo e se autonomizando, no sentido de hoje estarem na condição não mais de grupos assessorados, mas de parceiros do CEDECA Ceará. E conhecer suas histórias pode ser muito relevante para compreender não só a participação dessas mulheres na trajetória pela efetivação dos direitos humanos de crianças e adolescentes, como também sobre como tem sido possível transformar a dor e o luto em luta política.

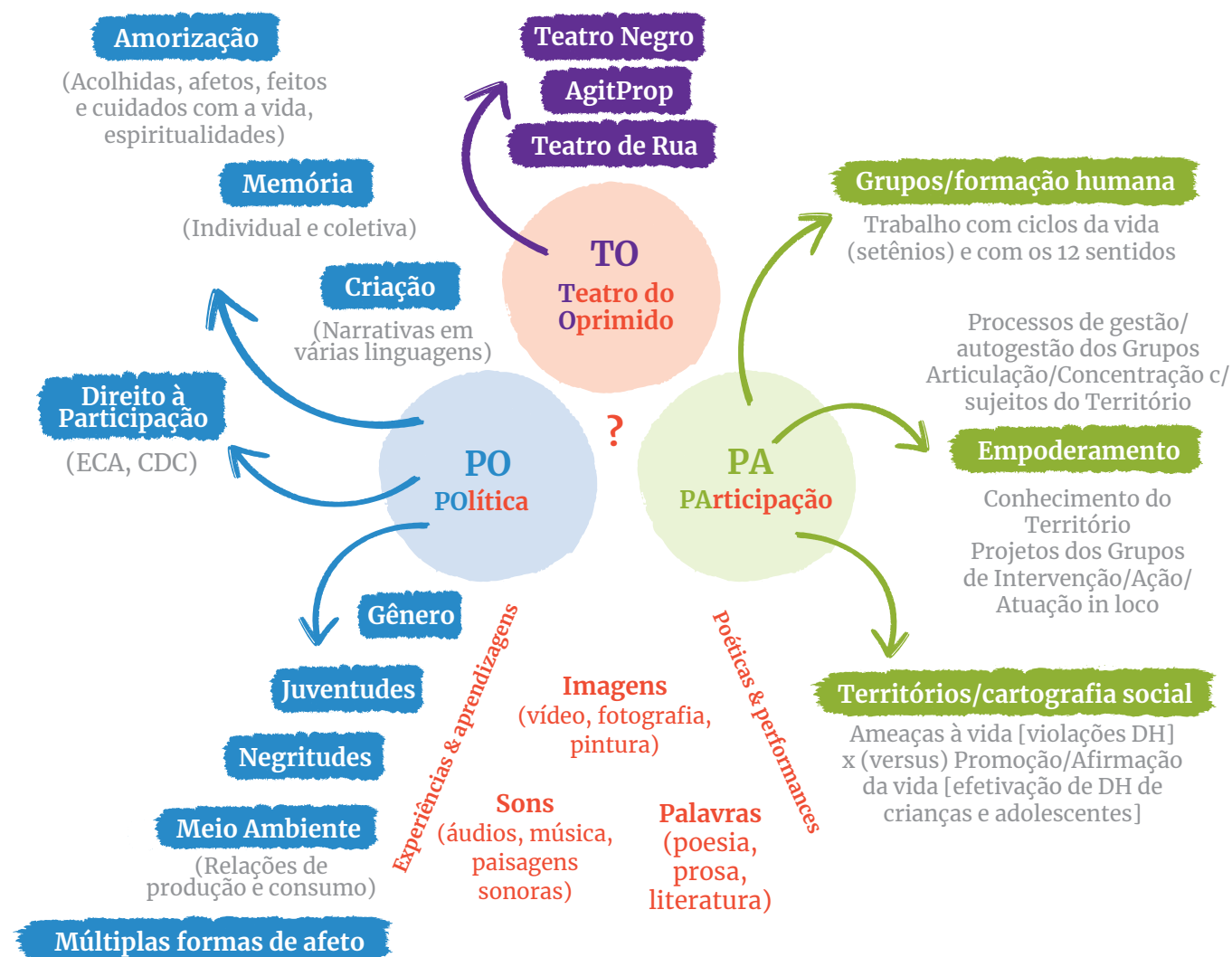
Daí que quando em 2020 nos debruçamos de maneira consciente para pensar uma *matriz pedagógica* que desse conta desse campo enorme de pautas com que lidamos e, ao mesmo tempo, pudéssemos ir dialogando com o que advinha dos Territórios — também como pautas, questões, desafios a serem encarados —, ensaiamos uma elaboração que se configurou no diagrama a seguir:



Matriz para os Territórios/Núcleo de Formação CEDECA Ceará III ESCOLA DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA A JUVENTUDE

TOPO? TOPA? Teatro do Oprimido, POLÍTica e PArticipação
experiências & aprendizagens, poéticas & performances

Edição especial 2020



O exercício de colocar no papel (com ementa, justificativa, notas conceituais, aspectos metodológicos e referências), longe de querer enriquecer os processos, buscou traduzi-los, de forma a poder compartilhá-los. Esse desenho serve, pois, para que miremos de forma aproximada o que se dá, na prática, no cotidiano da relação com os Coletivos, mas que nem sempre é apreendido por *todes* na sua amplitude. E serve ainda para uma constante reavaliação da equipe.

Assim, tendo de um lado a PO-
lítica, vale dizer, aquilo que se busca
como finalidade do trabalho com os
Coletivos que é a capacidade de ler,
com propriedade, a realidade para
poder nela intervir; do outro lado, a
PArticipação, ancorada nos vetores
do conhecimento de si e de seu grupo
e no conhecimento de seu Território
e de suas causas — e no meio o traba-
lho com a Arte, mediante a linguagem

escolhida que é a do Teatro do Oprimido (TO) — numa abertura imensa para todas as expressões estéticas e para o exercício estético como princípio — tem-nos sido possível trabalhar com uma orientação construída organicamente e a partir da *escuta* atenta de todos os elementos postos no campo de nossa atuação.

De quando elaboramos essa *matriz pedagógica* para os dias atuais, há o amadurecimento de toda uma forma de lidar com os Coletivos a partir dos Programas de Fomento, por exemplo. Isso, na *matriz*, está naquela seta apontada para fora da página como o tópico do *empoderamento*, mas segue a exigir ainda, da equipe, um debruçar-se maior para sistematizar o que tem sido esse *fazer* em específico.

Resta dizer que a sistematização dessa *matriz pedagógica* se deu no

período inicial da pandemia, quando buscávamos uma reorientação para o trabalho com os Coletivos diante de um contexto totalmente inusitado. E que foi muito valioso o tempo de poder nos debruçarmos sobre a nossa prática, *escutando*-a como a um Outro e buscando com ela dialogar.

Esse diálogo é uma constante, porque a realidade é dinâmica — e mesmo sem pandemia exige que estejamos permanentemente a nos re- ver e reinventar. Mas nunca que se cria do nada. A criação parte da experiência vivida. E nesse sentido, um apreço grande que temos tido é pelo registro daquilo que se vive, que se experiencia.

Esse apreço nós temos compartilhado também com os Coletivos. Nem sempre é algo de pronto assimilado porque o trato das infâncias e adolescências com a escola e a pró-

pria língua às vezes de se dá de modo arrevesado, o que leva a antipatizar aquilo que é de uma enorme utilidade no dia a dia, como é a prática dos registros. Nosso papel, nesse sentido, é o de nos constituirmos em referência do quanto o diálogo com a própria experiência é valioso. Tanto para intuir saídas quando a situação é *delicada*, quanto para dar um salto na direção do futuro sem colocar em risco tudo aquilo que se construiu. E isso, só uma *escuta* permanentemente atenta nos permite pleitear.





10.

Experiências & Aprendizagens

Trabalhar formações e formar na ação (sentido da Palavra)

[...] Embora tratando de temas sérios, os encontros nunca devem ser sisudos ou austeros. A alegria é um sentimento permanentemente requerido em ações embasadas na educação popular¹.

Para tratar desse tema, resolvemos trazer, ao invés da nossa palavra ao tratar do sentido da *Palavra*, a palavra de uma adolescente, hoje jovem, integrante do Coletivo Meraki do Gueto.

Certamente que muitos aspectos poderiam aqui ser tratados a partir desse *trabalhar formações e formar na ação*. Mas achamos por bem, nesse momento, deixar que ecoe a palavra dos Coletivos assessorados, mediante esse depoimento.



Oi, sou Tamara Cristina, 17 anos, do *Meraki do Gueto*. O *Meraki* nasceu na Associação Santos Dias em 2017, mas não conhecido como *Meraki*: éramos conhecidos como CAJs, que era o Coletivo de Adolescentes e Jovens. Com o processo do Fomento² foi que a gente teve essa crise de identidade, porque esse nunca foi um nome, nunca nos pertenceu: CAJS é uma metodologia. E a gente teve que passar por esse processo de descobrimento de saber quem éramos, como íamos nos apresentar diante de todos. *Meraki* significa *dar parte de si, fazer algo com alma*, com amor — e esse nome, até chegar lá, foi um processo muito grande. A gente, durante esses últimos meses, monitorou a saúde pública com os nossos postos de saúde. Essa pesquisa nasceu antes do Fomento com a ideia das meninas da Nossa Cara Mandata³, que elas fizeram uma reunião pra gente olhar um parâmetro do nosso bairro, do que a gente sente falta — e dentre todos os temas, a gente quis falar sobre saúde e os nossos postos, que a gente sentiu uma negligência em relação a eles. Primeiro tem que falar do contexto até chegar lá. No nosso bairro tem um anexo, Anexo Costa Freire, que é onde as pessoas do bairro Santa Maria — quase 10.000 habitantes, na verdade, bem mais que isso, 15.000 habitantes — fazem uso desse posto, mas ele não é um posto: ele não marca consultas, e as consultas são muito rasas. Então a gente percebeu o quanto os moradores e usuários, o quanto pais e familiares, tios e

amigos, falando sobre o Anexo, que ele tem a estrutura de uma escola porque foi construído de forma breve, *por enquanto*, por um certo período, mas ele não ficou só por um certo período! Com a pesquisa que a gente fez, a gente falou com os usuários e com os funcionários — e eles chegaram a falar que teve tempo que fechou por conta da falta de refrigeração para as vacinas. E é muito louco, que é um direito nosso que está sendo negligenciado ao ponto de parar pra deixar de vacinar porque não tem refrigeração. As paredes estão caindo aos pedaços — e com isso a gente resolveu que, sim, era um assunto pra jovens comentarem. Esse foi o tema — e a gente juntou o útil ao agradável com o Fomento e como foi dar nessa participação. Eu quero falar muito desse Fomento — e como eu me senti grande e vasta! Eu me senti enorme em relação a isso — e não só como ser social. Saber que minha voz, como jovem, que sempre é calada, gritou tão alto — não só numa *Marcha*⁴ mas, sim, como uma integrante desse Coletivo e como uma participante. Faço parte dessa comunidade! Esse Fomento deu a chance da gente se descobrir e se engajar enquanto periféricos. E quanto a isso, a gente fez essa pesquisa que está em forma de cartilha — que está sendo produzida, mas que ainda não está pronta. Melhor, que está pronta mas não foi impressa ainda. E nessa cartilha a gente fez uma pesquisa de forma *on line*, no Google Formulário. De início seria pra sair nas ruas e bater nas



casas das pessoas, dos moradores, porque eles iam saber quem era a gente, quem era o *Meraki do Gueto*, esses jovens que estão se tornando um Coletivo independente, se desvinculando da Associação Santo Dias. Então a gente se reinventou fazendo essa pesquisa de forma *on line*, porque percebemos a falta de segurança no nosso bairro — e conseguimos entrevistar 245 famílias: 78% delas dependem unicamente do SUS; e das usuárias do Posto, 74% da população não conseguiram encaminhamento para o equipamento que queriam; e mais de 50% da população aqui que fez uso do serviço, desistiu pelo tempo de espera. É o que acontece com essas pessoas que não conseguiram esse encaminhamento, não conseguiram esse serviço de qualidade. Tem um depoimento na nossa cartilha que vai ser apresentada de uma moça que diz que ela conseguiu um encaminhamento para um ginecologista; ela falou: *passei o dia na fila para conseguir o agendamento da consulta; deu tudo certo no agendamento, mas no dia marcado não havia profissional pra me atender*. E nem sentimos o peso [disso] porque banalizamos tanto que não parece que é tão urgente! Temos que gritar e dizer que é nosso direito! E nessa cartilha também percebemos a falta dos remédios, porque 64% dos entrevistados têm doença crônica e fazem uso de medicamento — e mais de 42% das famílias não recebe a quantidade suficiente de medicamento. E um ponto que chamou muito atenção de nós, enquanto jo-

vens, enquanto usuários, foi que 65% desses entrevistados sentem a necessidade de um psicólogo — e o psicólogo liderou o *ranking* das necessidades. E isso prova que a gente não está bem, né? Essa urgência de uma saúde mental de qualidade, por conta da pandemia, mas não só isso: por conta da falta de segurança, por conta de vários direitos nossos que são negados, fazem a gente ter esse adoecimento mental. E a pandemia tirou a vida de mais de meio milhão de brasileiros, que todos tinham amores! E o que acontece com pessoas que perderam seus familiares, enquanto mãe, tio, tia?... É muito louco pensar que parece um privilégio, né, ter uma saúde mental que era pra ser nossa, é um direito nosso! Porque não adianta estar bem do nosso corpo, se nossa mente está cansada, se nossa mente está doente. E vem tudo ligado na questão ambiental. Por conta disso, faz achar que é *luxo*, porque ainda é elitizada a saúde mental! E nós somos jovens que vivemos dois anos presos, não só nós, mas que passamos esse período todo *quarentenado* em um processo de crescimento, vendo que não só a saúde mental, mas a fome estava matando os brasileiros. E parece que é fora do normal, parece utópico ter uma saúde mental de qualidade num posto de saúde! Parece que nem é na nossa realidade: parece que a gente está querendo demais!... E a gente nessa cartilha, que eu falei brevemente — que está toda disponível em QR CODE, essa pesquisa —, fizemos nosso 1º *Sarau do Meraki*



do Gueto, que já vem ligado a esse preconceito que tem quanto aos jovens. Porque se a gente estava falando *do* nosso bairro, então era melhor falar *no* nosso bairro. A gente falou com a diretora de escola pública estadual e, quiçá porque somos jovens demais, não fomos levados a sério. Em todo esse contexto, a gente conseguiu espaço no Cuca Jangurussu, que é um centro de juventude, mas não era no nosso bairro — e não tinha como demonstrar essa nossa revolta, essa nossa luta pras pessoas que moram aqui, por conta da locomoção pra esse lugar. Na Filosofia tem a *qualia*, que é um estado mental que não consegue ser expressado no mundo físico, mas somente no mental, porque é diferente você viver aquilo, você sentir o peso de uma responsabilidade, de que tudo tem que sair conforme o esperado — e não precisa, não precisa sair conforme o esperado! Mas [o evento] ser organizado por um grupo de jovens, que a maioria nem terminou o ensino médio, é muito grande! É muito gratificante! Teve arte, teve música, teve grito de urgência, de que a gente necessitava aquilo! Nesse Sarau a gente pôde revelar e falar que a arte ainda vive! Porque a arte é uma forma de saúde, né? ‘Tá tudo ligado, tudo ligado! E esse dia foi grandioso, grandioso, magnífico! E eu me senti enooorme, em relação a tudo isso! E foi ali que a gente percebeu que a gente *estava sendo* por inteiro! A gente estava sendo por inteiro em relação a esse grupo, a esse Coletivo de luta! Que a gente ofereceu

uma parte que a gente se propôs a fazer — e não só fazer: a estar e sentir! E foi um pulsar de vida! Porque a arte, aquela forma de arte, foi um *escape* na nossa saúde — que numa sociedade ainda robotizada que é trabalhar, estudar, ter um futuro *faça faça*, poucos minutos pra descansar — e ter um momento de ócio, foi gigantesco! Fez muito bem pra nossa saúde! Eu posso falar muito sobre esse *Sarau* e sobre como ele me fez perceber que não precisa estar correndo, que vai dar certo! A gente amadureceu muito rápido, porque foi enorme — e esse processo de correr atrás, de toda essa pesquisa rodada, que a gente ainda ‘tá lutando, porque a gente ainda tem muito *corre* pra fazer, porque não é uma coisa pequena: é uma coisa gigante! A importância pra mim, além de dar voz, é saber que eu sou ouvida! O CEDECA mostrou isso. Esse Fomento mostrou isso: que os jovens são escutados. Por mais que tentem nos calar, a gente grita, a gente é um povo grande, a gente é uma juventude que só quer curtir, aproveitar — a gente é jovem, a gente tem todo o tempo do mundo! Mas não adianta a gente ter todo o tempo do mundo se não temos os espaços de qualidade, não temos uma vida de qualidade. E tem uma música que é do Jaden Smith filho do Will Smith — que tem até no nosso vídeo da *IX Marcha da Periferia*, que foi a nossa 1ª Marcha, e quem diria que a gente ia estar numa Marcha, reivindicando e lutando pelos nossos direitos, pedindo saúde naquela Marcha, que é o nosso direito,



Depoimento de Tamara Cristina, 17 anos, integrante do Coletivo Meraki do Gueto/Ancuri, concedido para relatório de atividades de 2021 no início do ano de 2022.

é nosso, nosso, da periferia, a grande parte da população —, e que diz: “você diz que somos apenas garotos e garotas, eu digo que nós vamos mudar o mundo!” Que nós somos o futuro dessa geração! Eu acredito muito nessa geração! Eu acredito muito que esse Projeto, esse Fomento, não só engajou, mas mostrou que resistimos e existimos! E que talvez daqui a 5 anos, outras pessoas se inspirem no *Meraki do Gueto*, não só por se inspirar, mas fazer história, de reivindicação! E talvez, futuramente, ter um espaço como o 4 Varas⁵, onde a gente se apresentou no lançamento do Monitoramento de Saúde Mental, pesquisa feita pelas meninas do CEDECA sobre saúde pública⁶, e todo esse processo que já se ligou ao nosso projeto. E a padronização de um posto de saúde de qualidade — a gente conseguiu saber na Regional que no bairro ao lado, que realmente tem um posto de saúde, é unificado: a gente pode ser atendido lá! É um direito nosso, que na teoria existe, mas na prática não faz nenhum sentido, nem é comentado aqui. Então, a gente descobriu muito — e ainda temos muito a descobrir! E essa luta, e essa voz, e esse grito dos jovens vai ecoar durante anos e vai fazer uma história magnífica! Nós vamos mudar o mundo, então: é só sentar e assistir a esses jovens que têm essa participação política, social, na saúde, porque você não vê jovens querendo falar sobre a saúde, como a saúde é importante. Mas nós somos esses jovens! Nós estamos aqui⁷!



1. REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS

Trecho retirado do texto Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará de Fernando Leão, ex-Assessor Comunitário do CEDECA Ceará.

2. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

Referência ao Programa de Fomento Poéticas do Cotidiano – o Bo(o)m da Periferia – Do PIRAMBU ao ANCURI, passando pelo BOM JARDIM! – edição 2021.

3. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Referência à Mandata Coletiva Nossa Cara (PSOL-CE), primeira mandata coletiva da Câmara Municipal de Fortaleza, composta por três mulheres negras e eleita com quase 10.000 votos, cujo mandato vai de 2021–2024.

4. PARTICIPAÇÃO & DIREITOS

Referência à IX Marcha da Periferia, que reuniu cerca de 500 pessoas num trajeto que foi da Praça da Bandeira à Praça do Ferreira, na cidade de Fortaleza. A IX Marcha da Periferia foi o momento de culminância do Programa de Fomento edição 2021 e contou com a participação ativa de todos os Coletivos assessorados pelo CEDECA Ceará.

5. MEMÓRIA & TERRITÓRIOS

“O MISMEC 4 Varas: Comunidade que Cuida – é uma entidade civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico e base comunitária. Há 33 anos desenvolve um trabalho na área de prevenção da saúde comunitária, na comunidade do PIRAMBU e adjacências, periferia de Fortaleza, Estado do Ceará. É um projeto interdisciplinar e transcultural do

Departamento de Saúde Comunitária da Pró – Reitoria de Extensão da UFC – Universidade Federal do Ceará.”

(trecho retirado do site <https://www.4varas.com.br/>)

6. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Em 2021 o CEDECA Ceará lançou uma versão resumida do Monitoramento da Política de Saúde em Fortaleza, realizada entre os meses de maio e julho pela equipe do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente. A publicação chama-se A Política de Saúde Mental para Crianças e Adolescentes – é sobre isso e não está tudo bem. Pode ser encontrado no site do CEDECA Ceará.

7. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

Depoimento de Tamara Cristina, 17 anos, integrante do Coletivo Meraki do Gueto/Ancuri, concedido para relatório de atividades de 2021 no início do ano de 2022.

SE PERMITA PERCEBER

PAUSE!

E SÓ RESPIRE
POR UM MOMENTO



11.

Experiências & Aprendizagens

Fortalecendo as identidades coletivas (sentido do Pensar)

Depois de percorrer os 4 sentidos iniciais, passar pelos 4 medianos e adentrar nos 4 superiores, estamos quase chegando ao final do nosso *guia*.

Nesse sentido, para que se fortaleçam em nós as *forças afirmativas dos 12 sentidos*¹, que tal recordarmos algumas das formas pelas quais essas forças vão também ganhando *corpo* nos Coletivos — e se plasmando em ações, incidências, transformações que perpassam a dimensão do Eu, da família, da comunidade e chegam até as políticas públicas?

Tudo começa com o sentido do *Pensar*, quando a gente antes mesmo de botar o pé no Território já vai construindo a ação de chegada dentro da gente, na equipe. Isso implica os estudos, os planejamentos, os diagnósticos — dentre os quais, o DRUP. Mas *implica-nos*, também, enquanto Assessoria Comunitária, no exercício de um *pensar amoroso*, um pensar que parte do nosso centro cardíaco e que se expande por todo o nosso corpo — tal como nossa ação, intencionamos, há de se expandir por todo o Território.

Uma vez feita a *chegança* no Território, vem o *azeitamento* com parceiros. Desse *azeitamento*, ou dessa aliança, tudo se produz, desde a articulação com adolescentes até reuniões conjuntas para procurar soluções para as *delicadezas do cotidiano* que sempre aparecem. Essa relação precisa ser alimentada, nutrida — não só no campo das necessidades mútuas, sejam elas

de que ordem forem, mas no âmbito do afeto e no respeito verdadeiro.

Com o trabalho já em andamento, vêm as *performances & poéticas* — muitas! A partir delas se busca essa ligação intrínseca entre o tema central que é o mote de cada encontro (oficina) e as formas expressivas em Arte. E nisso, as *amorizações*, o trabalho com o corpo, as poesias, cantigas de roda, músicas, o trabalho com as artes plásticas, com a modelagem, com a fotografia, o vídeo, a montagem de cenas, esquetes, as *místicas*, enfim: o trabalho com *imagem/som/palavra* na perspectiva do que o Teatro do Oprimido oferece como ponto de partida — porque como ponto de chegada, a partir dos *repertórios pedagógicos* de cada qual, o céu é o limite!

Daí que quando nos sentamos em roda e adentramos no aspecto das *experiências & aprendizagens*, mesmo

aqueles assuntos muito duros, tortuosos mesmo — sejam de cunho formativo, sejam do âmbito das relações —, já encontram uma base feita para que as discussões, os debates, as decisões se deem com *amorosidade*. Essa *amorosidade*, por sua vez, não significa que não haja conflitos: significa que os conflitos que emergem são acolhidos e tratados para que não virem *sombra* — como a gente já falou lá no início deste *guia*.

Olhando para o trabalho desde a Rede OPA até a chegada do Coletivo Revide, passando por TruP'irambu, Tambores do Gueto (e em algum momento também pelo Palmerê e Comuniginga), chegando no Alium Resistência, Meraki do Gueto e Raízes do Bom Jardim, o que podemos concluir é que, a despeito da base do trabalho ser a mesma, os Coletivos que emergiram desse processo são todos muito singulares — o que nos leva nova-

mente ao *enigma* de que tratamos ao começar este escrito: lidar com esses *organismos vivos*.

Quando reparamos na natureza e em nós mesmos/as, seres humanos, percebemos que tudo tem um *ritmo*. E para possibilitar a cada Coletivo desse se fortalecer na sua singularidade, é preciso perceber o *ritmo* de cada um. Essa percepção é mediada pela pessoa-referência dentro da Assessoria Comunitária no trato com aquele grupo. Porque é a ela que os/as adolescentes se dirigem, é o ponto focal para toda a comunicação e é quem conhece no *miudinho* cada um e cada uma dos/as integrantes dos Coletivos.

Mas essa percepção, ao fim e ao cabo, não pertence só a quem a traz e põe na roda, na equipe, quando dos processos (anuais, mas também mensais, às vezes semanais) de Planejamento, Monitoramento, Avaliação e

Sistematização (PMAS). Uma vez exposta, a questão é tratada com muito cuidado por todos os membros da equipe — e a busca, seja de encaminhamentos, seja de soluções, seja de limites que precisem ser dados é uma construção coletiva.

Como se pode ver, o fortalecimento dos Coletivos se dá tanto na relação direta com eles quanto na relação interna à equipe de Assessoria Comunitária — e que quando preciso, se estende à articulação com outros Núcleos e mesmo com a Coordenação Geral da entidade. Porque para lidar com Coletivos é preciso um outro Coletivo! É preciso muito tato, muita visão, muito equilíbrio, muita escuta, muitos *pensares* e muito sentido do Eu alheio juntos! Realmente não é brincadeira, muito embora a gente procure sempre refúgio na ludicidade.

Nesse aspecto do *ritmo* e do cuida-

do, é bom que não nos esqueçamos de que eles também devem permear as relações dentro da própria equipe que assessora os Coletivos. Nas dinâmicas do ano, do semestre, do mês, das semanas e dos dias, é preciso muito centramento, muita concentração, para que a dispersão gerada pelo grande movimento advindo de tudo o que se empreende não gere *situações-limite* que possam sobrecarregar o que por si só já é de uma enorme responsabilidade.

E para que de todo o cabedal de ações que vimos realizando se possa ter uma ideia de algo mais recente, vamos concluir este aspecto dizendo do último grande encontro desses Coletivos. E vamos trazer esse momento justamente porque dele temos tanto aprendizados quanto *delicadezas* a compartilhar.

No convite feito aos Coletivos para o processo da 1ª Imersão que se preparava, havia:

1ª Imersão das Juventudes – *Encantamentos: Periferia Vive e Cria!*

“É preciso encantar para não sucumbir ao bote da política de extermínio.”

(SIMAS & RUFINO, 2020)

É com muito afeto que o CEDECA Ceará realizará a 1º *Imersão das Juventudes*. Nesta edição teremos como tema: *Encantamentos: Periferia Vive e Cria!* Com esse tema pretendemos por na ordem do dia os encantamentos para a luta política, a vida e a criatividade num mesmo plano de importância para continuarmos resistindo e existindo. Convidamos os Coletivos *Alium Resistência*, *Meraki do Gueto*, *Raízes do Bom Jardim* e *Coletivo REVIDE* a participar — o que também é construir o momento —, pois mesmo com o preparo anterior, só se fará *pronto* a partir do encontro. Mas de uma coisa não temos dúvidas: será lindo! A proposta é que seja um mo-

mento de conexão e reconexão em que *juntos* participaremos de oficinas, místicas, momentos de lazer e construção coletiva, fortalecendo os laços que nos fazem Nós e tecem as Redes de Proteção de crianças e adolescentes. A atividade acontecerá de sexta dia 21 a domingo dia 23 de julho de 2023 na Casa de Retiro Sagrada Família que fica localizada na rua: Dias Coelho, 48 - Estrada Nova- Tapera-Aquiraz.

Por que falar de encantamento?

No dia a dia junto a Coletivos de juventude somos desafiadas a refletir sobre questões muito necessárias. *Como responder com vida a um sistema de desencanto? Como combater a mortandade quando ela se torna algo corriqueiro?* Acreditamos que a afirmação *Periferia Vive e Cria!* nos dá algumas pistas. *Encantar-se para a luta* seria uma estratégia necessária para

enfrentar a política de extermínio das juventudes periféricas, sobretudo, negras. O desencantamento às vezes aniquila, às vezes aquebranta, lançando-nos em uma contínua perda de vivacidade que imobiliza e tampa nossos ouvidos ao canto do pássaro dos sonhos. *É fundamental soprar palavras de força!* Porque o contrário de vida não é a morte uma vez, que a morte quando dentro das leis naturais, faz parte da vida; o contrário de vida é o desencanto. O desencantamento fala sobre desvitalizar, então o desencantamento também se vira contra nós que refletimos e desejamos a transformação do mundo, como ele se encontra, e também é uma forma de alimentar essa lógica e nos imobilizar diante das nossas lutas. Sentimos que não somos capazes, que não conseguimos. *A quem serve o nosso desencantamento?* “O corpo pode ameaçar mais que palavras” — e como diz aquela máxima, *um corpo cansado não revoluciona*. Neste sentido “o encantamento é um ato de desobediência,

transgressão, invenção e reconexão, portanto, contracolonização: afirmação da vida por si e em si. Para honrar e bater tambor aos que nos trouxeram nos ombros, até àqueles que iremos carregar e atar emendando o ciclo. Só há um caminho: *responder com a própria vida*. Cace um silêncio e deixe o ancião TEMPO lhe soprar na alma que *existência é um princípio comunitário*. Assim, está lançada a tarefa do encantamento²!

O convite era tudo de interessante! A proposta metodológica também. Na escolha das oficinas propostas, cada adolescente foi sorteado/a não para aquela de sua preferência, mas para a que tinha menos pendor. O que se pretendia, no entanto, em termos metodológicos, propor como um *desafio*, a princípio terminou por gerar dissensões, mal-entendidos, rixas bobas de um Coletivo com outro — coisas que se

julgava superadas, mas que se plas-
maram com força total. E onde é que
estava o *furo*?

Ora, vivia-se, enquanto equipe, um momento de transição: gente nova entrando, mudança recente da coordenação do Núcleo, férias de uma Assessora Comunitária entre o período de planejamento e o que se ia viver, enfim: uma mudança no *ritmo* interno.

Essa mudança de *ritmo*, ainda que não fosse pauta junto aos Coletivos e mesmo que não tenha provocado descuidos na preparação do encontro, se refletiram de algum modo nele. Porque se, de fato, a *existência é um princípio comunitário* — e tudo nos leva a crer que ela seja —, somos *todes* não só organismos em separado, enquanto indivíduos e enquanto sujeitos sociais: somos um *todo*! E esse todo reflete *tudo*!

Julgamos oportuno trazer esse exemplo, em termos de articulação entre o pensado e o vivido — sem, contudo, a pretensão de esgotar aqui as leituras sobre ele (mesmo porque, é evidente, um fato vivo é bastante complexo para ser relatado em poucas linhas) —, apenas para dar conta disso: da importância da atenção ao *ritmo*.

E para que não saíamos com a impressão de que a 1ª *Imersão* foi um fiasco — o que não corresponde ao vivido —, dizer que quem quiser conferir o final dessa história, assista ao vídeo produzido pelo Núcleo de Comunicação do CEDECA Ceará³. Dele retiramos o poema, escrito por Lídia Rodrigues, Assessora Comunitária e autora dos textos que embasaram o encontro, que dá bem conta de uma proposição que pode evitar as *arritmias* — e, se não, acolhê-las até que as coisas voltem a pulsar no fluxo da sua essência.

Se permita sentir
O barro na mão
A grama no pé
As emoções transbordando
Do coração ao papel
Se permita continuar sentindo fé
Do voo ao pouso
À imersão
Aquela perene sensação
De sentir a si mesmo enquanto pisa o chão
Abra caminho para o artista que vive em você
E se permita perceber
Que Arte não é só perfeição
Pare — e só respire por um momento!
Perceba que *encantamento*
É sobretudo intenção.



1. DESAFIO

Sentidos iniciais

Tato – une a percepção do mundo com a percepção de si mesmo/a.

Vital – possibilita serenidade e independência.

Movimento – produz entusiasmo e leveza.

Equilíbrio – base da autoestima, desapego e altruísmo.

Sentidos medianos

Olfato – base da integração, empatia, compaixão.

Paladar – base física para o senso estético.

Visão – base física para experimentação do mundo com equanimidade.

Térmico – base para o domínio de si, para a paciência, para a tolerância.

Sentidos superiores

Audição – revela a essência de cada coisa, produz concentração.

Palavra – base da coragem, da diplomacia, da percepção da Arte.

Pensar – base do silêncio interior, da apreensão dos fenômenos na sua essência.

Eu alheio – base da capacidade de percepção do Eu do Outro.

Depois de apreciar o que cada sentido em particular pode potencializar no ser humano ou nos organismos sociais, qual seria, dentro do seu trabalho, o sentido dos 12 sentidos nas múltiplas relações existentes dentro e fora do seu Coletivo, entidade ou comunidade?

2. REFERÊNCIAS & REVERÊNCIAS

Escrito com inspiração, citações e recortes do texto – Encantamento – sobre política de vida de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino.

3. SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA!

Para conferir, escaneie o QR code:



SE PERMITA SENTIR

→ O BARRO NA MÃO • A GRAMA NO PÉ ←

AS EMOÇÕES TRANSBORDANDO

♥ DO LORÇÃO AO PAPEL ♥

SE PERMITA CONTINUAR SENTINDO FÉ

DO VÔO AO POUSO À IMERSÃO

AQUELA PERENE SENSACÃO DE

PISA

ABRA CAMINHO

→ QUE VIVE

E SE PERMITA PERCEBER

PARE!

E SÓ RESPIRE

POR UM MOMENTO

.....→

SENTIR A SI MESMO ENQUANTO

O CHÃO

PARA O ARTISTA

EM VOCÊ ←

QUE ARTE NÃO É

SÓ PERFEIÇÃO"

PERCEBA QUE

ENCANTAMENTO

É SOBRETUDO INTENÇÃO.

Urdia Rodrigues

12.

Experiências & Aprendizagens

Fomentando a autonomia e a auto-organização (sentido do Eu alheio)

Chegando ao final do nosso guia, não há como adiar o encontro com as questões que nos inquietaram e inquietam.

A primeira delas diz respeito a um fato: um Coletivo não dura para sempre, sobretudo quando não se renova. Na nossa experiência, foi o que se deu com a Rede OPA.

O curioso nisso tudo, a despeito inclusive do que já expusemos sobre a própria leitura de integrantes da Rede de que *nenhuma luta morre/quando fica viva na gente*, é a sensação de *pesar* que de algum modo emana ao se tocar nesse assunto.

Como diz Mara Carneiro — que assessorou a Rede OPA praticamente do seu início ao fim, e que hoje coordena o CEDECA Ceará: *a gente sofre pra sair de um grupo*. E ensinando não *resolver*, mas pelo menos *jogar luz* sobre essa questão que paira como uma *sombra* sobre nós, eis-nos aqui a trazê-la para a roda.

Olhando, depois, para o TruP'irambu e o Tambores do Gueto, também não foi fácil a transição. Nem para eles próprios nem para nós. Sobre tudo para quem se encontra no papel de Assessoria Comunitária quando é chegada a hora dos Coletivos migra-

rem para o lugar de parceiros.

Uma hipótese possível pode ser a de que o nosso sentido do Eu alheio ou Eu do Outro se expanda ao ponto de trazermos para nós as questões que são deles, dos Coletivos. E nesse sentido, uma orientação pode ser caminhar para aceitar: o que nos cabe nessa hora é cultivar a calma interior, desapegar do papel anterior e confiar neles.

Aprendendo conosco mesmas (pois sendo uma entidade, hoje, constituída em sua maioria por mulheres, concedemo-nos a liberdade de concordar no feminino), ao chegarmos à terceira grande experiência no trato com Coletivos de Adolescentes e Jovens Auto-organizados, estamos tentando traçar algumas estratégias.

A primeira delas é delinear um tempo de permanência da Assessoria Comunitária junto aos Coletivos — não como uma *camisa de força*, mas para

poder ter parâmetros mais razoáveis sobre como ir tratando esse assunto, colocando-o na ordem do dia e de forma a tirá-lo desse lugar de *sofrimento*. (Porque, se bem pensarmos, um Coletivo nunca vai estar *pronto*. E, a bem da verdade, nem nós estamos!...)

Daí que esse parâmetro foi estabelecido em torno de cinco anos.

A segunda estratégia tem sido, desde já o finalzinho da transição do TruPirambu e do Tambores, mas agora com muita consciência na transição de Alium e Meraki, propor os Programas de Fomento.

O CEDECA Ceará por muito tempo se recusou a estar numa relação com os Coletivos mediada por algum tipo de recurso financeiro, quer no formato de bolsa, quer de ajuda de custo, enfim.

Como já dissemos, porém, a pandemia foi um marco entre um *antes* e um *depois* em muitos aspectos. E nes-

se sentido, seria um contrassenso não dar ouvidos à necessidade advinda dos Coletivos no sentido de dispor de recursos para tocar suas atividades¹.

De forma que os Programas de Fomento, e com mais ênfase agora essa edição de 2023, têm sido pensados como esse momento de *transição*, em que o Coletivo sai de uma Assessoria Comunitária mais direta e constante e passa a ter momentos de encontro conjuntamente acordados ao modo de uma consultoria, digamos assim².

No escopo do Programa de Fomento, portanto, estão *dispostos possíveis*³ que os próprios Coletivos podem desenvolver, quer no campo da gestão interna, na gestão dos recursos, em formações e em ações nos Territórios — e agora, também, em Rede⁴.

Dito tudo isso, compartilhar também que ao longo do tempo, e certamente porque isso reflete também

uma condição nossa, percebemos um amadurecimento na relação dos Coletivos com o próprio CEDECA Ceará.

Não é preciso dizer, mas a gente diz assim mesmo, que uma relação contínua com esses Coletivos não se faz sem grandes *delicadezas do cotidiano*. O que é interessante observar, no entanto, é que se nós, naquela premissa da *educação como autoeducação*, ao nos depararmos com alguma questão — por mais *alheia* que nos pareça —, a tratarmos com o devido respeito, as coisas caminham. E isso é de uma importância fundamental, porque o *ritmo* do trabalho depende também do fluxo dado a essas *delicadezas*, e não apenas das nossas *expertises* em campo tal ou qual.

Enfim, como dissemos no começo deste *guia*, este longe está de ser algo conclusivo quanto a qualquer dos aspectos de que tratamos aqui. E sobre

este último, então, muito menos.

Que nos fique, porém, a referência de todos esses processos como *possíveis* no campo dos processos educativos quanto à formação, fortalecimento e fomento a Coletivos auto-organizados. Se um pouco do que fizemos e dissemos fizer sentido para quem nos lê, este *guia* terá cumprido sua missão.

E sobre este não ser um *guia* muito *diretivo* (no sentido de mais levantar questões do que respondê-las), dizer que tem a ver com a nossa prática. Com tantos *senões* ao longo da nossa trajetória, é quase certo que não estaríamos aqui a falar de 30 anos de experiência nesse mister, se ao invés de olhar cada situação como única, houvéssemos imposto nossas *previsões* sobre elas.

Por isso também, mas por tudo e *todes* que estiveram e estão conosco nessa construção, nossa imensa gratidão!



1. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

No Programa de Fomento de 2021, momento de pós-pandemia com todas as suas consequências nefastas (sobretudo num país como o Brasil que viveu, para além da pandemia, um governo neofascista cuja ação foi devastadora para as populações pobres e periféricas), inclusive, decidimos pela inclusão de bolsas individuais para os/as jovens naquele momento, caso do TruP'irambu e do Tambores do Gueto.

As ajudas de custo previstas o foram em função de que havia uma crise profunda no âmbito daquilo de que já tratamos também, relativo à passagem da adolescência para a juventude e o trato com o mundo do trabalho.

2. DELICADEZAS DO COTIDIANO

Para que se tenha ideia do quão delicada é essa transição, a partir do que planejamos e acordamos com os Coletivos, o Alium deveria ter feito a passagem para uma outra condição já no início do ano de 2023. Uma série de atravessamentos vividos pelo Coletivo, no entanto, nos levaram a repensar esse prazo — e só a partir da edição do Programa de Fomento 2023 (julho-agosto) foi que ela de fato passou a se dar.

3. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

A despeito da condição de transição e de se caminhar para a condição de parceiros, a relação que estabelecemos segue sendo de plena cooperação, vale dizer: estamos juntos para o que o Coletivo nos demanda em termos de consultoria quando o mote é a mediação de conflitos ou a partilha de saberes acerca de quaisquer dos temas em que estejam com dificuldades, bem como nos aspectos da gestão, comunicação, entre outros. Só que a partir de então é preciso uma iniciativa do Coletivo, no sentido de expressar essa necessidade, para que de fato não adentremos no seu fazer tendo por base apenas a nossa percepção.

4. AZEITAMENTO

O Programa de Fomento edição 2021 teve muito, olhando-o de onde o vemos hoje, um caráter de azeitamento do que viria depois. Nesse sentido, apesar de haver premissas para a apresentação dos projetos, eles não tinham tão amarrada a relação entre a ação a ser desenvolvida no Território e o objetivo nosso de ir ao encontro daquilo que promove condições para promoção da proteção de adolescentes contra os homicídios e toda forma de violência institucional. De modo a poder afirmar que aquele Programa de Fomento foi um grande exercício para que o atual seja um possível.

Repertórios Pedagógicos

sobre a importância da Logística

Então. Não seria possível concluir este *guia* sem dizer de algo fundamental em tudo que realizamos, que é o trabalho da Logística¹.

Este, em princípio (lá nos idos da Rede OPA), foi realizado pelo que se chamava de Assessoria de Logística; depois passou a ser realizado pela própria Assessoria Comunitária, dentre as suas muito atribuições — e mais recentemente voltou a ter uma pessoa em específico para dar conta dessa função dentro do trabalho de formação, fortalecimento e fomento a Coletivos auto-organizados.

Aqui, para não entrarmos em muitos detalhes, vamos dizer do que é necessário, em termos de trabalho de Logística, para que a Assessoria Comunitária se faça.

Nesse sentido, vamos trazer aqui o que é de responsabilidade tanto da pessoa hoje contratada para a função de Assessoria de Logística, dentro do Núcleo da Formação Política & Mobilização Comunitária, mas também muito do que as próprias Assessoras Comunitárias realizam para poder cumprir com o que é planejado.

E, dialogando com o que dissemos ao longo deste *guia*, o que vamos trazer a seguir é um *ritmo* que o trabalho assume para que na construção de uma meta, de um objetivo, o fio condutor perpassasse os processos no fluxo desejado.

Como tudo no mundo, esse *ritmo* tem, em exercício no cotidiano, suas *delicadezas*. É muito bonito, no entanto, perceber que as maiores coisas que realizamos têm por base aquilo que parece (só *parece*) pequeno no dia a dia. Porque, ao fim e ao cabo, não há nada de pequeno ou grande: há o que precisa ser feito com amor.

Ritmos² da Assessoria Comunitária

Ritmo interno

- Realizar leituras/apropriar-se de documentos institucionais (PPI/ Política de Gênero/PIR/ Protocolo de Segurança... entre outros);
- Participar de reuniões de PMA(S) e Reuniões de equipe;
- Participar de reuniões do Núcleo de Formação Política & Mobilização Comunitária;
- Participar da construção do Plano Operacional Anual (POA) do Núcleo de Formação Política & Mobilização Comunitária;
- Participar de reunião com par-

ceiros financiadores;

- Realizar prestação de contas;
- Contactar fornecedores.

Ritmo externo

- Realizar articulação com parceiros nos Territórios (contatos/convites/reuniões de alinhamento/devolutivas/incidências conjuntas/lutos/comemorações);
- Participar em espaços de articulação (redes, fóruns);
- Participar de intercâmbios (com outras entidades, redes, fóruns — no âmbito da cidade, do estado e do país).

Ritmo dos encontros semanais

- Entrar em contato com os parceiros dos Territórios e confirmar os espaços para encontros (oficinas);
- Mobilizar para atividades semanais (e para as que não estão no planejamento) dos Coletivos;
- Encomendar a alimentação para os encontros (oficinas);
- Providenciar material pedagógico para as oficinas (cartolinas/tarjetas/canetinhas/canetas/ textos...);
- Providenciar frequência, boletim coletivo (recibo das passagens) e roteiro do encontro impresso;
- Informar nos grupos de *WhatsApp* sobre os encontros e/ou mudanças de datas e/ou documentos necessários para levar para os encontros;
- Realizar contatos individuais com representação dos Coletivos (por exemplo: para entrega de autoriza-

- ções, na residência ou na sede do parceiro territorial, quando da participação em eventos externos ao Território com pouco tempo para articulação);
- Planejar os encontros/criar roteiro dos encontros (oficinas);
- Separar documentos para cada encontro (frequência/recibo coletivo/ autorizações);
- Separar material para os encontros semanais (cartolinas/ canetas/ pilotos...etc.);
- Realizar estudos de apropriação/ pesquisas de material pedagógico para os encontros (por exemplo: procurar músicas/poemas/jogos de Teatro do Oprimido/documentos institucionais/ preparar slides, entre outros, para *amorizações, azeitamentos, místicas, performances & poéticas*);
- Elaborar documentos para cadastro e organização dos Coletivos (ficha de inscrição/autorização de imagens/

autorização de imagem específicas de financiadores/autorizações para saídas para fora do Território);

- Organizar os documentos preenchidos (fichas de inscrição/ autorizações) por Território, fazer levantamento de documentos que faltam receber preenchidos, armazenar os dados nos arquivos físicos e digitais;
- Fazer relatoria dos encontros;
- Subir fotos dos encontros/oficinas para o drive do Núcleo;
- Programar, articular e realizar reunião com pais/mães e/ou responsáveis;
- Planejar, articular e realizar reuniões com a Comissão de Participação do CEDECA Ceará (com toda a Logística que as reuniões, como as atividades semanais, demandam);
- Acompanhar os grupos de *WhatsApp* de cada Coletivo (pessoas-referência);

Ritmo dos eventos anuais (Escolas de Formação para Juventude, Imersão)

- Realizar planejamento (tema, local, período, quantidade de participantes, oficineiros/as, levantamento da logística necessária);
- Organizar documentos (cadastros/divisão dos quartos/lista de frequência...);
- Propor, aprovar e difundir a temática escolhida a partir de escrita reflexiva a ser compartilhada com todos os Coletivos, parceiros, público em geral;
- Realizar visita técnica para escolha do espaço de acordo com os parâmetros dispostos na PPI;
- Realizar contato, diálogo e negociação com fornecedores do espaço/alimentação/brindes/transporte;
- Repassar dados para o Núcleo de Comunicação e realizar mediação com oficineiros/as (entrar em contato, pe-

dir dados, enviar dados CEDECA para nota fiscal, conversar sobre prazos, solicitar pagamento ao financeiro, comunicar pagamento aos/às oficinas/as);

- Realizar relatoria do encontro e avaliação com Coletivos e com Núcleo.

Ritmo das Marchas da Periferia

- Participar das reuniões de preparação e das Pré-Marchas nos territórios (rodas de conversa, customização das blusas, voucher para transporte e/ou solicitação do transporte);
- Articular-se com outros Núcleos do CEDECA para a Marcha;
- Realizar contato com fornecedores para serviços/itens necessários (transporte, água e merenda) para o dia da Marcha;
- Realizar contato com parceiros que se responsabilizam pelos Coletivos nos seus Territórios;

- Realizar acompanhamento e cuidado com cada pessoa dos Coletivos nos espaços da Marcha.

Ritmo nos espaços de incidência política

- Realizar mediação inicial para participação dos/as adolescentes;
- Solicitar recursos ou voucher para transporte dos/as adolescentes;
- Solicitar alimentação ou fazer contribuição para alimentação junto à entidade parceira ou movimento parceiro (rede, fórum);
- Acompanhamento (quando não presencial, à distância) da participação dos/as adolescentes.

Desafio Final

A Experiência de Formação, Fortalecimento e Fomento³ a Coletivos de Adolescentes e Jovens Auto-Organizados e os Programas de Fomento em um possível passo a passo

Percorridos todos esses ciclos da vida institucional do CEDECA Ceará em que nos detivemos na Experiência de Formação, Fortalecimento e Fomento a Coletivos de Adolescentes e Jovens Auto-Organizados, por que não tentarmos um *passo a passo* sobre o que foram esses ciclos, não como uma *receita*, mas como um *possível*?

Chamamos a atenção sobre esses aspectos porque eles podem, depois de todo esse percurso, nos auxiliar na construção de uma *imagem* que dê conta do processo como um todo.

A isso chegamos olhando para a experiência com muito respeito e reverência, mas também com algum distanciamento para que possamos vê-la melhor — e, assim, dispô-la como referência para que seja útil à sua.

Como um último *desafio*, então, que tal, com seu coletivo, entidade ou grupo, pensar de que forma se pode sintetizar os aspectos mais importantes do seu trabalho? É um ótimo exercício! A ele, então!

Passo a passo da Experiência de Formação, Fortalecimento e Fomento a Coletivos de Adolescentes e Jovens Auto-Organizados

0 - Cedeca

1º passo - Atuação do CEDECA Ceará nos temas relativos à prioridade absoluta dos direitos humanos de crianças e adolescentes nas políticas públicas.

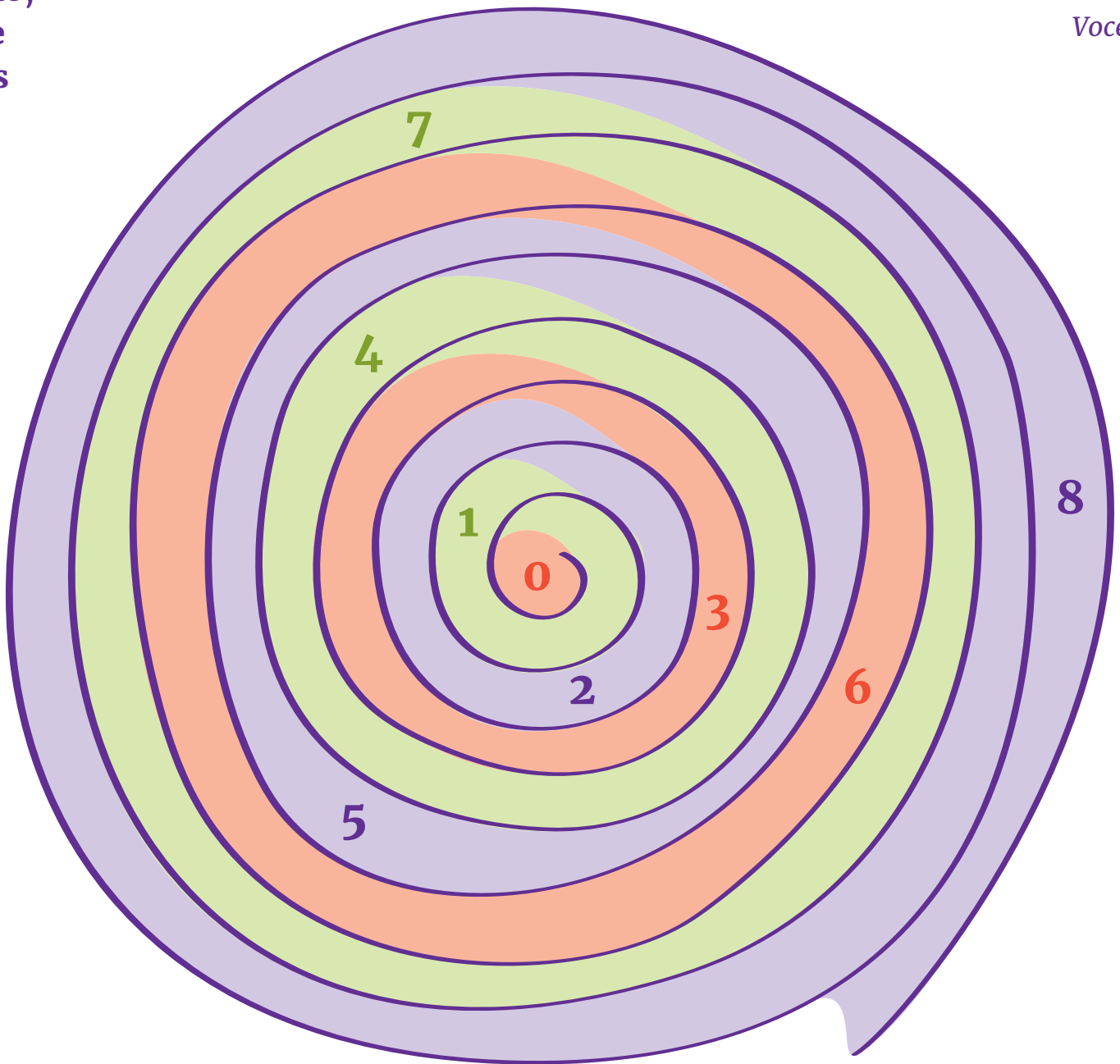
2º passo - Análise de conjuntura das situações de violência/violações de direitos, dados e/ou situação de violência emblemática para definir o Território de atuação.

3º passo - Mapeamento territorial e das instituições, para conhecer o Território e *parceirizar* com uma instituição local para realização de diagnóstico da realidade local.

4º passo - Mobilização de sujeitos para formação do Coletivo e início da relação de construção de vínculo.

5º passo - Elaboração da metodologia (Matriz Pedagógica) onde se articulam os temas prioritários para atuação da entidade em diálogo com os temas que passam a emergir dos Coletivos, tendo no trabalho com a Arte

Como imagem desse passo a passo trazemos uma espiral. Você pode, porém, criar também a sua! Que tal tentar?



(Teatro do Oprimido) o mote a partir do qual todo o trabalho se desenvolve.

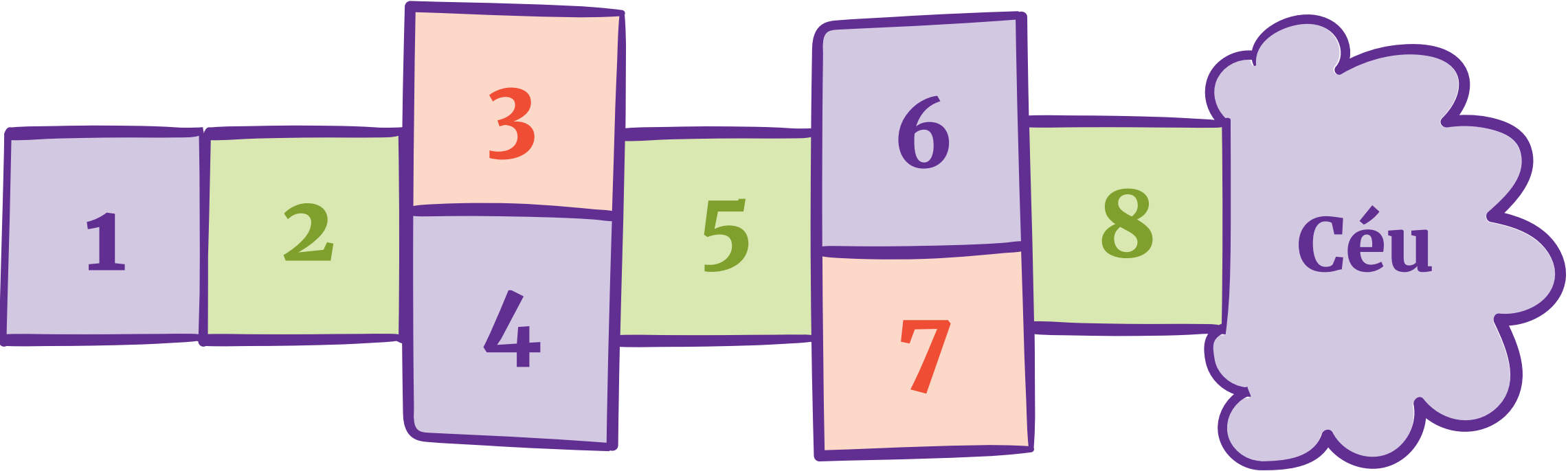
6º passo - Identificação de pautas prioritárias para cada Coletivo e construção da identidade coletiva.

7º passo - Fortalecimento dos sujeitos Coletivos a partir de projetos de intervenção no seu Território que dialoguem com outros Coletivos e Territórios da cidade — e em que todas as atividades de mobilização façam parte das formações em ação que desembocam no trabalho da Rede de Juventudes.

8º passo - Transformação da relação da entidade com os Coletivos de Adolescentes e Jovens da qualidade de assessorados para grupos parceiros, estabelecendo com estes parâmetros cada vez mais equânimes de parceria e de fortalecimento do campo de atuação pela defesa e promoção dos direitos humanos de criança e adolescente na cidade, no estado e no país.

**Passo a passo da Experiência de Formação,
Fortalecimento e Fomento a Coletivos de
Adolescentes e Jovens Auto-Organizados**

*Como imagem dos Programas de Fomento trazemos
uma Amarelinha. Que tal brincar com ela?*



1º passo – Análise contextualizada (Coletivo identifica o que gostaria de modificar no território)

2º passo – Construção do Projeto (Assessoramento para articulação do que gostariam de modificar e que ações serão necessárias. pensando objetivos, metas e resultados.)

3º passo – Oficina de prestação de contas

4º passo – Execução do projeto

5º passo – Monitoramento do Projeto

6º passo – Avaliação

7º passo – Prestação de contas

8º passo – Relatórios finais



1. DAS DELICADEZAS DO COTIDIANO

Esse aspecto da Logística é algo que às vezes passa batido, como a gente diz — ou seja, é um trabalho invisibilizado, sobretudo quando tudo funciona bem! Se há falha, erro ou equívoco, geralmente se atenta muito para essa função, mas nossa intenção aqui é ressaltá-la a partir de seu viés afirmativo e para que se possa ter, do trabalho, uma percepção de modo ampliado.

SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA

No CEDECA Ceará, de modo geral, as pessoas que entram na entidade como estagiárias e depois seguem como Assessorias em quaisquer das áreas, não raro aprendem como é que se organiza um encontro, um evento, uma mobilização desde o primeiro telefonema de articulação até pensar na água para distribuição na hora da incidência de rua. E para não deixar de dizer, nós temos a graça de ter hoje na Coordenação Geral da entidade uma pessoa que passou pela função de Assessoria de Logística. Esse percurso tanto diz dos muitos possíveis em termos de uma trajetória pessoal na entidade, mas, mais que isso, diz de um olhar atento, existente na entidade, para as questões de Logística como intrínsecas às ações políticas — o que é da maior importância para a realização do trabalho que se faz.

2. EXPERIÊNCIAS & APRENDIZAGENS

Nesses ritmos compartilhados não incluímos a fase recente de transição dos Coletivos para a Rede de Juventudes. Esse aspecto está em total processo de experiência e aprendizagem.

3. REPERTÓRIOS INSTITUCIONAIS

O Programa de Fomento edição 2021 se propôs a acolher iniciativas dos Coletivos por meio de um Programa Experiencial de Bolsas de Ajuda de Custo. Este aconteceu em paralelo ao Programa de Fomento aos Grupos de Jovens/Adolescentes nos Territórios, com vistas a desenvolver iniciativas que impactassem afirmativamente os Territórios e culminassem na Marcha da Periferia de Fortaleza e no Sarau EscamBoal. O objetivo era apoiar iniciativas com potencial enorme de afirmação das periferias e de suas poéticas do cotidiano.

Não se tratava, é importante dizer, de uma “transferência de renda”, mas de um percurso educativo onde todes foram aprendizes e corresponsáveis por todo o processo, passando pelo planejamento, execução e avaliação de recursos até a prestação de contas junto ao CEDECA Ceará. O processo culminou com experiências afirmativas centradas em alguns eixos: história & memória, lutas & resistências, arte & cultura, guardiãs & guardiões dos territórios — tendo nas juventudes, em especial, uma grande guardiã dessa construção, no tempo presente e do devir desses Territórios!

(Texto baseado no “Guia Rápido de Como Participar do Programa de Fomento Poéticas do Cotidiano – Do Pirambu ao Ancuri, passando pelo Bom Jardim – O bo(o)m das Periferias!”)

Mística Final

nossa gratidão

Chegando realmente ao final do nosso *guia* nesse passeio por 30 anos quanto à Experiência de Formação, Fortalecimento e Fomento a Coletivos de Adolescentes e Jovens Auto-Organizados, resta-nos agradecer.

Começamos por expressar nossa gratidão a todas as crianças, adolescentes e jovens que estiveram, estão e seguirão conosco nessa caminhada. Fazemos isso através da reverência aos Coletivos Trup’irambu, Tambores do Gueto, Alium Resistência, Meraki do Gueto, Raízes do Bom Jardim e Coletivo Revide.

Agradecer a todas as pessoas que passaram pela Assessoria Comunitária do CEDECA Ceará. E para não incorrer em esquecimento ou erro, fazemos isso sem citar nomes e a partir da equipe atual do Núcleo de Formação & Mobilização Comunitária — estendendo esse agradecimento até os primeiros Assessores Comunitários, em 1994.

Agradecer depois a todos os parceiros: nos Territórios, nas lutas pela efetivação da prioridade absoluta de criança e adolescente em todas as esferas

— e nisso que é o financiamento de nossas ações, sem o que nada disso seria possível. Nesse sentido, citar Save the Children, KindernotHilfe (KNH), Misereor, Itaú Social, Fundo Brasil de Direitos Humanos, Fundação Ford, Open Society e Fundo ONU para vítimas de tortura.

Agradecer, ainda, a toda equipe do CEDECA Ceará — a que ora faz parte de nossos quadros, mas a todos, todas e *todes* que passaram pela entidade ao longo desses 30 anos, bem como a todos/todas Associados e Associadas, Conselhos Fiscal e Diretorias que voluntariamente tem contribuído para chegarmos até aqui.

Por fim, agradecer às *forças* todas que nos permitiram/permitem seguir atuantes e gratos/as, no cumprimento de nossa Missão.

Referências & Reverências

ARARIPE, Ângela de Alencar Araújo. **Criança e Adolescente no Brasil: porque o abismo entre a lei e a realidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

ARAÚJO, Francimara Carneiro. “*Bem Vido Au Inferno*”: *Vidas, Mortes e Resistências no Sistema Socioeducativo do Ceará (2006-2022)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para obtenção de título de Doutora em Sociologia, 2022.

_____ & CASTRO, gigi. *A arte e o cuidado vinculantes na pandemia: a experiência do CEDECA/CE no acompanhamento a adolescentes, jovens e grupos de mães das periferias de Fortaleza* in GUAZZELLI, Raphael; FERREIRA, André & SILVA, Max. **Escola e Educação em perspectiva**. Recife: Ed. UFPE, 2022. (Coleção GEPIFHRI)

BLANCO, Gerardo Antonorsi. *Os 12 Sentidos*.

Sociedade Brasileira de Médicos Antroposóficos, s/d. (apostila)

CARLOS, Caio Anderson Feitosa; SOUSA, Edivânia Marques de & BRAZ, Marina Araújo (org). *Relatório Ocupações das Escolas Públicas no Grande Bom Jardim*. Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2018. 88p.

CASTRO, gigi. *Direito a Ter Direitos – Relatório de Avaliação do Projeto*. 2017.

CDVHS. *Caminhadas Pela Paz* (digitado).

CEDECA Ceará. **A Experiência do CEDECA Ceará na Incidência em Orçamentos Públicos**. (Textos de Carla Moura e Gabriel Matos). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.

_____. **A Política de Saúde Mental para Crianças e Adolescentes em Fortaleza – é sobre isso e não está nada bem** (Texto

de Ingrid Lorena da Silva Leite et.al). 2021.

_____. *Diagnóstico Rápido Urbano Participativo – DRUP – Conhecendo a realidade do Grande Pirambu, do Grande Bom Jardim e do Grande Jangurussu*. Fortaleza: 2017.

_____. *Diagnóstico Rápido Urbano Participativo – DRUP – Conhecendo a realidade de 4 (quatro) territórios periféricos da cidade de Fortaleza: Grande Pirambu, Grande Bom Jardim, Grande Jangurussu/Ancuri e Vicente Pinzón/adjacências*. Fortaleza: 2022.

_____. *Alium Resistência – Relatoria Atividades do Ano*. 2021.

_____. *Alium Resistência – Relatoria Atividades do Ano*. 2022.

_____. *Amarelinha do Tempo – Alium Resistência, Meraki do Gueto e Raízes do Bom Jardim*. 2022.

_____. *III Escola de Formação Política para as Juventudes – Matriz Pedagógica*. 2020.

_____. *Ludo da PPI (jogo)*. 2020.

_____. *Meraki do Gueto – Relatoria*

Atividades do Ano. 2021.

_____. *Meraki do Gueto – Relatoria Atividades do Ano*. 2022.

_____. *Nota técnica n.9 – Infância, Gênero e Orçamento Público no Brasil*. 2020.

_____. *Participação Política de Crianças e Adolescentes* (Texto de Marina Araújo Braz). 2017.

_____. *Política de Proteção Infanto-Juvenil/PPI*. 2019.

_____. *Programa de Fomento aos Grupos de Jovens/Adolescentes Poéticas Do Cotidiano: do Pirambu ao Ancuri, passando pelo Bom Jardim – o bo(o)m das periferias!* – edição 2021.

_____. *Novo Programa de Fomento do CEDECA Ceará para Coletivos Assessorados* – 2023.

_____. *Raízes do Bom Jardim – Relatoria Atividades do Ano*. 2021.

_____. *Raízes do Bom Jardim – Relatoria Atividades do Ano*. 2022.

_____. *Relatoria da Formação em Educação Popular*. 2021.

_____. *Relatórios Institucionais*. (1996–2022).

_____. *TOPO? TOPA? – Relatoria Atividades do Ancuri*. 2020.

_____. *TOPO? TOPA? – Relatoria Atividades do Bom Jardim*. 2020.

_____. *TOPO? TOPA? – Relatoria Atividades do Pirambu*. 2020.

FERREIRA, Darlan Schottz. **A Educação Infantil e os 12 Sentidos**. (PDF)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEÃO, Fernando Antonio Fontenele. *Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará in Revista Educação, Artes e Inclusão*. Vol.18 n.2, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178182202257>

MASULLO, Alessandra. *DRUP – Diagnóstico Rápido, Urbano e Participativo*. Fortaleza: Diaconia (PDF).

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Encantamento – sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação – I**.

O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia. São Paulo: Antroposófica, 2003.

_____. **O desenvolvimento saudável do ser humano: uma introdução à pedagogia e à didática antroposóficas**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2008.

_____. **Os Doze Sentidos e os Sete Processos Vitais**. Editora Antroposófica: São Paulo, 2012.

XIMENES, Salomão B. & BRAZ, Marina Araújo et. al. “Ao Vivo é Muito Pior”: direitos, resistência e repressão aos estudantes nas ocupações de escolas do Ceará. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes & GROppo, Luis Antonio (org.). **O Movimento de Ocupações Estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 328p.

ZWEIS, Connie & ABRAMS, Jeremiah (org.) **Ao Encontro da Sombra – o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Editora Cultrix (PDF).

Amorização Final

Ficha técnica

Esta experiência tem como autoria tanta gente que não seria possível enunciar. Para registrar, porém, os esforços feitos no sentido de plasmar este *guia*, segue esta *amorização* final, na certeza de que muitas pessoas ao que aqui se apresentou ainda se somarão para dar seguimento a esta história.

Autoria do guia

Cianna Braga

Francimara Carneiro

Joice Forte

Jefferson Santos

Labelle Silva

Lídia Rodrigues

maria gigi Tubiba

Marina Araújo Braz

Talita Maciel

Thiago Mendes

Autoria de *poéticas* (texto/poesias) dos Coletivos citadas no guia

Tamara Cristina (Meraki do Gueto)

Produção coletiva de *poesia de dobra*
(Alium Resistência)

Iasmym Silva (Raízes do Bom Jardim)

Geovane Rodrigues
(Tambores do Gueto – *in memorian*)

Felipe Sullivan (Tambores do Gueto)

Eli Rodrigues (Tambores do Gueto)

Dudu Costa (TruP’irambu)

Equipe de organização e de apoio à construção do *guia*

Thiago Mendes
(produção e edição do *guia*)

Suzana Moreira
(Núcleo de Comunicação do CEDECA Ceará)

Sílvia Letícia Martins da Silva
(Organização do *guia*)

Maria gigi Tubiba
(Escritura, organização e revisão do *guia*)

Jack de Carvalho
(Núcleo de Comunicação do CEDECA Ceará)

Produção gráfica
Don Andrade

Ilustrações
Mayara de Araújo

Realização



Tradução em espanhol
Rama Flores
CEDECA Ceará (p.52–65)

Imagens
Arquivos de CEDECA Ceará
Ícaro Joatama (p.54)

Com o apoio de



Todos os textos desta publicação estão sob licença Creative Commons. Podem ser, portanto, reproduzidos em qualquer meio, sem a necessidade de autorização prévia, desde que citado o CEDECA Ceará como fonte.

Esta publicação foi financiada pela Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, ASDI. A responsabilidade pelo conteúdo é inteiramente do CEDECA Ceará. A ASDI não necessariamente compartilha das opiniões e interpretações expressas

